



Le ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin





A

# MORTE ALMA

DE

ALZADO

POR  
ALUIZIO AZEVEDO

RIO DE JANEIRO  
**FAUCHON & C<sup>te</sup>**  
 LIVREIROS EDITORES  
 125 RUA DO OUVIDOR 125  
 1893





A MORTALHA  
DE ALZIRA

OBRAS DE ALUIZIO AZEVEDO  
ROMANCES

- UMA LAGRIMA DE MULHER. — 1879. Maranhão. Edição esgotada.  
O MULATO. — 1880. Maranhão. Edição esgotada, 1889. Rio de Janeiro. Nova edição.  
MEMORIAS DE UM CONDEMNADO. — 1881. Rio de Janeiro. Edição esgotada.  
MYSTERIO DA TIJUCA. — 1882. Rio de Janeiro.  
CASA DE PENSÃO. — 1883. Rio de Janeiro. Edição esgotada.  
PHILOMENA BORGES. — 1883. Rio de Janeiro. Edição esgotada.  
O CORUJA. — 1885. Rio de Janeiro. Nova edição.  
O HOMEM. — 1887. Rio de Janeiro. Nova edição.  
O CORTIÇO. — 1890. Rio de Janeiro.  
A MORTALHA DE ALZIRA. — 1893. Rio de Janeiro.

NOVELLAS E CONTOS

- DEMONIOS. — 1893. Rio de Janeiro. Um vol. in-8 composto de doze peças.

THEATRO

- O MULATO. — 1884. Drama em 3 actos. Representado no theatro *Recreio Dramatico*.  
CASA DE ORATES. — 1882. Comedia em 3 actos. Collab. com Arthur Azevedo. Theatro *Sant'Anna*.  
FLOR DE LIZ. — 1882. Opereta em 3 actos. Collab. com Arthur Azevedo. Theatro *Sant'Anna*.  
PHILOMENA BORGES. — 1884. Comedia em 1 acto. Theatro *Principe Imperial*.  
VENENOS QUE CURAM. — 1885. Comedia em 4 actos. Collab. com Emilio Ronede. Theatro *Lucinda*.  
O CABOCLO. — 1886. Drama em 3 actos. Collab. com Emilio Ronede. Theatro *Lucinda*.  
OS SONHADORES. — 1887. Comedia em 3 actos. Representada com o titulo *Macaquinhos no sotão*. Theatro *Sant'Anna*.  
FRITZMAK. — 1888. Revista do anno. Collab. com Arthur Azevedo. Theatro *Variedades Dramaticas*.  
A REPUBLICA. — 1889. Revista do anno. Collab. com Arthur Azevedo. Theatro *Variedades Dramaticas*.  
UM CASO DE ADULTERIO. — 1890. Drama em 3 actos. Collab. com Emilio Ronede. Theatro *Lucinda*.  
EM FLAGRANTE DELICTO. — 1890. Comedia em 1 acto. Collab. com Emilio Ronede. Theatro *Lucinda*.

A MORTALHA  
DE ALZIRA

POR

ALUIZIO AZEVEDO

---

PRIMEIRO MILHEIRO

---

RIO DE JANEIRO  
FAUCHON & C.<sup>a</sup>, LIVREIROS EDITORES

125, RUA DO OUVIDOR, 125

1894



AOS LEITORES DE VICTOR LEAL:

ALUIZIO AZEVEDO:



DEDICATORIA.



*Aqui entre nós, leitor idealista, dou-te este livro assim com o ar de quem te faz um obsequio, quando o verdadeiro obsequiado sou eu, pois que achei esta ocasião de desabafar os contidos suspiros da minha velha alma romantica.*

*O livro que se abre agora defronte dos teus olhos tem para mim os efeitos de uma valvula de segurança. Recebe-o de bom coração e não supponhas que recolhes no teu regaço carinhoso alguma impura fancaria de especulador. Não! A obra que te dedico e sincera sobo ponto de vista da commoção, posto não seja honestamente e logicamente irmã das minhas outras filhas litterarias,*

*que constituem a honradíssima familia de que sou chefe.*

*E' um filho que não reconheci logo, nem baptizei com o meu nome, mas que, a despeito disso, não foi produzido com menos amor ou desejo. E' o filho de uma illusão fugitiva, de uma loucura de amor bohemio; é um filho bastardo, mas é meu filho.*

*Nasceu fóra do meu casal, em noutes de amor e phantasia; pobres beijos trocados á luz de velhas estrellas que nunca mais se apagaram; sonhos embalsamados de passageiras flores que para sempre se extinguiram; mas eu o amo.*

*Segue pois o teu destino, meu querido peccado! Já não és um simples capricho de teu pae; es*

---

*uma obra atirada ao publico.*

*Não te envergonhes de abraçal-o, leitor que também o amas. Beija-o, mas sem rumor; beija-o, mas cuidado que as irmãs não ouçam nem venham a sabel-o nunca! Não imaginas, meu bom amigo, os zelos, os ciumes que ellas têm dos teus carinhos!*

*Ahi o tens. Cuidado!*



## PREFACIO.

---

Vou explicar aqui a razão de ser deste livro, porque isso pode interessar ás poucas pessoas que conhecem minha obra litteraria e acompanham, desde 1880, o revolucionario movimento artistico do Naturalismo no Brasil.

E' uma satisfação que dou aos homens de letras que me tomão a serio.

A *Gazeta de Noticias* precisava de um romance e encommendou-m'o, determinando logo, já se vê, o character litterario que elle devia ter. Não fazia questão de mais ou menos enredo, comtanto que a obra, longe de ser naturalista, fosse bem romantica e bem phantasiada ; obra enfim que pudesse convir ao paladar da grande massa de leitores sentimentaes de que na maior parte se alimenta aquella folha, mas que ao mesmo tempo não cahisse no completo desagrado daquelles que não

admittem obra sem arte e arte sem verdade.

Como vêem a tarefa não era das mais facéis. O trabalho, porém, seria bem remunerado, ficando-me ainda a propriedade do romance e o direito consequente de publical-o em volume.

Ora, eu, que precisava repousar um pouco o espirito num romance de phantasia, e que, de muito tempo a essa parte, sentia falta de um adversario litterario, cujas obras, francamente romanticas, servissem de activa e fogosa opposição aos meus tranquillos, pacientes e causativos estudos do natural, obtidos a frio esforço de observação e analyse, lembrei-me de fazer guerra a mim mesmo e aceitei a proposta da *Gazeta de Noticias*, com a condição unica de substituir o meu nome pelo pseudonymo de *Victor Leal*.

O publico estava propenso a acreditar na existencia de um escriptor muito moço e romantico chamado Victor Leal. Olavo Bilac e Pardal Mallet tinham já feito, de collaboração e em segredo, uma complicada phantasia intitulada *O Esqueleto*, que, com aquelle pseudonymo, haviam publicado naquella mesma folha.

A *Gazeta* aceitou a minha condição e, sem perda de tempo annunciou *A Mortalha de Alzira*.

O romance, como ella esperava, produzio bom effeito sobre os seus ardentes leitores do roda-pé, foi lido com avidéz; por outro lado, os meus bons inimigos e os meus máos amigos imaginaram que eu tinha afinal encontrado pela frente um formidavel adversario, que me levava de vencida, pondo em debandada, com os seus golpes de imaginação, a mim e a toda a minha quitanda naturalista.

E eu estava a ponto de fazer como o hespanhol da anecdota : estive quasi a ter medo de mim mesmo, quero dizer de Victor Leal.

A mystificação seria completa se Valentim Magalhães não me denunciasse como author da *Mortalha de Alzira* num seu artigo litterario publicado no *Paiz*.

Para que o leitor faça idéa perfeita dessa comedia, cujo theatro foi a espirituosa *Gazeta de Noticias*, passo a transcrever diversos trechos do artigo de introdução com que annunciêi para o dia seguinte o primeiro folhetim do romance. Está cheio de blasphemias litterarias. Que

m'as perdõem os meus serios e fieis leitores do *Mulato*, da *Casa de Pensão*, do *Coruja*, do *Homem* e do *Cortiço*. Mas, que diabo ! era preciso lutar com alguém, e, na falta de outro, armei-me eu proprio em meu adversario.

Eis os topicos do artigo :

« Sei que essa obra será julgada talvez um pouco severamente por aquelles que suppoem banidos do gosto publico o sentimento e a verdadeira poesia. Ah ! mas eu bem pouco me incommodo com taes censores, e irei sempre caminhando para diante, máo grado os emperrados naturalistas, que pretendem annullar a unica e sincera commoção que existe no mundo artistico, a commoção romantica.

Não preciso citar nomes, nem pretendo fazel-o; declaro, porém, que sempre me acharão prompto para defender em qualquer terreno a minha bandeira de escola e as minhas convicções litterarias.

O naturalismo, clamem quanto quizer, não nos convém, nem nunca nos convirá.

A verdade núa e crua nunca será tão bella como vestida pela inspirada mão do artista.

Tudo se póde dizer em letra redonda.  
O caso é saber dizel-o.

O romance, quando digno d'esse nome, deve desenrolar defronte dos nossos olhos sublimes quadros e edificantes exemplos de moral e ridiculos da vida de todo o dia, da vida terra a terra, que nenhum interesse póde despertar em quem quer que seja, como tambem nenhum ensinamento póde trazer áquelles que lêem com o louvavel fim de se instruir, formando e desenvolvendo conjunctamente o seu character.

O romance deve, ao mesmo tempo que deleita o espirito, confortar o coração. Foi assim que o entenderam os bons mestres da primeira e melhor metade d'este seculo, e é assim que eu igualmente entendo.

Se os senhores naturalistas pensam de outro modo e pretendem impôr-nos descrições de cousas indecorosas e repugnantes, tanto peor para elles, porque a acção má fica com quem a commette e não com quem a recebe.

Querem que a vida seja um triste e pestilencial deserto, onde nem de leve esvoace a aza loira e casta da poesia?

Pois então que levem por uma vez d'este mundo em que habitamos todo esse inesgotavel thesouro de cousas bellas e agradaveis que encantam os nossos sentidos e as nossas almas!

Vamos, senhores naturalistas, façam uma grande bagagem de tudo que é brilhante, de tudo que é formoso e de tudo que é balsamico!

Carreguem com o sol, que é a côr; carreguem com as flôres, que são o perfume; carreguem com as aves, que são a musica; carreguem com a mulher, que é o amor e a vida!

Vamos! Dispam de todo a natureza! Rasguem-lhe os vestidos! Furem-lhe os olhos! Arranquem-lhe os cabellos!

Vamos, senhores naturalistas, apaguem as estrellas! Mandem dar uma mão de pixe sobre o azul do céu! Corram a pontapés as rosas e as borboletas!

Vamos! levem tudo isso, que é a poesia! Levem tudo, e que não fique senão a podridão e o mal!

Levem as boninas dos campos, a sombra mysteriosa dos velhos arvoredos, o doce trapear das aguas cantantes e batidas! Levem as melancolias do luar, o

amor dos adolescentes, o primeiro beijo dos quinze annos! Levem o canto melodioso dos passaros, o murmurio das florestas e a profunda tristeza dos crepusculos á beiramar! Levem tudo, tudo! não deixem, sequer o echo da ultima canção que embalava um berço; não deixem a derradeira lagrima chorada sobre um tumulto; não deixem sequer a aza de uma gaivota cortando a monotonia das aguas, ou a pequenina e esquecida vela, perdida nos limbos do horisonte, fugindo para além, como a nota extrema e saudosa da propria poesia que desfallece e morre!

Querem fazer da terra um lameiro vil, nauseabundo? Pois então que nos arranquem a alma e convertam-nos o coração em machina de julgar e não de sentir.

\* \* \*

A MORTALHA DE ALZIRA é um livro consciencioso; é um estudo lancinante das dôres mais profundas que pôde comportar o coração humano.

Aquelles que o não comprehenderem, e não o sentirem, e não o amarem, ai

d'esses! merecem toda a compaixão, porque é preciso ter a alma perdida e completamente embotada para não vibrar com as dôres e com as agonias que pullulam nessa obra!

Aos outros, aos bons, aos puros, aos que não têm escola litteraria, nem escravizaram o gosto a nenhum preceito arbitrario de arte, a esses direi com toda a segurança e com toda a convicção :

« Leiam! Leiam A MORTALHA DE ALZIRA, porque vós todos vos encontrareis dentro d'essa sentida e chorada narrativa! »

E agora, Sr. redactor, sem querer abusar por mais tempo da bondade de V. S., peço-lhe que me desculpe ser tão extenso, e que annuncie para amanhã a estréa do meu novo romance. — Rio de Janeiro, 4 de de fevereiro de 1891. — *Victor Leal.* »

Agora, passados dous annos, quando estava eu bem longe de pensar nessa ridicula campanha, e tinha já esquecido de todo o meu triumphante adversario; depois de ter ainda outra vez explorado o nome de Victor Leal, mas então de colaboração com Mallet, Bilac e Coelho Netto, num terrivel romance de enredo,

publicado igualmente pela *Gazeta de Noticias*, com o titulo de *Paula Mattos, ou o Monte de Soccorro*, eis que a casa Fauchon & C., a pretexto de attender ás reclamações dos seus clientes, me propõe editar em volume *A Mortalha de Alzira*, mas com meu nome.

Hesitei a principio : a cousa me pareceu muito escandalosa ; mas afinal consenti. Porque não? Se o publico quer essa obra e diverte-se com ella, que a leia !

Terei o direito de escondel-a? Não ! não seria digno de um adversario correcto ! Victor Leal que rejubile victorioso e vá para o diabo que o carregue ou para os braços dos seus admiradores sentimentaes. Eu é que não estou disposto a atural-o mais !

Uma vez, porém, que este livro leva o meu nome, uma cousa é indispensavel que fique aqui bem clara : *A Mortalha de Alzira* gravita, de principio ao fim, em torno do mesmo motivo que forneceu a *Théophile Gauthier* o seu formoso conto phantastico *La Morte amoureuse*, com a differença de que o glorioso author de *Mademoiselle de Maupin* apenas dá a substancia da lenda, e por isso fez um

conto, ao passo que eu descrevo os episodios que elle indica, cercando-os de factos e personagens novos, e por isso fiz um romance.

Mas o que separa principalmente as duas obras e dá-lhes character bem diverso, é que — *La Morte amoureuse* tem a sua razão na lenda do vampiro; em quanto que a *Mortalha de Alzira* substitúe o *truc* maravilhoso do vampirismo pelos phenomenos naturaes que podem apresentar certas crises hystericas de um nevropatha.

Eis tudo.

E, como *La Morte amoureuse* é um trabalho de pequenas dimensões e ninguem se arrependeria de lel-o ou de relel-o, tinha eu decidido dal-o transcripto no fim deste livro, mas os impressores da casa Fauchon & C.<sup>ª</sup>, estabelecidos em Paris, onde é impressa a *Mortalha de Alzira*, protestam contra isso, allegando que não querem expôr-se ao vexame de uma multa rigorosa, porque em França os direitos de publicação ou traducção das obras de Théophile Gauthier são reservados e só pertencem aos legitimos herdeiros deste auctor.

Assim, não ha remedio senão contentar-me com pedir aos meus leitores, que ainda não tiveram a ventura de ler *La Morte amoureuse*, que não percam occasião de conhecer essa ligeira e mimosa phantasia, para melhor poderem avaliar das relações que existem entre este meu despretencioso romance e o famoso conto do mestre.

ALUIZIO AZEVEDO.

*Rio de Janeiro, 1893.*

L'homme n'est donc qu'un sujet plein d'erreurs; rien ne lui montre la vérité; tout l'abuse. Les deux principes de vérité, la raison et le sens, outre qu'ils manquent souvent de sincérité, s'abusent réciproquement l'un l'autre. Les sens abusent la raison par de fausses apparences, et cette même piperie qu'ils lui apportent, ils la reçoivent d'elle à leur tour: elle s'en venge. Les passions de l'âme troublent les sens et leur font des impressions fâcheuses. Ils mentent, et se trompent à l'envi.

Si nous rêvions toutes les nuits la même chose, elle nous affecterait peut-être autant que les objets que nous voyons tous les jours.

PASCAL. — *Pensées*, article IV, VIII et II.



# A MORTALHA DE ALZIRA



## I

### A CELLA MYSTERIOSA

**N**o anno de 17\*\*, Pariz, então muito governado pela Pompadour e um pouco por Luiz XV, palpitava de enthusiasmo com um escandalo original.

Por um instante, a grande cidade libertina distrahia-se dos seus deboches e esquecia a ordem dos *Aphrodites* e dos *Hermaphrodites*, e esquecia as picantes palhaçadas de Taconnet, e o obsceno macaco de Nicolet e os expressivos fogos de vista de Torr ; e esquecia Ruggieri com a sua exhibi o de pernas e collos importados da America; e esquecia *les specta-*

*cles pyrrhiques* e o *Waux-hall*; e esquecia a velhacas e célebres representações do Barã d'Esclapon e da duqueza de Mazarin; e esquecia-se até de ouvir as pilherias da magra, feia adorada Guimard, para só ter attenção para o novo escandalo que acabava de surgir inesperadamente.

Era o caso que o famoso prégador La Rose tinha, como todos os annos, de prégar o seu sermão da quinta-feira santa na capella real e fôra accommettido por um formidavel ataque de asthma, justamente na vespera d'esse dia. Escreveu logo ao vigario geral, seu amigo particular, dando-lhe parte do facto e pedindo-lhe que, sem perdã de tempo, tratasse de descobrir alguém que o substituísse.

Ora, o caso era devéras apertado! Quem teria a coragem de ir, á ultima hora, substituir La Rose no pulpito da capella real, n'um dos sermões mais importantes da quaresma?...

Substituir La Rose!... La Rose, « o segundo Bossuet », como lhe chamavam seus innumerados admiradores! La Rose, o animado prégador da cõrte, o protegido de Antoinette Poisson, o querido tanto por parte dos molinistas, como por parte dos jansenistas, o acclamado por todo o alto e baixo publico de Pariz! La Rose, o indispensavel! La Rose, o insubstituivel!

E era preciso que elle com effeito estivesse de véras doente para faltar ao sermão de quinta-feira santa, porque La Rose prezava muito os seus triumphos na tribuna sacra e não desperdiçaria facilmente uma boa occasião de orar perante o rei e toda a sua côrte de fidalgos e toda a sua côrte de lettrados.

Entretanto, sabia-se tambem que La Rose, desde que sentisse a menor alteração na voz, não seria capaz de fallar em publico, nem á mão de Deus Padre, porque era precisamente na maneira especial de jogar com a sua bella e seductora voz que consistia o grande segredo dos seus incomparaveis triumphos.

E' inutil dizer que, por melhores esforços empregados, não se descobriu nem um pregador, bom ou máo, que quizesse ir tomar o lugar do querido mestre. Davam-se todos por igualmente atacados da garganta, como se a asthma de La Rose, á semelhança do que succedia com o seu estylo oratorio, se estendessee de improviso por todos elles, desde o mais pretencioso até ao minimo dos numerosos pregadores sagrados, que nesse piedoso e alegre tempo enchiam os pulpitos de Pariz com as suas phrases retumbantes e com os seus eloquentes e artisticos soluços.

O rei aborreceu-se e chegou a franzir as

sobrancelhas. Luiz XV se era folgassão, era também devoto. E se era devoto, era também homem de gosto exigente. Não comprehendia uma quinta-feira santa sem sermão; mas não comprehendia um sermão de quinta-feira santa sem La Rose. Além disso, tinha na vespera tomado uma bebedeira, e a melhor agua de Selters para as suas resacas era ainda La Rose.

Que diabo! O caso era serio!

Empregaram-se os ultimos recursos para descobrir alguém que, sem grande escandalo, fosse capaz de improvisar um sermão digno da real resaca; offereceram-se bonitas sommas; fizeram-se as mais lindas promessas. O cabido inteiro agitou-se, remexeu-se, sorveu consecutivas pitadas, esfregou mil vezes o lenço encarnado no nariz, mas ninguem teve a coragem de aceitar a missão.

Assalas do palacio archiepiscopal pareciam formigueiros; as batinas esfervilhavam inquietas, entrando e sahindo, trazendo e levando recados. Cochichava-se d'aqui, cochichava-se d'alli; bichanava-se por todos os cantos e recantos do palacio, sem nada se resolver que aproveitasse.

E, no emtanto, o tempo fugia e era preciso tomar uma resolução.

O arcebispo, já desesperado, ia estender o braço para tomar ao acaso o primeiro dos seus suffraganeos e ordenar-lhe que subisse ao pulpito e despejasse, com um milhão de raios! um sermão qualquer quando de improviso rasgou-se o reposteiro da sala, em que elle se achava entre uma negra nuvem de batinas, e viu-se surgir a veneranda figura de frei Ozeas, com as suas grandes barbas brancas e a sua enorme calva de propheta.

Encaminhou-se directamente para o arcebispo e disse-lhe, depois das reverencias do estylo :

— Comprometto-me, se m'ò permittirem, a apresentar hoje no pulpito da capella real alguém que irá dignamente substituir o padre La Rose.

Fez-se em torno d'estas simples palavras um profundo silencio de pasmo e de desabafo.

Bastava só, porém, a presença de frei Ozeas n'aquella sala do paço arcebispal para levantar a surpresa do cabido inteiro, porque todos lhe conheciam a vida obscura e solitaria, e todos sabiam que era muito e muito raro vel-o fóra do seu modesto convento, a não ser para algum acto de caridade.

Frei Ozeas era um homem singularissimo, como mais adiante apreciará o leitor. Havia

vinte e tantos annos que em torno d'elle se formára, de dia para dia, a mais solidá reputação de virtude e santidade.

De quem disporia o frei Ozeas para fazer substituir La Rose?...

E começou logo o sussurro dos commentarios.

O arcebispo, entretanto, tomára-o avidamente pelo braço e desapparecêra com elle pela porta que conduzia ao interior do palacio.

Pouco depois, descia Ozeas as escadas do paço, mettia-se no carro que o esperava á entrada do jardim, dizia ao cocheiro que tócasse de pressa para o convento de S. Francisco de Paula, e, d'ahi a meia hora, atravessava o longo pateo ladrilhado de pedra e subia a pesada escada do claustro em que elle se condemnára a viver encerrado.

Apezar do tremor dos seus setenta annos, venceu ligeiro os extensos corredores abobadados, galgou uma estreita escada que conduzia a um sombrio mirante, e, tendo varias vezes volvido os olhos para traz, como se temesse ser acompanhado por alguem, chegou-se a uma pequena porta inteiriça e bateu tres pancadas seccas com as phalanges dos seus dedos ossudos e pallidos.

A porta abriu-se sem ruido. Elle entrou, e

a porta fechou-se de novo silenciosamente.

O lugar em que o venerando religioso acabava de penetrar, era uma triste cella; sombria e espaçosa, com uma janella gradeada e fechada, e apenas frouxamente esclarecida por uma clara-boia do tecto. As paredes, núas de alto a baixo, tinham uma côr sinistra de osso velho. Em uma d'ellas havia um grande nicho com a imagem da Virgem da Conceição, quasi de tamanho natural; a um dos cantos uma negra estante, toscamente feita, pejada de grossos alfarrabios amarellecidos pelo tempo; no centro uma mesa de madeira escura com um breviario em cima, ao lado de uma candeia de azeite, um pedaço de pão duro e um cilicio de couro crú; junto á mesa um banco de páo.

Ozeas fôra recebido á porta por um mancebo de uns vinte annos, muito pallido, ainda imberbe, vestido com uma esfarrapada batina de seminarista.

Não havia mais ninguem na cella.

O mancebo beijou-lhe a mão. Ozeas abraçou-o e disse-lhe depois, pondo-lhe carinhosamente a mão no hombro :

— Meu filho, vais hoje pela primeira vez atravessar as ruas de Pariz e entrar na capella real.

— Para que, meu pai ?

— Para prêgar o sermão de quinta-feira santa.

— Eu ?! Mas o que vou dizer?

— Vais dizer pura e simplesmente o que sabes e o que sentes a respeito da paixão de Christo. Não te preocupes com a multidão que lá encontrarás; não te preocupes com o que vires! Fecha-te contigo mesmo e falla como se conversasses com o teu anjo da guarda. Abre o teu coração, quando abrires os teus labios, e deixa sahir, impertubavel e crystallina a tua alma de santo!

— Bem, meu pai.

— D'aqui a pouco virá a roupa com que tens de ir. Dentro de uma hora virei buscar-te.

— Estarei prompto, e ás suas ordens, meu pai.

— Resa a Jesus enquanto me esperas. Adeus.

— Sua benção, meu pai.

— Deus te abençõe.

E frei Ozeas tornou a sahir, fechando-se de novo sobre elle a porta, silenciosamente.





## II

### FREI OZEAS E O ENGEITADO

**A**s mascararas de hypocrisia que escondiam a corrupção da corte de Luiz XIV cahiram com a morte d'esse principe. Os fidalgos e cortezaos pareciam impacientes por sahir da forçada e falsa compostura em que se mantinham durante a velhice devota do rei sol.

Até ahi fingiu-se ainda; d'ahi em diante ninguem mais procurou occultar os seus vicios.

A ferocidade e a perfidia dos tempos barbaros, os crimes do feudalismo, todos os erros, todos os abusos e todos os desregramentos de um governo cynico e perverso e de uma magistratura e uma jurisprudencia feitas de ignominia e adulação, eis do que se compunham os costumes d'esse infeliz começo de seculo.

A administração da policia creava e dirigia casas de jogo e casas de prostituição.

Pariz era policiado por malfeitoses vestidos

de farda. Só uma cousa divertia o publico : — a crapula.

Mas o que caracterisava particularmente essa época, era o dourado verniz de elegancia com que o escol da sociedade de então disfarçava a libertinagem mais desenfreada e brutal.

A duqueza de Bourbon, apesar de casada, vivia publicamente com Du Chayla. Law levava a sua amante á côrte. A princeza de Conti, filha do rei, posto que devota, já velhusca e cheia de apparentes escrupulos, confessava não poder dispensar a consolação de seu sobrinho La Vallière. A outra princeza de Conti, a moça, essa, a despeito dos ciumes que mantinha pelo marido, só deixou o seu amante La Fare, quando o substituiu por Clermont. A irmã d'ella, *mademoiselle* de Charolais, dava os mais terribes escandalos com o duque de Richelieu. As filhas do duque de Orléans, então regente, levavam mais longe a sua depravação, porque tinham no proprio pai o principal cumplice das suas orgias. A irmã da duqueza de Bourbon, M<sup>lle</sup> de la Roche-sur-Yon, celebre pela sua belleza, não se separava de Marton, estivesse onde estivesse, e ameaçava de furar os olhos com um punhal, que ella trazia sempre na liga, áquella que lh'o roubasse ainda que por um instante. M<sup>me</sup> du Maine, tendo aliás como

amante vitalicio o cardeal de Polignac, intimo de seu esposo, disfarçava-se frequentemente em regateira para correr as ruas e vielas de Pariz em busca de aventuras de todo e genero.

O peor, no entanto, estava no que se não póde contar n'estas paginas. *Toute chair était détournée de sa voie*, como disse Voltaire a esse respeito, e como o provaram com os factos mais indecorosos as proprias delphinas de Luiz XVI, e Mme. de Maintenon, e o *chevalier* de Vendôme, e o Sr. de Chambonas, e, mais que todos e que todas, a formosa duqueza de Chârtres, que se recolheu ainda moça ao convento de Chelles, não para se penitenciar dos seus peccados contra a natureza, porém sim para poder aggraval-os mais á farta e mais á vontade.

Frei Ozeas tinha n'essa epoca vinte e cinco annos.

Havia feito seus estudos e recebêra as primeiras ordens no seminario de Borgonha, sua provincia natal; depois atirou-se para Pariz, onde se ordenou, justamente no começo da regencia do Duque de Orléans.

Dotado de temperamento bastante sensual para arrastal-o, e sem força na sua fé para poder resistir á corrente de perdições d'esse tempo, elle, se não foi tão ferozmente devasso como Dubois ou tão friamente libertino como

Dorat, acompanhou todavia o exemplo dos seus confrades e com elles arrastou a batina pelos antros mais escorregadios do jogo, da embriaguez e da prostituição.

Foi un pandego vulgar, como toda a gente. Chegou a fazer parte d'essas ridiculas e terribes sociedades secretas, que infestavam o reinado de Luiz XV, centros creados com o fim exclusivo de exercer o gôso, mas o gôso requintado, o gôso quinta essencia, o gôso torturado, o gôso burilado á ponta de agulha; o gôso trabalhado sobre marfim, á japoneza, feito, como os finissimos desenhos tartaricos, de atormentações de paciencia, e destinados a atormentar tambem a quem os observa e aprecia, de olhos agachados, bocca retrahida e pé na ponta; gôso como só se inventou n'esse tempo; gôso á Chambonas e á Pompadour, de quem elle tirou o estylo complicado e enredado como a casa de uma aranha hysteric e douda, atacada de delirios. Vintimille, então arcebispo de Pariz, devasso como os demais parizienses d'essa época, mas enfim arcebispo, esteve á ponto de mandar Ozeas para a Bastilha, como succedeu com o padre Tencin, com Adrien Aubert, com Chegny, Pierre de Gallon e outros muitos religiosos de sangue quente.

Mas quando Ozeas chegou aos quarenta e

cinco a cincoenta annos, começou a cahir em si e, pela primeira vez, pensou na perdição da sua alma, tão compromettida por seu corpo. E, ou fosse que os requintados prazeres lhe desfibrassem as energias do sangue, ou fosse que mesmo uma grande e miraculosa transformação se operasse em todo o seu ser, o facto é que elle, fulminado de subito pela consciencia dos seus peccados sem remissão, desabou em fundo arrependimento e protestou nunca mais, nunca mais commetter a menor acção que de longe pudesse envergonhar a sua responsabilidade de sacerdote.

Era tarde. Nada mais impossivel do que apagar um passado. Por mais brilhante e intensa que fosse a luz de seu arrependimento, lá estava o gigantesco espectro dos seus crimes para antepôr-se entre elles e encher de sombra e remorso aquella consciencia do sacerdote peccador. Por mais sincera e convicta que fosse a sua nova lei de conducta, por mais leal e verdadeira a sua nova linha de virtude, sua alma chorava perdida para sempre, porque sempre se sentia corrompida e suja.

Então Ozeas começou a dar-se todo, de espirito e corpo, á sua rehabilitação.

Cegava-o desejo ardente de conseguir o seu fim.

Principiou por deixar de ser padre, para metter-se na ordem dos missionarios de S. Francisco de Paula, denominados — « Os minimos ». Fez voto de pobreza absoluta e abriu mão de tudo, tudo que possuia; o que, aliás, não era pouco, porque, além dos seus bens de familia, Ozeas mettêra-se a especular no jogo feroz que Law creára sob a regencia, e chegára a accumular a bonita somma de seis milhões de francos.

Desde então, noite e dia, hora a hora, instante a instante, a sua unica preocupação era expurgar a alma das passadas conspurcações, e nunca ninguem, como elle, se mostrou tão empenhado em rehabilitar-se do passado. Por mais escabroso que fosse o acto de piedade, Ozeas não desdenhava affrontal-o, como se a sua fé, por muito tempo adormecida, acordasse de subito, avida de sacrificios e provações.

Quer onde houvesse soluços e dôres, chagas a laquear, lágrimas a suster, afflicções a reprimir, ahi estava elle, resignado e prompto, sempre humilde e sempre empenhado a padecer pelos seus semelhantes, apresentando os seus hombros para todas as cruces que os mais não pudessem suster.

A sua velha tunica de sarja grossa sem do-

bras não lhe pertencia mais do que ao primeiro mendigo que sentisse frio; o seu pão só lhe chegava á boca depois de regeitado pelos que já tinham matado a fome; a sua luz só alumiaava o seu covil de santo, quando nenhum gemido suspirava na tréva.

Para esse arrependido egresso, creado nas orgias do começo do seculo passado; para esse arrependido devasso, que se embriagara com os restos do incestuoso prazer do duque de Orléans, a febre do arrependimento converteu-se em loucura, converteu-se n'uma nevrose que o arrastava de joelhos, com o rosto na terra, a todos os delirios da fé, a todos o heroismos da abnegação.

A peste de Marselha foi um dos mais brilhantes theatros para o seu desespero de ser santo. Como um verdadeiro revolucionario do bem, fez dos farrapos da sua tunica uma bandeira de caridade e agitou-a pelos alcouces abandonados, em que era vergonha entrar, ainda que fosse para soccorrér os que morriam.

A derradeira e mais nojenta das leprosas venereas recebeu da sua bôca o beijo da consolação, enviado por Deus aos desamparados pelos homens.

E assim, no fim de alguns annos de arrepen-

dimento, Ozeas ganhára reputação de santo; e, com effeito, se nenhum religioso até antes fôra mais culpado, nenhum tambem levou tão longe o esforço da sua reabilitação.

Mas, apesar de tamanhas provações, Ozeas não se sentia purificado. Sua alma sangrava ainda, pedindo mais sacrificios, e elle cahia de joelhos, arranhando as carnes do peito com as unhas e supplicando a Deus que lhe inspirasse um meio de resgatar-se completamente aos olhos da sua propria consciencia envergonhada.

Que meio poderia ser esse que elle exigia de Deus?

Eis ao que nem o proprio Ozeas seria capaz de responder.

Todavia, não cessava de pedir ao Senhor misericordioso que lhe mandasse dos céus uma luz guiadora do caminho da completa salvação, certo de que Deus, omnipotente e compassivo, havia de achar, nos segredos de sua bondade, recursos para apagar aquella dôr incuravel e profunda.

Foi n'essa conjunctura que elle, uma vez de madrugada, sahindo do seu convento para uma piedosa excursão, encontrou à porta do jardim uma pequena cesta, de onde um fraco e quasi imperceptivel vagido sahia como de um berço.

Abaixou-se logo ; e verificou que dentro havia uma criança do sexo masculino.

Um engeitado !

Tomou-o nos braços.

Mas um engeitado de quem ?... Por aquellas alturas não lhe apontava a memoria qualquer pessoa que fosse capaz d'esse crime.

Além d'isso, porque o depunham á porta de um mosteiro, frio logar onde só havia alguns pobres religiosos sem recursos para nada ?...

Era como se a lançassem ao surdo portão de um cemiterio.

Qual seria a mãe, tão nescia, que, procurando passar seu filho ás mãos de quem o pudesse fazer viver, fosse procurar um logar onde era um crime a voz e o choro d'esse anjinhos da terra ?...

Então uma estranha idéa acudiu ao espirito sobresaltado do infeliz frade.

Quem sabe, pensou elle, se esta innocente creatura, será um enviado de Deus ?... Sim ! Sim ! Bem póde ser que o Senhor misericordioso, compenetrado da sinceridade do meu arrependimento e da amargura da minha dôr, me enviasse dos céos este meio de resgate para minha alma !... Sim ! Sim ! eu, que não consegui ser um padre puro e digno : eu a quem faltaram amparo e forças para lutar com

as tentações mundanas, tenho aqui, nesta pequena porção de carne ainda immaculada, o cabedal para fazer um sacerdote casto e sagrado, como eu devia ter sido e não fui!

E Ozeas como que se encontrava a si mesmo, encontrando aquella criança ainda angelica.

Era Deus, sem duvida, que o restituia ao berço e ao seu supremo estado de pureza, para que elle começasse de novo a viver, armado, entretanto, para todas as lutas.

Sim! sim! exclamou elle erguendo nas mãos tremulas a criancinha e cobrindo-lhe os pés de beijos e de lagrimas de alegria. Sim! sim! D'esta cera virgem poderei fazer um sacerdote digno de Deus! Obrigado, obrigado, meu pai de bondade, que afinal ouviste as minhas supplicas e me enviaste do teu peito de amor um meio de salvação! Obrigado!

E, louco de contentamento, despiu sem hesitar, o seu velho capote, envolveu n'elle a criança e correu a uma casa, onde pediu que lhe prestassem os primeiros soccorros.

Logo que pode, levou-a á igreja; baptisou-a com o nome de Angelo; depois tratou de descobrir uma mulher bem honesta que se quizesse encarregar de aleital-a até á epoca competente.

E, quando o pequenino Angelo pode enfim

dispensar os cuidados da ama, Ozeas carregou com elle para o seu convento e encerrou-o mysteriosamente n'uma cella ignorada e sombria.

A bem poucos dos seus confrades confiou o segredo do que elle chamava a criação do Messias da sua alma.

E, desde essa época, Angelo viveu sem nunca sahir do convento e nem sequer chegar a uma janella para ver a rua.

Ozeas foi o seu companheiro, e o seu guia, e o seu mestre, e o seu pai espiritual. Só o confiava a algum dos outros religiosos ou a algum professor do seminario, quando as exigencias do ensino assim o determinavam.

O sigillo da existencia e da criação de Angelo no convento não foi quebrado por nenhum dos frades que o conheciam. Uma cadeia de respeitoso interesse formou-se em torno d'essa creança, que todos elles acreditavam predestinada pelos mysterios do céo a cumprir na terra uma alta e sagrada missão.

Angelo cresceu, pois, fechado na sua religiosa estufa, sem ter nem ao menos desconfiança do que se passava lá fóra n'essa cidade do prazer e do vicio. Cresceu casto como uma flôr, que as abelhas e as borboletas não alcançam.

Apenas conhecia a religião e a biblia. Até aos vinte annos, fez todos os seus estudos e recebeu as ordens ao lado do pai espiritual. Mas tal era a confiança que o velho Ozeas tinha no seu discipulo, que não hesitou em apresental-o para substituir La Rose no sermão de quinta-feira santa na capella real.

Angelo ia sahir á rua pela primeira vez.

Veremos mais adiante que a confiança de frei Ozeas não era infundada e que aquelle factó estava destinado a provocar um escandalo que abalou Pariz de alto a baixo.





### III

#### VIRGINDADE NO HOMEM

**L**ogo que Ozeas deixára a sombria cella do convento de S. Francisco de Paula e a porta se fechára sobre elle silenciosamente, Angelo, em obediencia ás suas ordens, ajoelhou-se defronte do oratorio e começou a rezar a Jesus-Christo.

Na sua alma innocente não passava a idéa da responsabilidade que o esperava. Sem nunca ter sahido á rua, sem conhecer Pariz e os parisienses, não podia desconfiar sequer do que era n'esse tempo um sermão prégado na capella real, defronte do rei e da côrte.

Não sabia que n'esse tempo, piedoso e devasso, fazia-se da religião um prazer requintado, e que o pulpito era, como o palco, ou como o livro, ou como o salão e o album, um meio de exhibições de talento exquisito e complicações de arte. Não sabia, o pobre.

Angelo, que o prégador do que menos precisava, n'esse bom tempo do estylo equilibrado em cinco palitos, era de ser sincero e convicto, mas sim de ter originalidade na maneira; graça na exposição da phrase, extravagancia nos gestos e naturalidade galante nos soluços e nos gemidos de peccador.

Essa mistura do sagrado aspero com o profano macio, do prazer avelludado com a devoção capitosa, produziu as celebres festas hybridas que então se organisavam em uma das salas das Tulherias durante a quaresma, e ás quaes deram, gamenhamente, o nome de *Concertos spirituaes*.

Luiz XV gostava de presenciar-as, sentado a um canto entre algumas formosas mulheres e bebendo vinho da Syria, que era o seu vinho predilecto. Pestanejava e sorria para todos os lados. Liam-se versos ternos e religiosos; cantava-se o *Miserere*, o *De profundis*, o *Stabat*, e outras cousas tristes; mas tudo com muita graça e requiebro faceiros.

Era o amor temperado com oleo cheiroso de Santa Luzia.

Havia sempre para estrear, no pulpito d'esses concertos, um ou mais jovens ecclesiasticos, sempre moços bonitos, aos quaes, durante o sermão, serviam agua rosada e licor de viole-

tas. E' o que d'elles se exigia, era apenas voz doce, olhar meigo, dentes bem claros, labios vermelhos, rendas alvissimas na camisa, e mãos brancas de unhas limpas. A's vezes creava-se uma reputação e fazia-se uma bonita carreira só com uma palavra feliz ou com um gemido suspirado com graça em occasião opportuna. O caso era que as elegantes devotas se impressionassem. E só se fallava á meia voz; só se namorava a meio sorriso e só se andava lentamente e aos pulinhos, abafando os passos nos arminhosos tapetes a que Pompadour deu o seu nome.

Angelo, coitado, nada conhecia d'isso, nem por noticia ao menos; como igualmente não conhecia o outro genero de prégadores, muito communs n'esse tempo, o prégador terrivel, de pulso forte e cabeça dura, que ia para o pulpito com um cacete escondido debaixo do capote, e cujos sermões eram em geral uma descarga politica e uma tremenda descompostura contra o partido dos Jansenistas ou contra o partido dos Molinistas, conforme a filiação do orador, e que, não raro, acabavam com soluços sinceros e bem reaes, e grossa pancadaria no atrio da igreja.

Até certa idade Angelo chegou a acreditar que o mundo se resumia no seu convento e que

a humanidade compunha-se apenas de meia duzia de frades, ingenuos e quasi santos, que elle conhecia. Ozeas, com um cuidado enorme, um ciume de guarda do paraiso, izolava-o dos seminaristas e dos empregados do seminario e lhe não deixava cabir nas mãos a mais inoffensiva pagina de qualquer livro que não fosse religioso.

E, no emtanto, Angelo era dotado de um talento de primeira ordem e devorava sofregamente tudo, bom ou máo, que lhe davam para lêr. As materias religiosas que plantaram no seu fecundo espirito, desabrocharam logo, produzindo uma floresta de philosophia theologica, que abysmava aos seus professores.

Aquella criança, diziam elles, estava destinada a fazer o verdadeiro renascimento da religião christã.

E os desvellos em torno de Angelo cresciam, orçando já pelo fanatismo. Não lhe permittiam olhar para o pateo do convento, onde havia uma criação de gallinhas e coelhos. Receiavam, e com razão, que o espectáculo dos instinctos procreadores dos innocentes bichos despertasse no outro innocente idéas que a igreja reprovava. Escondiam-lhe o proprio sol, em dias de grande calor, como se o espectáculo d'aquella vida que se derramava sobre a terra

para a fecundar com a luz germinadora e benéfica, fosse bastante para acordar na carne pallida do seminarista a revolucionaria centelha do amor.

Entretanto, Angelo não se impressionava com essas cousas e tinha para todas essas lubrificações com que a natureza estimula a vida, um profundo olhar de indiferença, como se todo elle estivesse perennemente voltado para a fria região idéal e azul, em que os anjos, unicos que a povoam e habitam, não têm idade nem sexo.

Não era uma creatura humana, não era um moço que ia entrar na adolescencia; era a sombra pallida de um beijo que se crystallisára em carne, e que o crepusculo da manhã confiava ao crepusculo da tarde, pedindo-lhe que o não deixasse corromper-se á sensual e grosseira luz do sol.

A's vezes, ao cahir da noite, quando a natureza parece abrir o peito para chorar em gottas de orvalho as mysteriosas dôres do seu parto de todos os dias, elle, o pallido engeitado, que vivia á sombra das paredes somnolentas e humidas de um claustro, sahia a passear pelo mal tratado jardim que havia nos fundos do convento. E ahi, entre as cheirosas moitas das rosas silvestres, tepidas ainda do

derradeiro sol que as dourára no ultimo poente, o seu vulto triste transparecia, como um sonho de poeta ou um fugitivo devaneio de denczella.

Pobre Angelo ! De tudo que sua alma podia conceber, só uma cousa não lhe esconderam—a Biblia. E era com o auxilio d'esse poema quente e cheiroso como os perfumes de Cedar, que elle, o infeliz, enchia de estrellas os seus devaneios de moço sonhador.

N'esses momentos, o poema que o seu coração cantava chorando, e chorando lhe fazia agitar da bôca as petalas trementes, era o *Cantico dos canticos*, o livro do poeta rei, amante de todas as mulheres formosas do Oriente.

Ironia dolorosa ! Angelo, o casto, arrebatava-se nas azas da inspiração do poeta de mil amantes !

« Eu durmo e o meu coração véla : eis a voz do meu amado que bate, dizendo : — Abime, irmã minha, amiga minha, pomba minha, immaculada minha ; porque a minha cabeça está cheia de orvalho, e me estão correndo pelos anneis do cabello as gotas da noite.

« Eu abri a minha porta ao meu amado, mas elle já se tinha ido, era já passado a outra parte. A minha alma se derreteu, assim que

elle fallou : busquei-o mas não o achei : chamei-o, e elle me não respondeu. »

E Angelo, quando estes versos lhe vinham ao espirito, misturados com os suspiros da vaga saudade, que elle mal definia e em que mal acreditava, cahia em fundas scismas, lutuosas, para as quaes só havia uma consolação:— escrever.

Não versos, d'esses que o publico exige dos poetas mundanos, porque Angelo não conhecia metrificações e artes para o sentimento, mas lançava-os sobre o papel como os lia nos livros de Salomão, ao correr da penna, impregnados da virgindade de sua alma.

Quem roubasse da escura cella as tiras de papel, esquecidas sobre a tosca mesa de pinho, leria nas tremulas linhas ahí traçadas, todas as noites, com mão nervosa, poemas inspirados, como este, cujo fragmento vou citar agora :

« Amado da minha alma, aponta-me onde é que apascentas o teu gado, onde te encostas pelo meio dia, para que não entre eu a andar jeito uma vagabunda atraz dos rebanhos dos teus companheiros.

« O meu amado é para mim como um ramilhete de myrrha. Elle morrerá entre meus peitos.

« Meu amado, vem commigo pelos campos,

dá-me a tua mão; que eu perfume nella os meus cabellos e que eu sorva trementé o cheiro da tua bôca, como a cabra monteza que morde os lirios da ladeira.

« Tu és bello e forte como o cedro, suave como a ribeira, e tua voz é como o gemido das pombas.

« As tuas faces têm toda a maravilha de um prado illuminado por dous sóes, e onde os meus labios, como um rebanho, descansam á sombra dos teus cabellos.

« Vem, amado meu do meu coração, que eu por ti definho de amor e morro de saudade.

« O amado do meu coração é bonito que nem essa cabra arisca que grimpa á tardinha pelos escalvados oiteiros sem relva e que de noite e de manhã a gente não bispa mais. Elle é como o veadinho branco, que corre mais depressa e se some, se lhe querem pôr a mão em cima. Elle é como aquillo que nós mais queremos, e que não está dentro dos nossos braços e junto dos nossos beiços.

« Mas não, alma minha mentirosa, eil-o que ahi está elle, todo amoroso e rubicundo, posto de pé por detraz da nossa parede do nosso quarto, olhando o nosso leito pelas frestas da janella, chorando de amor e estendendo a vista dos seus olhos por entre as gelosias.

---

« Como agora rescende a sandalo e a murta !

« Vem, amado de minha alma, as vinhas já puzeram o primeiro cacho de seus fructos, e as moças de Jerusalem estão dormindo á sombra das parras para sonhar com aquelles que as querem para amar.

« Eu só, amado das minhas entranhas ; eu só, a mais mesquinha entre as filhas de Jerusalem não durmo o somno da noite e estou á espera que a minha vinha amadureça e tome côr, para te puxar para meu lado e repartir comtigo a minha uva doce.

« Virás, que te chamo com as minhas mãos, e te abro meus peitos.

« Tu és, amado de minha vida, o escolhido do meu coração. Tua cabeça é como a espiga de ouro que o sol beija de manhã, pensando que beija a cabeça de seu filho, os teus cabellos são como as fibras que as palmeiras choram, quando lhe arrancam a penca dos seus fructos que ellas produziram. São leves, macios, correntes, e ondulosos são como os cabellos do milho doce, ou como o mel gostoso da flôr da banana.

« Eu te amo, porque tu és formoso. Mira-te, tu, nos meus olhos amorosos e verás se te mentem minhas palavras de amor. Não me fujas

como a ave que deixa a irmã sósinha no ninho, sem o companheiro para cobrir os ovos. Teu rebanho não se perderá na montanha, emquanto tu dormires com a cabeça entre meus peitos de amor.

« Vem, amado meu. As nossas noites serão como os regatos tranquillos, em que se abrem os nenuphares, brancos et perfumados como sonhos de amor. Teus labios serão dos meus labios, teus cabellos serão dos meus cabellos, teu seio do meu seio, como a planta é da terra, como a flor é da abelha. Vem, põe a cabeça em cima de mim e dorme o teu somno, que eu tambem dormirei, mas desfallcida de amor. Dá o teu ultimo pensamento vivo para os meus labios, para que eu o guarde dentro de mim, e te o restitúa depois na tua bôca. Falla-me para dentro, eminha alma te ouvirá captiva e amorosa.

« Conjuro-te, amado meu, que desças da montanha pelo teu pé e venhas até a mim, que te quero. Traze tu o teu rebanho branco, e iremos, nós ambos, apascental-o muito longe pelas campinas, até que morra o sol e a noite chegue sacudindo os cabellos orvalhados de estrellas.

« Volta-te para mim, que eu sou o mel de que os labios gostam. Bebe a doçura da minha bôca e tu me pedirás o favo inteiro.

« O sol procura a flôr, porque ella esconde o mel doce nos seus seios. Vem ; se não pudeses vir como sol, transforma-te em abelha. Mas vem, vem e fecha nas tuas azas douradas as petalas do meu desejo.

« Desce donde estiveres, raio de sol, aza de abelha ou suave cantico de passaro ; mas vem, que te espero eu, sem poder fechar o meu tormento, emquanto não chegares para me amar.

« Mas quem és tu, amado de minha alma, que meus olhos te não distinguem por entre as sombras fugitivas da minha vida, nem meus braços te alcançam quando de noite te busco nos meus sonhos?... Quem és tu, amado espectro, a quem eu busco e que me acompanha?... Quem és tu, que te evoco e me não fallas, quando todo meu desejo era poder ouvir-te e cobrir-te de beijos ?

« Vem, meu amado, que eu soffro. O que tu és para mim, não sei ; sei apenas que te desejo e que todo meu corpo pede teu corpo, e que eu sem ti não poderei viver.

« Minha porta dorme aberta como meu peito. Meu leito não tem muros e meus braços não se cruzam para te receber, posto sejas tu o senhor e eu a escrava que te ama.

« Tu me reconhecerás na sombra, se chegares ; basta que ponhas a mão sobre minha

carne. E isso será um sello para que tu nunca mais me percas.

« Põe-me tambem a mim como um sello sobre teu coração e nunca mais o dês a outrem. »

E, no emtanto, Angelo era um innocente, ou, pelo menos, nunca tinha visto uma mulher.





#### IV

##### SUCCESSO DE ANGELO

**D**OTADO, como já disse, de grande actividade intellectual e com um admiravel talento de assimilação, Angelo aos quinze annos já embasbacára os seus ingenuos professores com as argucias das suas replicas e com os engenhosos commentarios que fazia do Velho e do Novo Testamento.

Oseas, cada vez mais profundamente convencido da procedencia divina do seu pupillo, afinal guardava-o e escondia-o com o respeitoso carinho e desvello com que se guarda uma hostia consagrada.

E a crença de que Angelo era um inspirado por Deus, foi ganhando o espirito de todos que com elle praticavam no convento.

Havia com effeito no ar d'aquelle moço prisioneiro de um claustro alguma cousa que impressionava á quem o observasse de perto. Os seus grandes olhos azues, muito escuros, quasi

negros, tinham uma expressão hybrida feita de innocencia e penetração. Eram vivos como os da aguia, mas transparentes e doces como os de uma criança ; ao mesmo tempo que deixavam transluzir toda a virgindade d'aquella alma immaculada, tinham subito clarões intelligentes, que denunciavam um espirito perspicaz e forte. Na pallidez das suas faces de moço havia a sombra das duras penitencias e das grandes vigalias mysticas sobre as paginas do breviario ou defronte do altar da Virgem Santissima, mas tinham tambem uma juvenil frescura de flôr, d'essas que só á noute desabrocham e rescendem. A sua bôca imberbe era um conjuncto fascinador de graça e de tristeza; seus labios, um tanto grossos e sanguineos, pareciam talhados mais para os beijos de amor do que para o tremulo balbuciar das orações. Seus cabellos negros, crescidos á nazarena; como então usavam os religiosos da França, deramavam-se-lhe em fartos anneis sobre a brancura do pescoço e cahiam-lhe em madeixas de lado a lado do rosto, todas as vezes que elle inclinava a cabeça para a frente.

Devia ter sido um rapaz muito forte, se não fôra a enervadora clausura a que o condemnára seu infeliz destino. Era de natural esbelto e airoso ; tinha os dentes brancos e rijos, o quei-

---

xo enérgico, o nariz feito de uma só linha, a fronte severa e larga.

As macerações dos jejuns e das asperas disciplinas não conseguiram desfibrar-lhe de todo a rica e sadia compleição com que a natureza o dotára. Apesar de tudo, era ainda, nos seus bellos vinte annos, uma garbosa e gentil figura, que havia fatalmente de impressionar as damas sensuaes da côrte de Luiz XV.

Effectivamente assim foi.

Conduzido até ao pulpito por seu pai espirital, Angelo, mal se mostrou e percorreu com os olhos inexperientes o auditorio que o aguardava ancioso, um surdo rumor de sympathia percorreu toda a igreja. As mulheres, installadas nas tribunas, espicharam o pescoço para o vêr melhor. O rei sorriu interessado. A côrte sorriu tambem.

A capella estava completamente cheia e palpitante de curiosidade. Pariz elegante estava todo alli, entre aquellas bonitas paredes de marmore côr de rosa, guarnecidas de florões e filetes de ouro rebrilhante. Sentia-se o tilintar dos pingentes de crystal dos immensos lustres de mil velas; sentia-se o fremir dos leques de tartaruga e madreperola suavemente agitados contra os adereços preciosos; sentia-se o farfalhar das sedas e das rendas.

O cheiro sagrado da myrrha e do incenso confundia-se com os voluptuosos perfumes do toucador.

Angelo, immovel, de pé, mãos pousadas no rebordo do pulpito, olhos postos no alto e labios entreabertos, fazia a sua oração preparadora, inteiramente alheio a toda aquella luzida e refulgente côrte que o cercava.

Comprehendia-se que sua alma, arrebatada no enlevo da prece, vagava n'aquelle instante pelos infinitos paramos do céu.

Toda a sua fé, toda a sinceridade das suas crenças e toda a pureza do seu corpo e do seu espirito vieram-lhe ao semblante n'aquelle momento de profundo extasis.

Parecia um archanjo em dulcissimo idyllio com a divindade. Dir-se-ia que elle, de um instante para outro, ía desprender-se da terra e partiria lentamente para Deus, como a propria supplica que lhe agitava as rosas da bôca, evaporando-se como um perfume.

Quando as suas primeiras palavras sahiram-lhe do coração, n'um doce murmurio de voz angelica, houve em todas aquellas pobres creaturas estafadas pelo vicio e pela libertinagem uma inesperada commoção, que lhes humedecia os olhos.

E elle, sempre arrebatado no vôo do seu en-

levo religioso, continuava a fallar, como se estivesse sonhando, cercado de uma nuvem de anjos.

A sua voz, crystallina e pura como a de uma donzella, mas vibrante, e sonora, enchia o recinto, produzindo n'aquel'le extatico e maravilhado auditorio effeito de uma estranha musica desconhecida, que baixasse dos céus para acordar-lhe no corrompido e morto coração uma idéa generosa e consoladora.

Foi geral e profunda a commoção. As mulheres arfavam, sem despregar os olhos da encantadora figura de Angelo. O rei deixára pender a cabeça sobre o peito e scismava, possuido de uma expressão de bondade que até ahí ninguem lhe tinha jamais visto. A condessa de Pompadour, debruçada no seu genuflexorio de velludo carmezim, tinha a physionomia paralyzada e parecia orar contritamente.

Entretanto, Angelo fallava sempre, e sempre alheio ao que o cercava. Suas phrases vinham-lhe aos labios naturalmente sem que houvesse n'elle a mais ligeira preocupação de agradar ou armar ao affeito. Era nada mais do que a confissão do seu entranhado amor pelo martyr do Golgotha; um descrever de dôres cruciante, que elle soffria dizendo-as, como se na occasião as experimentasse; um despenhar de en-

thusiasmos pelo Deus humilde que abandonou o seu throno celeste para vir padecer como o derradeiro dos homens.

Fallava de Jesus como se fallasse de um desgraçado amigo, a quem arrancaram de seus braços, para leval-o de rastos por essas ruas, cuspendo-lhe sobre as feridas, rasgando-lhe as carnes nas pedras do caminho, e matando-o afinal n'um poste infame, onde se justiçavam os ladrões e os assassinos.

A sua dôr era sincera, e por isso se apoderava do coração de todos que o ouviam. Tanto que Angelo, ao terminar o seu sermão, lançando o derradeiro lamento de desespero pela morte do redemptor e pedindo a Deus que o fulminasse tambem n'aquelle instante para nunca mais ter olhos nem bôca, nem ouvidos para este mundo de maldades, viu erguerem-se todos em volta d'elle e um grito de entusiasmo acompanhar as suas ultimas palavras, como se de repente acordassem sobresaltados, depois da embriaguez em que lhes lançára a capitosa eloquencia de discipulo de Ozeas.

Mas, antes que tivessem tempo de apoderar-se d'elle, e antes que as damas descessem das tribunas para felicital-o, já o frade, cioso do seu thesouro, arrastava-o pelos corredores da sacristia e mettia-se com elle no carro, man-

dando tocar a toda a pressa para o convento.

Quando o rei lhe mandou dizer pelo seu primeiro criado particular, o Sr. de Laborde, que viesse á sua presença para fallar-lhe, já a sege de praça em que elle íacom Ozeas, havia desaparecido muito tempo antes.







## V

### UM HOMEM PURO DISCUTIDO POR MULHERES IMPURAS

**Q**uando o sermão de Angelo foi um verdadeiro acontecimento; foi uma febre que se apoderou da curiosidade de Pariz inteiro.

Por todo a parte se fallava e se commentava aquella estranha figura pallida de seminarista, que vinha da sombra silenciosa de um pobre mosteiro abalar o coração de toda a côrte de Luiz XV.

Discutiam-lhe os olhos, a bôca, os cabellos. Fallava-se do seu ar angelico, da sua encantadora expressão de santo inspirado e da maravilhosa doçura da sua voz.

Formaram-se logo mil lendas a respeito d'elle, e sabia-se que o rei, depois de lhe oferecer um logar na capella real, o que foi immediatamente recusado pelo velho Ozeas, propoz-se a assistir á sua missa nova, graça que

não tinha até ahí concedido a nenhum outro iniciando, e prometteu tambem presenteal-o com as vestes e paramentos que o seminarista tinha de pôr n'esse dia, o que equivalia a dizer que Angelo iria ordenar-se cercado de todos os esplendores.

E começaram, tanto os que presenciaram o famoso sermão de quinta-feira santa, como os que apenas ouviram fallar d'elle com insistencia, a esperar o dia da iniciação de Angelo, para ter, ao menos, o prazer de ver esse imberbe e afortunado prégador, que assim abalava escandalosamente o alto e baixo publico de Pariz.

Angelo era o assumpto de todas as palestras da rua e das salas. No theatrinho que o duque de Orléans tinha no seu palacio de Bagnolet, celebre pelas scenas licenciosas que ahí se representavam, tratava-se já de fazer subir á ribalta uma peça com o nome d'elle, na qual o duque desempenharia um dos principaes papeis.

No salão theatral da duqueza de Villeroi, onde o rei da Dinamarca viera uma vez para ver Le Kain e Mlle. Clairon, pensava-se tambem em montar uma comedia de assumpto sacro, cuja acção se passava na capella real e cujo protogonista era um prégador de vinte annos.

E, assim, no theatro do barão de Esclapon,

no da duqueza de Mazarin, no do Sr. de Magnauville, no do principe de Condé, no da Guimard e nas salas alegres de Sophia Arnould, pontos esses de reunião em que melhor se fazia espirito e com mais graça e mais picante maldade se discutiam as novidades e os escandalos do dia, era ainda Angelo o assumpto da palestra e o objecto de mil epigrammas, satyras e trocadilhos.

Mas onde, incontestavelmente, o assumpto despertou maior escandalo foi no salão da condessa Alzira, formosa, cynica e espirituosa cortezã, celebre por ser n'essa época a mulher mais insensivel e mais fria de Pariz. Juravam todos, que ella nunca sentira por ninguem a menor particula de amor, e que o seu melhor momento de alegria era aquelle em que lhe davam parte de que, por sua causa, algum dos seus innumerados apaixonados cahira morto em duello ou mettêra uma bala nos miolos.

Começando pelo rei, que fôra o seu primeiro amante, ella pertencêra depois simultaneamente, ora mais, ora menos tempo, a toda a gente da côrte capaz de manter mulheres caras.

Tinha uma virtude : não enganava a ninguem, porque, não só confessava francamente ao seu dono da occasião toda a sua insensibilidade, fosse lá por quem fosse, como não repartia

com um segundo aquillo que um primeiro havia arrematado já e pago á vista.

Esta sinceridade original em uma pessoa das suas condições valeu-lhe a estima de alguns homens de espirito. De sorte que as quintas-feiras de Alzira eram frequentadas por boa roda de rapazes, e a gente se não aborrecia entre as quatro paredes das suas riquissimas salas.

Como feis, reuniam-se lá todas as semanas suas amigas, a cantora Sophia Verrière, Gabriella Vanguyon, Margarida Duclos, o conde de Saint Malô, Arthur Bouvier, e, principal e invariavelmente, o seu velho amigo, o unico homem para quem Alzira tinha ás vezes um sorriso de amizade, o Dr. Colbalt, medico de nomeada, que fazia algum ruido em volta de seu nome com os seus estudos sobre o materialismo, então apenas nascente em França.

E as reuniões eram boas quasi sempre. Na immediata ao sermão de quinta-feira Santa era Angelo o assumpto forçado em todos os grupos.

— Um successo! exclamava Sophia, um verdadeiro successo! Em alguns dias o tal discipulo do velho Ozeas tornou-se quasi tão popular como a Pompadour!

— E' exacto! confirmou o conde de Saint Malô. Depois de Bossuet, não se ouviu em

Pariz uma predica tão notavel. Nem as melhores de La Rose!

— Ah! interveiu Arthur Bouvier, o sermão de quinta-feira foi com effeito uma obra prima no seu genero! Vi desfazerem-se em pranto creaturas a quem eu suppunha que fosse impossivel arrancar uma lagrima!

— Pois se até a Guimard chorou!... disse Margarida, mostrando os seus dentes grandes, como os de uma ingleza.

Bouvier replicou:

— A Guimard não admira, é uma mulher! Feia, é verdade; magrissima, não ha duvida; sarapintada de marcas de bexiga, ninguem o nega: mas afinal é uma mulher! Commove, porém, o duque de Frónsac e o marquez de Sade até á lagrima... isso é que é verdadeiramente extraordinario!...

— Pois esses dous monstros choraram?... perguntou Gabriella, affectando grande surpresa. Oh! como hoje em dia a lagrima está ao alcance de todas as bolsas!...

— Pois choraram! insistiu Bouvier. Tanto que, a proposito, Sophia Arnould disse que o joven prégador, fazendo brotar agua de taes rochedos, conseguira maior milagre do que o seu legendario collega Moysés.

— Ah! suspirou Margarida. Não ha duvida

que o talento sabe fazer todos os milagres!...

O Dr. Cobalt, que a um canto da sala conversava com Alzira, mas applicava meio ouvido á palestra dos outros, exclamou de lá :

— Não ! não ! perdão ! não foi o talento que fez o milagre, minhas gentís amigas ! não foi o talento, nem tão pouco a illustração theologica do joven seminarista o que tão profundamente impressionou Pariz !

Estas palavras do medico abriram na sala um silencio de surpresa e indignação.

Como ? Pois o Dr. Cobalt tinha a coragem de negar talento ao p régador de quinta-feira santa ?... Oh !

O conde de Saint-Malô aprumou-se ainda mais sob os bofes bordados da sua camisa de rendas. Bouvier cerrará os labios, revoltado, e Gabriella assestára sobre o doutor o seu *lorgnon* de tartaruga.

Negar talento ao pobre moço !... Com effeito !

Cobalt sorriu, levantou-se, e, indo collocar-se entre elles, respondeu com a sua fleugma habitual, afagando o ventre :

— Sim senhor ! sim senhor ! não foi o talento nem a illustração do seminarista que impressionou Pariz inteira ! Ha por aqui milhares de theologos, muito mais fortes e mais oradores

do que Angelo, que não conseguem abalar um só dos seus ouvintes !

— Então o que é que foi ?... interrogou a formosa Gabriella, sem abaixar o *lorgnon*.

— Uma cousa muito simples, minha querida senhora, uma cousa extremamente simples...

Todos se aproximaram d'elle, vencidos pela curiosidade.

— Que foi ? — Que foi ? — Que foi então ?...

— A sinceridade, respondeu o medico.

— A sinceridade ?... exclamaram em côro.

— Sim, meus caros amigos. A verdadeira convicção nas suas crenças, o verdadeiro sentimento do que elle affirmou no pulpito. Foi só d'ahi que lhe veiu aquella poderosa e dominadora eloquencia. Angelo fallou mais com o coração do que com a cabeça, e só por isso Pariz o ouviu tão commovido !

E depois de uma pausa : — Sim, porque é preciso confessarmos uma cousa, meus idolatrados amigos, os parizienses de hoje dispoem de muito espirito e de muita encyclopedia, mas em questão de sentimento e de sinceridade são de uma pobreza franciscana.

— Não é tanto assim !... arriscou Arthur.

— Nós, os parizienses de hoje, proseguuiu o medico, somos muito cortezes, muito engraça-

dos, sim senhor, mas... falsos e hypocritas como ninguem !...

— Ora essa, doutor !... resmungou o conde, com um tregeito de resentimento.

Cobalt accrescentou, torcendo para baixo a linha fria da sua bôca barbeada :

— Pariz admirou em Angelo o que Pariz já não possúe et só por isso considera extraordinario. Foi a adoração do homem desfibrado e gastó pelo homem ainda forte e perfeito ! Admirou a fresca e delicada flôr do sentimento, que elle suppunha ha muito tempo extincta. Admirou Angelo como se admirasse uma raridade preciosa, uma das nossas armaduras dos tempos gaulezes, por exemplo.

— Não sou d'essa opinião ! oppoz Gabriella, voltando o rosto.

Alzira, que não deixára o canto do seu divan, ia cada vez mais se mostrando empenhada no que dizia o medico. Agora tinha o cotovello fincado na almofada, a mão amparando o rosto, e os olhos espétados no tecto.

— Era muito natural, continuou aquelle ; era muito natural que, em meio de uma sociedade devassa, em meio da França da Pompadour, aquelle verbo sincero, ingenuo, convicto e apaixonado, fulminasse a todos, como se fôra raios de luz vingadora enviada directa-

mente por Deus! Pariz, meio electrizado de Champagne, havia adormecido embalado por uma canção de Boufflers, guinchada por qualquer *espazier* do theatro de Audinot, e acordou estremunhado no dia seguinte á voz crystallina e matinal de uma criança, que vinha repetir em linguagem biblica o que ha quasi dezoito seculos apregoavam em Galiléa os discipulos de Christo. E' natural que se commovesse... e foi isso justamente o que succedeu! Pariz, que ha tanto tempó só sabe fazer uma cousa bem feita e com graça, — a orgia, — ficou embasbacada defronte da casta e simples palavra de um pobre seminarista sem pretensões; é justo! Mas o que lhes affianço, meus amigos, é que, se o simplorio do padreca visasse a qualquer effeito; se desconfiasse, ao menos, da impressão que ia produzir no publico, a ninguem teria commovido! Se elle conhecesse a sociedade que hoje o acclama; se elle tivesse tido a menor aspiração de gloria; se elle não fosse, emfim, coitado! mais innocente e mais puro do que a menina mais innocente de Pariz, juro-lhes que não conseguiria o successo que obteve. O choque foi grande, porque foi inesperado. Os parizienses morrem pelo imprevisto e pela novidade; e ninguem, hoje em dia, lhes poderia proporcionar melhor novidade, do que

o singularissimo caso de um rapaz de vinte annos perfeitamente immaculado e puro !

— Mas, doutor, elle será com effeito tão puro como se diz por ahi?... perguntou Gabriella em ar de riso. Não creio !

— O que ha de mais puro ! confirmou o medico.

— Um homem virgem em pleno seculo dezoito !... Qual ! disse Sophia Verrière soltando uma risada. Também não acredito !

— Nem eu ! reforçou Margarida, sem rir.

— O Dr. Cobalt exagera com certeza... observou Gabriella.

— Não exagero, tornou o materialista, e digo mais, que elle nenhum merito revela com semelhante raridade, porque tal pureza não é obra sua, mas sim de frei Ozeas.

— Mas, afinal, perguntou Alzira sahindo da sua abstracção e encaminhando-se para o doutor ; afinal, qual d'essas mil e uma legendas, que correm por ahi a respeito de Angelo, é a verdadeira ?...

— Quaes sejam as mil e uma não sei... disse o medico, sentando-se no meio do grupo, mas a verdadeira é esta que vou contar :

— Pois venha a legenda !

— Venha a legenda !

— Attenção !



## VI

### FRAGIL COUSA É O GELO!



Dr. Cobalt, com o espirito alegre de que era dotado e com a sua pittoresca e original maneira de contar as cousas, narrou ás damas e cavalheiros que se achavam no palpitante salão da condessa Alzira, a curiosa e singela historia de Angelo.

Foi escutado com o maximo interesse. A formosa e fria dona da casa, essa mulher que diziam de coração surdo a todas as ternuras e de olhos seccos e fechados para todas as dôres, era, tódavia, a que mais se mostrava presa dos labios do narrador, e a que mais avidamente lhe bebia as palavras.

— Ozeas, dissé o medico, concluindo, queria enfim fazer um padre perfeito, para poder dar alguem por si, quando, despido da traiçoeira carne, tivesse de apresentar-se de alma núa perante o Creador, e tivesse, como sacerdote,

de prestar contas do que praticára n'esta vida. Queria fazer um grande coração, muito forte e muito amoroso; amoroso para Deus; forte para o mundo. Queria que o seu discipulo amado fosse uma torre de crystal, invulneravel e incorruptivel, mas tão alta e tão solida que ligasse a terra ao céu e o homem a Deus!

Dito isto, calou-se por um instante; depois sorriu para o attento grupo que o cercava silencioso, e acrescentou, pondo-se de pé e abrindo os braços na galante reverencia de uma quasi mesura :

— Ora ahí têm, meus adoraveis amigos, tudo o que sei de fonte pura a respeito do singular moço que tão formidavel impressão deixou sobre Pariz na quinta-feira santa.

Alzira quebrou o seu silencio para perguntar, com os olhos fitos no medico :

— E elle, antes de quinta-feira, nunca então havia sahido á rua?...

— Nunca, affirmou aquelle. Fez todos os seus estudos e recebeu as ordens sem arredar pé do convento, ao qual o seminario é annexo. Seus dias, desde a mais tenra idade, foram todos, todos, dedicados de corpo e alma aos livros santos e aos misteres da igreja.

— Então é um ente perfeitamente puro? interrogou ella.

— Puro como um anjo.

— E' extraordinario! exclamou Margarida sem conter o seu enthusiasmo.

— E' inacreditavel! disse Sophia, meneando a cabeça com um gesto de incredulidade.

Gabriella Vauguyon soltou um suspiro e deixou escapar esta phrase, que fez rir a sociedade :

— Um homem puro em Paris! A dous passos de nós! Oh!

E o Dr. Cobalt, que saboreava o effeito que a noticia da castidade de Angelo causava sobre aquellas mulheres, que havia muito tempo se tinham esquecido já do delicioso perfume da flôr da lorangeira, accrescentou, para alfinetar-lhes as fibras da admiração :

— Um homem purissimo, virginal! Immaculado como a Virgem Santissima! Um homem completamente innocente, sem a menor idéa do que seja a sociedade, nem as paixões mundanas, nem sexos, nem...

— Nem sexo?! inquiriu Gabriella arregalando os olhos, sinceramente pasmada.

— Nem nada! nada! nada! respondeu o medico sorrindo e apertando os beiços. Nada, minhas adoraveis peccadoras! Mas o que se chama « nada »!

— Estudava e lia muito, não é verdade, Dr. Cobalt!... quiz saber Magarida Duclos.

— Sim, mas só cousas sagradas. Biographias de santos, aneddotas religiosas e dissertações espirituaes. Ora, succedeu por acaso que essa misera criança, que o mesmo acaso atirou ás mãos do padre Ozeas, dispuzesse das mais valentes faculdades mentaes, e, não conhecendo ella outro meio além d'aquelle em que vegetou, e, não tendo outro pasto para seu espirito além da doutrina christã e da manhosa theologia, deu-se todo inteiro a estas duas estereis e seductoras senhoras, e, no fim de contas apresentou escandalosamente aquelle imprevisto typo que fez as nossas delicias e as delicias da cõrte na quinta-feira passada.

— Ah! disse o conde de Saint-Malô, não ha duvida, porém, de que elle tem muito talento oratorio: é uma capacidade em materia de religião.

— Qual! desdisse o materialista em ar de pouca importancia. Acho que aquelle pobre moço é mais uma intelligencia aproveitavel que se perde, e mais um infeliz doente que ganham os hospitaes!

— E porque?... exclamou Alzira vivamente.

— Ora! desdenhou aquelle. Porque toda a sua sciencia, se é que elle a tem, baseia-se nos mais falsos principios. A sua philosophia é bonita, não ha duvida, mas completamente

inutil. Não passará nunca de um metaphysico!

« Construiu o seu edificio intellectual sobre areia movediça; e no dia em que o primeiro sopro quente de vida real cahir-lhe em cima, lá se irá por terra a igrejinha! No dia em que a natureza, indefectivel nas suas leis, o chamar friamente á verdade das cousas e exigir que elle cumpra com o seu destino physiologico de homem, o seu proprio talento ha de revolucionar-se com o seu sangue e elle terá de abrir guerra aos falsos e arbitrarios principios em que o educaram. E então, o desespero e a decepção d'aquella pobre victima do visionario Ozeas serão tamanhos e tão fortes, que o desgraçado talvez não tenha forças para resistir ao golpe!

Alzira estremeceu.

— Infeliz! balbuciou ella.

Arthur Bouvier tinha-se aproximado do Dr. Cobalt e disse-lhe, pousando-lhe a mão no hombro :

— Póde ficar tranquillo, meu amigo, que o innocente Angelo não conservará por muito tempo as suas pennugens de anjo! A questão foi pôr o nariz á primeira vez fóra do convento, ainda que para prégar sermão; respirou este ar de Pariz, está prompto! está perdido! Um

atomo d'esta complicada atmospherá, composta da exhalção de todos os luxos e de todas as miserias, de todas as febres e de todas as paixões, é o bastante para revolucionar-lhe o espirito e corromper-lhe o corpo até á medula. Além de que, o rei, com certeza, já o tem de olho, e não deixará escapar uma joia tão rara; é natural que a cobice para a sua côrte. Não dou muito tempo para vermos o tal santinho de olhos bonitos entrando para o quadro da capella real, com uma boa sinecura e um bom ordenado que lhe chegue para ter carruagem e para pagar uma gentil preceptora, que se encarregue de completar-lhe a educação. E juro-lhe que essa terá tanta paciencia e tanta sollicitude, quanta teve o santarrão do velho Ozeas, mas para lhe ensinar aquillo justamente que este lhe não quiz revelar.

— E não será difficil encontrar quem se queira encarregar de completar-lhe a educação... observou Sophia; porque, segundo a opinião geral, o tal anjo de pureza é notavelmente sympathico.

— Sim, tornou Cobalt; mas para isso era preciso que o santarrão, como disse aqui o nosso Bouvier, não estivesse de olhos bem abertos.

— Ora! oppoz Margarida por detraz do seu

leque, o velho Ozeas tem perto de oitenta annos! Já deve estar com a vista curta...

— E as pernas tropegas... accrescentou Gabriella.

— E não viverá eternamente, completou Sophia. Se o santinho não tiver por si outra guarda, póde ir desde já resando por alma da sua virginal capella!

— Sim! apoiou o conde. Não ha duvida que está ahi, está cantando a primeira missa e entrando logo em seguida para a capella real. E ha de fazer carreira!

— Pois engana-se, caro conde, acudiu o doutor; engana-se redondamente. Angelo não entrará para o quadro da capella real, posto que o rei já o convidasse. O velho Ozeas tenciona carregar com elle para Roma, depois para Jerusalem, com o fim de alargar-lhe quanto possivel o cabedal das suas luzes; e, quando o rapaz estiver bem homem, bem forte, completamente desenvolvido, então o velho Ozeas o atirá sobre Pariz, oppondo o discipulo como um terrivel protesto vivo contra a grande e desenfreada decadencia moral dos nossos tempos! Conta que a lucta se travará um dia a final, tremenda e sem treguas. De um lado, o invencivel apostolo, fechado na armadura da sua virtude e armado até aos dentes com toda

a sua sabedoria divina ; do outro lado, Pariz, Pariz friamente inabalavel nos seus vícios e na sua libertinagem, Pariz crapula, Pariz abjecção, Pariz lodo !

— Ah ! essa lucta ha de ser fatal ! disse Arthur Bouvier no meio do silencio dos outros.

— Não ! accrescentou o materialista perdendo por um instante a sua fleugma natural e deixando escapar dos olhos uma estranha scintillação que lhe transformou o ar bondoso da physionomia. Não ha de ser com supplicas e sermões que a França se regastará, mas á metralha, a canhão e á ponta de bayonetas !

— A sangue ? ! exclamou o cõde.

— Sim, a sangue, confirmou o medico sacudindo a cabeça.

E calaram-se.

O sorriso havia desaparecido de todos os labios ; as mulheres tinham desmaiado de côr ligeiramente.

Cobalt accrescentou em voz cava, como se fallasse comsigo mesmo :

— O que talvez não esteja longe !...

E um indeciso sobresalto agitou-lhes o sangue e opprimiu-lhes vagamente o coração, nem que n'aquelle momento entrasse alli, como um sopro presagioso, agitando as cortinas da sala e empallidecendo á luz das velas, um clarão

vermelho vindo das bandas septentrionaes da America.

Era a sombra da revolução que se approximava lentamente da França.

Se prestassem ouvidos, quem sabe? talvez escutassem um surdo ruido subterraneo : Diderot e d'Alembert abriam já a sua mina por debaixo da terra, para depois Voltaire lançar-lhe o fogo.

Só Alzira não parecia sobresaltada. Encaminhando-se para o Dr. Cobalt tomou-o pelo braço, afastou-o para um canto da sala e perguntou-lhe, reclinando no hombro d'elle a sua formosa cabeça :

— Já sabe qual é o dia marcado para a missa nova do padre Angelo?...

— Segunda-feira.

— Onde?

— Em Notre-Dame.

— Quer ir commigo?

— Com mil desejos, minha encantadora amiga.

— Obrigada. Iremos juntos.







## VII

### FULMINAÇÃO

**N**o dia marcado para a missa nova de Angelo, a cathedral de Pariz, onde devia ella effectuar-se, começou, desde muito cedo, a encher-se de gente de todas as classes, desde a mais alta até á mais baixa camada social.

Iria o rei, e com elle lá estaria, sem duvida, a cõrte em peso. A cõrte arrastaria o que de mais brilhante houvesse no alegre circulo das loureiras; estas, por sua vez, chamariam atraz de si um mundo de namorados, de poetas, de artistas e de pandegos, aos quaes acompanharia espontaneo o povo, sempre curioso e avido de festas.

N'um dos longos corredores lateraes da sacristia, corredor abobadado e feito todo de pedra, o Dr. Cobalt conversava tranquillamente com um padre velho chamado Azarias e com um sacristão, que se mostrava enthu-

siasmado com o escandaloso e original successo do seminarista.

O medico não tinha perdido a sua calma habitual; dir-se-hia que elle estava alli mais para observar do que para divertir-se. Com os seus frios labios sempre contrahidos, parecia abstracto e afagava o queixo escanhado, tomando de vez em quando uma pitada. O sacristão, esse não ficava quieto um só instante: ia e vinha de carreira, furando por toda a parte procurando saber quem entrava na igreja.

— Chih! exclamava elle esfregando as mãos defronte do padre Azarias. Que furor! Que furor! Não imaginam que de gente cada vez mais chega para assistir á missa nova do discipulo de frei Ozeas! Já vi a Sra. marquesa de Vandenesse e a sua encantadora irmã, a Sra. De Couti, a Sra. condessa de Laranguais, de quem dizem que o rei...

E interrompeu-se para segredar, dando um salto e apontando para uma das portas por onde se via quem chegava:

— Olhem! Olhem! alli vai o poeta Boufflers!.... vai com o conde de Saint Malô e com o cavalheiro Arthur Bouvier. Agora entrou a Sra. marquesa de Tournelles!

— Ora! disse Azarias. Pois se até a rainha,

que agora pouco sahe á rua, aposto que ha de vir!....

O sacristão, depois de nova carreira e novo esfregar de mãos, veiu declarar quasi ao ouvido do padre:

— E veiu tambem, reverendo, o que ha de mais espaventoso entre o mulhieri pariziense!...

— O' maroto! resmungou o velho sacerdote. Alguem aqui te perguntou por isso? Anda! Sai de junto de mim, monstro!

O sacrista voltou-se então para o medico, e disse, contando pelos dedos:

— Está ahi a fallada Duthê, com o seu eterno vestido côr de rosa e com o seu actual amante, o duque de Durfort! Está ahi Sophia Arnould, com o seu cãozinho, o duque de Chartres!

— Não te calarás?! bradou o padre velho, tornando-se vermelho.

O sacrista não fez caso e continuou, dirigindo-se ao medico, como se este lhe dêsse attenção:

— Vieram tambem as Berrière, com as quaes confesso que embirro solemnemente, a Der-vieux, de quem eu cada vez mais gósto; a Guimard, a Cléophile; e, mais bella que todas, mais seductora e mais diabolica, a celebre condessa Alzira, a mulher mais insensivel de Pariz!

veiu com o seu amante d'estes ultimos tempos, o marquez de Florans !

— Este sacristão é entendido no genero !... observou o materialista a rir-se.

O padre resmungou, em resposta, coçando a calva :

— Ah, Pariz ! Pariz das Pompadours !...

— Tambem acaba de chegar ! exclamou o endemoninhado sacristão. Está na primeira tribuna da esquerda, com o principe de Henin e o conde de Aranda.

O velho tornou a coçar a cabeça e disse com azedume :

— Não sei que tem a cheirar na casa de Deus semelhante gente. Mas que quer ? Fizeram d'esta missa um divertimento ! O culpado é o rei. Aposto que está ahi tambem o duque de Fronsac, esse maldito libertino, que herdou todos os vicios de seu pai, o cardeal de Richelieu, sem herdar nenhuma das virtudes ! Vem ao faro das aventuras, o sem vergonha !

— E o que ahi está de homens illustres... observou Cobalt' ao ouvido do padre. Já avistei Favart, Gentil Bernard, Condorcet, Luchet, Fréron, d'Alembert, Diderot, Beaumarchais, Mally, Lavoisier...

— Este seminarista, declarou o outro, é com effeito de uma fortuna inacreditavel ! Creia,

meu doutor Cobalt, que nunca vi tanta gente boa reunida n'uma igreja para ouvir uma missa! E uma missa nova! E' extraordinario!

Mas Angelo n'esse momento saltava do carro para entrar com Ozeas na porta lateral da sacristia, e um rumor geral se levantava provocado pela sua chegada.

O Dr. Cobalt afastou-se de carreira, para arranjar um logar na capella em que devia ser a iniciação do adorado presbytero.

A capella, sumptuosamente preparada para a cerimonia, refulgia, fulgurando de luzes e de ouro, e de alvas rendas preciosas, e de riquissimos damascos de mil bordados.

Grande esplendor! Grande riqueza! Grande deslumbramento!

O altar-mór, onde Angelo ia celebrar, parecia sahir de dentro de um immenso ramalhete, tão grande era a profusão de rosas que as damas lançavam nos seus degrãos á medida que iam chegando.

As tribunas regorgitavam de mulheres luxuosamente vestidas e decotadas á moda caprichosa do tempo. Viam-se os enormes pentaedros, onde scintillavam os diamantes por entre perolas e plumas de crystal finissimo.

Legros, então o mais querido entre os mil e duzentos cabelleireiros do bom tom, passára

tres noites em claro a aviar toucados, sem conceder mais de dez minutos a nenhuma cabeça e occupando, sob suas ordens, n'aquelles ultimos dias, mais de quinhentos ajudantes.

E toda aquella gamenha gente, com as suas fantasiosas roupas de sedas multicôres ; as mulheres de saia e *panier* á Pompadour ; os homens de casaca á *la Rampegneau*, com as suas cabelleiras empoadas, de tres e quatro canudos, á *la Sartines*, grandes bofes de cambraia, chapéo de tres bicos debaixo do braço e florete á cinta ; toda essa gente, agglomerada, sussurrante e irrequieta, apresentava, no interior d'aquella austera e formosa cathedral, o folião e brilhante aspecto de um luxuoso carnaval de côrte.

Conversava-se e ria-se.

Mas, de repente, calaram-se todos e todos se agitaram. Os que estavam sentados puzeram-se rapidos de pé.

Era o rei que chegava, acompanhado por sua pomposa comitiva.

Com um gesto frio e distrahido Luiz XV fez um ligeiro cumprimento de cabeça e deixou-se cahir na cadeira á frente da real tribuna, cruzando as pernas negligentemente e bocejando de tedio.

O olhar que elle lançou para os sorrisos e

para as reverências, que de todos os lados o receberam, foi um pallido olhar de desdem e cansaço. A ceia da vespera devia ter sido prolongada.

Ouviram-se, então, do lado do côro, as primeiras notas, severas e plangentes, do orgão.

Ia começar a missa,

Algumas pessoas preparavam-se já para a contrição. Muitos ajoelhavam, de mãos postas e cabeça baixa. O silencio estendia-se respeitoso. Vieram do alto vozes de cantores, e o cabido respondeu cá de baixo, tambem cantando, junto ás suas estreitas cadeiras de alto espaldar de madeira negra.

Angelo, ricamente paramentado com as veste talaes com que o presenteára o rei, tinha chegado ao altar, e, d'entre uma nuvem de incenso, perdia-se no extasis da sua oração, com os braços abertos, os olhos postos na doce imagem de Christo crucificado. Estava bello como um joven Deus!

Assim, nos seus sumptuosos damascos bordados, parecia um anjo todo vestido de ouro. E o seu formoso rosto era bem o rosto de marfim de que fallava na biblia a triste e voluptuosa filha de Jerusalem, decantando o seu amado.

Ozeas servia-lhe de acolyto. E a sua curva

figura, de longas barbas brancas, ajoelhada por detraz d'aquelle moço lembrava, no tremulo arrebatamento da sua contrição, o vulto de um velho rei louco, guardando com os olhos anciosos o seu lindo principe desejado por todas as mulheres.

E, com effeito, sobre elle de todas as tribunas desciam raios de tentação.

Alzira fitava-o como uma serpente paradiasiaca.

A missa, entretanto, seguia o seu curso, inalteravelmente, por entre o vago murmurio dos collos que arfavam, não de piedade, mas de desejo e de amor.

Mas, quando Angelo, terminado o divino sacrificio, erguia o olhar pela derradeira vez, procurando o céu, seus olhos de repente se fecharam fulminados e todo o seu corpo tremeu da cabeça aos pés.

Em vez do céu, seus olhos tinham encontrado o olhar de Alzira.

Ozeas, soltando um grito, correu para elle, tomou-o violentamente nos braços, escondeu-lhe a cabeça entre as suas mãos tremulas, tapando-lhe o rosto contra seu peito.

E ficou por logo tempo a fitar, ameaçadamente, a cortezá.

A multidão precipitou-se para junto dos

---

dous, electricada de curiosidade. Todos queriam saber no mesmo instante o que havia acontecido.

Mas os sinos começaram a repicar alegremente ; a orchestra tocava já uma musica profana ; nuvens de incenso ergueram-se de novo : a missa estava terminada.

E Angelo, sem levantar a cabeça do collo de seu pai, afastou-se do altar e sahiu da capella, vagarosamente, arrastando os pés como um cego.

Não se lhe ouviam os soluços, mas todo o seu corpo se agitava nas convulsões de choro.







## VIII

### UM OLHAR DE MULHER

**A**NGELO de volta da igreja, assim que se achou no carro a sós com Ozeas, abriu a soluçar, n'uma convulsa explosão de todo o seu ser.

Não podia, entretanto, determinar o que se passava em sua alma. Era uma agonia estranha e dolorosa, que a revolucionava sem dizer porque, um intimo martyrio, feito de vagas apprehensões, que a atordoavam de terror por imminentes e desconhecidos perigos.

Sem ter a menor idéa da vida commum, sem desconfiar sequer do maravilhoso effeito que o seu sermão de quinta-feira santa produzira sobre o publico, que poderia o misero comprehender de todo aquelle ruidoso enthusiasmo que o cercára, e de todos aquelles avidos olhares feminis que o devoraram de curiosidade?

Seu proprio nome, ouvira-o elle repetido por tantas bôcas ao mesmo tempo, que agora lhe chegava á memoria como o estribilho de uma singular canção, fallada em lingua alheia.

Ozeas, a seu lado, meditava, sem erguer a cabeça, recolhido em profunda preocupação.

Não deram ambos uma só palavra durante a viagem, até chegar ao mosteiro.

Entraram na cella como duas sombras.

O presbyteró foi direito ao altar da virgem, cahiu de joelhos defronte d'ella e quedou-se a fital-a, enquanto as lagrimas lhe escorriam pelo rosto, agora silenciosamente.

Depois ergueu-se e começou a considerar, abstracto, tudo o que o cercava alli, como se visse aquelles objectos pela primeira vez.

E tudo aquillo nunca lhe pareceu tão miseravel e tão tenebroso como n'aquelle instante. Aquella dura prisão, onde surdamente se escoára a sua triste mocidade, nunca lhe pareceu tão arida e tão mesquinha. Aquellas núas paredes, empallidecidas pelo tempo, nunca lhe pareceram tão apertadas, e aquelle sombrio tecto, tão baixo e suffocante.

Olhou longamente para as suas velhas estantes carregadas de pesados livros religiosos; olhou para a sua tosca e tranquillã mesa de estudo, para a sua pobre enxerga de

condemnado, e ficou a considerar o cilicio pendido da parede junto ao altar da virgem.

Oseas observava-o, immovel até ahi, de braços cruzados, com uma inconsolavel e funda expressão de magua no olhar.

Afinal, foi ter com elle, e tocou-lhe no hombro.

Angelo despertou sobresaltado.

— Então, meu filho, disse o velho com voz segura, continúa a tua perturbação?...

Angelo não deu resposta.

— Vamos! Falla!

— Sim, meu pai, tartamudeou o pobre moço, volvendo para elle os olhos innocentes. E peço-lhe que me deixe só; preciso concentrarme, até voltar á minha primitiva tranquillidade.

O velho insistio, segurando-lhe as mãos e fitando-o, como se procurasse arrancar-lhe pelos olhos a confissão da revolta que lhe ia n'alma.

— Mas como explicar semelhante perturbação?... exclamou elle. Pois então justamente hoje, hoje que tua alma devia, melhor que nunca, resplandecer de santo jubilo; hoje, que fizeste o teu ultimo passo para chegar ao coração da igreja; hoje, que deste o teu supremo voto; hoje é que te sentes pertur-

bado, e afflicto ? !... Como explicar semelhante anomalia ? !...

Não sei... não sei... balbuciou Angelo. Deixe-me ficar só, meu pai !. Deixe-me conversar com minha alma !...

— Mas tu nunca faltaste a nenhum dos teus deveres... tornou o frade. Tu nunca peccaste, por palavras, nem por obras, nem por pensamentos... tu, que foste por bem dizer educado pela mão de Deus, porque até hoje te não afastaste uma linha do seu divino ritual... tu, que nã tens sequer a idéa da culpa... tu, que és tão innocente e tão puro como no dia em que te trouxe em meu collo para este convento... tu, que vieste das mãos de Deus para as minhas, e das minhas tornaste hoje directamente para as mãos de Deus... porque tremes agora e porque me olhas d'esse modo, Angelo ? !

— Não sei, não sei, meu pai !

E Angelo, como se receiasse a traição dos proprios olhos, sentou-se no banco e escondeu o rosto nas mãos.

Ozeas chegou-se mais para elle e disse, edpois de contemplal-o em silencio por algum tempo :

— Acaso estará o demonio a cercar-te, cubioso de tua alma tão branca e tenra ?... Ou a

tua perturbação será causada pelo écho profano d'essa capital que te admira e te acclama, e cuja multidão só hoje atravessaste pela primeira vez?...

Angelo ergueu-se e descobriu o rosto.

A sua physionomia tinha-se transformado.

Não sei ! exclamou. Não posso explicar o que sinto, o effeito que me produz o confuso rumor que ouço em torno de mim!... Não posso determinar qual é o facto que me perturba; qual é o ponto de onde me vem esta agonia; mas sinto-me espavorido e frio, como se estivesse abandonado sobre o pincaro de um rochedo nú, em torno do qual se agitassem todos os mares do globo. Sinto em derredor do meu cerebro o terrivel praguejar d'esse interminavel oceano... E no arruido das suas vozes ameaçadoras ha como que a repercussão de um inferno suffocado pelas aguas!

Afigura-se-me a cada instante que o oceano se vai abrir defronte dos meus olhos, e que então o inferno apparecerá com as suas guelas de fogo, prompto a devorar-me. Não comprehendo, nem distingo uma só d'essas vozes; não consigo destacar uma palavra ou uma nota musical de todo esse murmurar de espectros; não sei o que é que me preoccupa e consterna, mas sinto a alma pequena e transida de medo,

como se em volta d'ella girasse rosnando um bando de leões esfaimados!

E, lançando os braços em torno do pescoço de Ozeas, terminou com uma explosão de soluços, deixando cahir a cabeça sobre o peito d'elle.

Não sei o que me cerca! não sei o que me ameaça! Mas tenho medo, meu pai! Tenho medo! Salve-me, por piedade!

Tens medo? ! bradou Ozeas. Entretanto, hoje não devias ouvir, nem vêr, nem sentir outras vozes que não fossem as do céu! Tua alma devia estar toda voltada para elle e só a elle reflectindo, como um grande lago quieto, crystallino e limpido, cuja superficie não tolhasse sequer a aza de uma abelha.

— Bem sei, bem sei, meu pai! soluçou Angelo. Mas, a despeito dos meus esforços, outras vozes vinham ainda ha pouco misturar-se ás vozes celestiaes; outros perfumes perturbavam os aromas da igreja; outras idéas distrahiam minha alma; outro sangue me pulsava em todo o corpo! Afigurava-se-me até ter dentro do peito outro coração que não era o meu; dentro do cerebro pensamentos que me não pertenciam!

Ozeas, ouvindo estas palavras, teve um forte sobresalto de terror e amparou-se de

Angelo, como se o quizesse resguardar do mundo inteiro.

Oh! bramiu elle, aterrorisado. E' preciso que fujas, quanto antes, d'este covil de tentações diabolicas! E' preciso deixar Pariz, immediatamente, já! E' preciso que te refugies na parochia mais humilde, mais pobre, mais miseravel, e onde só possas encontrar sacrificios e dôres! E, se ahi mesmo, arredado de tudo que tôr brillante e fascinador, isolado das perdições mundanas, approximar-se de ti o demonio e fizer com que o sangue te suba ao cerebro, ameaçando estrangular os teus votos sagrados, então agarra aquelle cilicio e fustiga e martyrisa com elle a tua carne, até que a faças calar para sempre!

E, chegando-lhe a bôca ao ouvido, segredou-lhe mysterioso, a tremer, a tremer, convulsionadamente, como se n'aquelle instante todo o seu passado se erguesse de novo, para vir, ainda uma vez, pedir mais punição para os desvarios da sua juventude :

— E se, apesar de tudo, encontrares alguma mulher, que te leve a sonhar estranhas venturas, bate com os punhos cerrados contra o peito, arranha as carnes com as tuas unhas, até sangrares de todo o veneno da tua mocidade! Esmaga, á força de penitencia, toda a anima-

lidade que em ti exista ! Aperta os teus sentidos dentro do circulo de ferro da tua fé, até lhes espremeres toda a seiva vital ! Fecha-te, enfim, dentro do teu voto de castidade, como se te fechasses dentro de um tumulo !

Angelo soltou um grito e cahiu de joelhos, balbuciando uma prece por entre os seus soluços.

Ozeas acalmou-se e estendeu o braço abençoando-lhe a cabeça com a mão aberta.

— Sim, reza ! disse. Reza, meu filho, ao pai misericordioso o maior tempo que puderes !

E depois accrescentou, inspirado por uma subita idéa :

— O velho cura de Monteli acaba de succumbir á peste que se manifestou n'essa pobre aldeia. Vou ter com o arcebispo e peço-lhe que te nomeie para lá. Em Monteli não terás tentações !

E sahiu vivamente, emquanto Angelo, ajoelhado no meio da cella, de braços abertos e olhos erguidos para o céu, em vão procurava alar-se como d'antes no vôo dos seus extasis.

Era inutil. Seu pensamento cahia por terra e ia-se arrastando até á esplendida cathedral, á procura de um bem, que elle não sabia qual era, mas tão doce e tão irresistivel, que lhe captivára alma e coração.



## IX

### ACCEDO

**A**NGELO não conseguira concentrar-se. — Mas que estranha perturbação será esta?... exclamou elle, erguendo-se dos joelhos sem poder rezar. Que teria eu feito para estar assim?... Que teria eu commettido, sem consciencia minha, para que a oração já não exerça no meu espirito a efficacia consoladora que tinha d'antes?... 

E nada respondia ás suas palavras lanciosas; e em tornò da sua afflicção era tudo cada vez mais surdo, mais fechado e mais morto; Voz amiga não lhe acudia nenhuma em seu soccorro; quer viesse ella de dentro d'elle mesmo; quer baixasse do céo para amparal-o.

O misero lançou em torno do seu abandono os olhos supplicantes, e deu com a biblia sobre a mesa.

Correu a busca-la; tomou-a nas mãos sofregamente; levou-a aos labios e beijou-a.

— Minha boa amiga! disse apertando-a con-

tra o peito. Minha fiel companheira de tantos e tantos annos! Foste tu a minha doce consolação, o meu refugio carinhoso, o meu confidente, o escritorio das minhas primeiras lagrimas e dos meus ultimos sorrisos; foste tu a discreta testemunha dos meus extasis e o grande manancial das alegrias religiosas; vale-me tambem agora! vale-me tu, que me abrigaste durante o longo tempo que vivi encerrado com as minhas magoas n'esta prisão sombria! Ah! como eu era então feliz!..., Como tinha a alma tranquilla e discuidosa!... Vale-me, amada minha, que talvez consigas o que a oração não pode!

E, sentando-se no banco, abriu a biblia sobre os joelhos e leu ao acaso alguns versiculos do primeiro capitulo que seus olhos encontraram.

Era o livro de Job.

« A minha alma tem tédio á minha vida; soltarei a minha lingua contra mim; fallarei na amargura de minha dôr desconhecida.

« Direi a Deus: As tuas mãos me fizeram, e me formaram todo em roda e assim de repente me despenhas?

« Lembra-te, eu te peço, que com barro me formaste, e que me has de reduzir a pó.

« Vida e misericórdia me concedeste, e a tua assistencia conservou o meu espirito.

« Se eu pequei, tu me perdoaste na mesma

hora ; porque não permittiste tu que eu esteja limpo da minha iniquidade ?

« Tu multiplicas contra mim a tua ira, e as penas combatem contra mim.

« Porque me tiraste tu do ventre de minha mãe ? Oxalá que eu tivesse perecido, para que nenhuns olhos me vissem. Quetivera sido como se não fôra, desde o ventre trasladado para a sepultura.

« Deixa-me, pois, que eu chore um pouco a minha dôr :

« Antes que vá para não tornar para aquella terra tenebrosa, e coberta da escuridade da noite. Terra de miseria e de terror, »

Mas o seu espirito rebellado fugia da pagina da biblia e punha-se a cantar-lhe ao ouvido as palavras do velho Ozeas : « E, se apezar de tudo, encontrares alguma mulher, que te leve a sonhar estranhas venturas... »

Angelo estremecia, tornava á pagina e punha-se a ler. Mas aquelles lamentosos versos, que d'antes o arrebatavam para Deus, agora nada mais conseguiam dô que deixal-o n'um vago entorpecimento de desanimo.

E vinha-lhe uma frouxa vontade de morrer, ou, pelo menos, de envelhecer logo, de repente, alli mesmo ; um desejar que seu corpo se fizesse, de subito, alquebrado e frio ; que seu

cabello, de preto e lustroso, se tornasse branco e desbotado ; que os seus dentes amarellecsem, e que a sua fronte se despojasse n'aquelle mesmo instante, e abrisse toda em rugas.

Desejava refugiar-se covardemente na velhice, como dentro de um abrigo seguro contra a feroz matilha que lhe rosnava no sangue. Mas a mysteriosa phrase de seu pai vinha-lhe de novo á superficie dos pensamentos, furando e abrindo caminho por entre todas as outras idéas.

« E, se, apezar de tudo, encontrares alguma mulher, que te leve a sonhar estranhas venturas, bate com os punhos cerrados contra o peito, arranha as carnes com as unhas, até sangrares de todo o veneno da tua mocidade ! »

Mas que estranhas venturas serão essas que as mulheres nos levam a sonhar ?... exclamou elle, erguendo o rosto e cruzando as mãos sobre a pagina da biblia. Então a mulher não é tambem uma creatura de Deus ?... Um ente, tão abençoado e protegido por elle, que até foi por elle escolhido para servir de mãe a seu filho Jesus ?... Pois tão grande honra se concederia a um ente desprezivel, posto n'este mundo só para tentar os justos e desviá-los do caminho da virtude ?... Se a mulher é má, porque existe ? .. Se existe, porque Deus a fez má e perigosa ? ... Porque

me é vedado amal-a tanto quanto me cumpre amar aos homens?... A ella ainda devia amar muito mais, porque é mais fraca, mais mesquinha, mais amorosa e mais desamparada. Por que não devo amar as mulheres?... Não serão minhas irmãs?... Não seremos todos filhos do mesmo pai?...

Fechou os olhos, como se quizesse fugir a estes pensamentos; mas a idéa da phrase de Ozeas alastrava-lhe pelo cerebro, estrangulando todas as outras, que nem a planta daninha que não permite que viva e cresça a seu lado nenhuma outra planta.

— Se a mulher é producto do inferno... continuou elle a pensar, todos temos em nós um pouco de Deus e um pouco do deímonio, porque todo o homem nasce de outro homem, como uma mulher. Não comprehendo bem este phenomeno do nascimento; nunca m'ò explicaram. Mas sei que o homem nasce da mulher, como Jesus nasceu de Maria... Não m'ò explicaram, e, todavia, ensinaram-me a odial-a... Porque?...

N'isto, entrou na sombria cella um alegre casal de borboletas azues, e começou a cruzar-se no ar, doudejando em volta da cabeça de Angelo. Depois uma d'ellas, enquanto a outra a perseguia, foi pousar tranquillamente na

amarellenta página da biblia, que elle conservava aberta e esquecida sobre os joelhos.

O presbytero pôz-se a fital-a. A borboleta fugiu para o tecto, á procura da companheira; e elle a seguiu com a vista.

— Um casal de borboletas! disse consigo. Duas!... Um par!... E porque duas?... Porque andam juntas? Porque não veio uma só?...

Ellas interromperam de novo o seu aereo e irrequieto idyllo e foram pousar aos pés da Virgem, uma ao lado da outra.

Angelo continuava a pensar :

— Se o sexo é uma immundicie condemnada por Deus, porque Deus então fez as suas creaturas aos pares, e porque inventou o sexo?... Porque os homens não continuam a nascer como Adão e Eva?. « Por castigo » diz a escriptura sagrada... Logo, a procreação não é um bem, é um mal; logo, o mundo inteiro é um purgatorio, e a vida um tormento!..

As borboletas começaram de novo a doudejar no espaço.

— E estas desgraçadinhas, interrogou Angelo a si mesmo, estas tambem peccaram no paraizo, para que Deus as obrigasse a viver e procrear?...

As borboletas, redobrando de impaciencia,

iam e vinham por toda a cella, á procura de uma sahida.

O padre compadeceu-se d'ellas e quiz dar-lhes o ar livre. Foi abrir a janella, mas encontrou resistencia; os gonzos oxidados não queriam acordar do seu ferruginoso somno de vinte annos.

Angelo empregou toda a força e conseguiu afinal abril-a.

Um jacto de luz alegre e cantante inundou a fria prisão. Um mundo de vidas patenteou-se no ar, á dourada claridade que vinha lá de fóra.

O presbytero correu as grades da janella.

—Que bello! Que bello! exclamou elle, defrontando com a extensa paizagem que se descortinava defronte dos seus olhos deslumbrados.

Estava a uns duzentos metros de altura. O ponto de vista era esplendido. Primeiro, o grande parque do convento, todo cercado de altos muros; depois, as ruas da cidade, as praças e os jardins; logo em seguida o Sena, coberto de barcos; afinal começavam a surgir as arvores do campo, até se irem perdendo e esbatendo nas tintas duvidosas das montanhas so longe.

Que bello! Que bello!

E, vendo o casal de borboletas, que fugia espaço a fóra :

—Oh! Como vão ligeiras! Como brincam no espaço! Agora dizem um segredo. Vão de novo! Desapparecem!

Abaixando o olhar, descobriu sobre um telhado um casal de pombos que arrulhava.

Como são lindos! pensou. Como são brancos e amorosos! Agora se beijam! Que bello! Que bello!

Na rua descobriu um homem de braço dado com uma mulher, levando um pequenito pela mão.

—São casados!... A criança parece-se com ambos!... Oh! agora conversam... elle tomou as mãos d'ellá entre as suas; ella sorri, abaixa os olhos;... São felizes!

Afastou-se bruscamente da janella. O espectáculo d'aquella tranquilla ventura fazia-lhe mal e quasi que o irritava.

Não sabia dizer porque, mas um intimo e profundo malquerer contra tudo e contra todos principiava a tortural-o com uma dura e secreta agonia de inveja.

— São felizes! são felizes! soluçou de punhos cerrados e com o coração opprimido. E por que hão de elles rir e eu chorar? ! Qual é o meu crime? ! Por que todos n'esta vida têm

uma companheira e eu não posso ter? ! Porque hei de ser só, eternamente só, quando a natureza deu um par a cada uma das suas creaturas? !..

Mas cahiu logo em si, e, derramandô pela cella um olhar de quem desperta de um sonho traiçoeiro, deu com a imagem da Virgem, que, de dentro do seu nicho de pedra, parecia lançarlhe um triste olhar de resentimento.

— Não! bradou elle atirando-se de joelhos e arrastando-se até aos pés da santa. Não estou só! nunca estarei só! Sou um padre e a minha esposa sois vós, senhora amorosissima, lyrio celeste, perfeição dos céos! Perdoai-me, se por um instante de delirio me esqueci do nosso amor!

E correndo a janella, bramiu, ameaçando lá para fóra, com a mão fechada :

— Oh! Bem te comprehendo, natureza perfida e seductora! Bem comprehendo os teus embustes. E's peor ainda que a tua rival, a sociedade! Mas em vão te enfeitas com as tuas galas e com os teus sorrizos de amor! Não me seduzirás, pantano de lama coberto de flôres! Não me corromperás, porque tenho n'alma bastante energia para governar os meus sentidos; e tenho o meu coração cercado por uma muralha de fé! Atira-me aos pés o ouro do teu

sol, atira-me o perfume das tuas fôres, o mel dos teus fructos, o mysterio dos teus crepusculos, a musica das tuas florestas, os deslumbramentos das tuas auroras! tudo será baldado! Hei de resistir a todas as tuas provocações! Hei de lutar contra todos os inimigos da minha pureza; e, ou cahirei morto, ou hei de supplantal-os a todos, um por um!

E, sentindo-se arrebatado no delirio da sua fé, bradou, como um louco :

— Venham! Venham, filhos do inferno! Podem vir todos, que me encontrarão armado e de pé firme!

Em seguida atirou-se de novo aos pés da Virgem e começou a resar fervorosamente.

Quatro horas depois foi sorprendido pelo velho Ozeas, que lhe bateu no hombro.

Angelo voltou para elle os olhos desvairados.

— Amanhã, disse aquelle, partiremos de madrugada para Monteli.

— Estou ás suas ordens, meu pai.





## X

### ANGELO AMEAÇADO

**A** antecamara da formosa Alzira era rigorosamente feita ao caprichoso gosto da época.

Moveis de madeira esculpida e pintada de branco, com arabescos de ouro, que variava entre o fusco e o luzente, formando torturados desenhos de ornato. Pombas aos pares e anjinhos rochunchudos serviam de adorno ás guarnições das portas, ás peanhas e cantoneiras, em que se equilibravam phantasiosas estatuetas de porcellana de Saxe e delicadissimos bonzos de marfim trabalhados na China.

As cortinas de estofado alvadio, adamascado de prata, eram arrepanhadas ao meio por grandes florões de pennas multicôres.

Os espelhos tinham cercaduras de florinhas de porcellana, primorosamente acabadas e coloridas com muita arte. Era uma recordação do luxo de Luiz XIV.

Jarras de Sèvres, com pinturas assignadas,

em que se viam pastores enfeitados de fitas azues e côr de rosa, na cinta, nos joelhos, no pescoço et nos tornozelos, tocando avena e fruta, ao lado de roliças raparigas de saia curta listrada, com sobre-saia de tufos de seda clara, chapéo de palha ao lado, coberto de flôres, uma corbelha enfiada no braço, sapatinhos quasi invisíveis, e um dos bicos do peito á mostra, branco e levemente rosado, como tremula gotta de leite sobre uma petala de rosa.

Em cima do fogão, dourado quasi todo, havia um grande relógio de Boule, tirado por leões de ouro, entre varias lampadas e espevitadores tambem de ouro. Sobre os tremós cofres cobertos de conchinhas e buzios de varios tamanhos e feitios.

As paredes eram forradas de uma tapeçaria azul celeste, sobre a qual se destacavam suavemente, por cima das portas e contornando os moveis, desenhos do mesmo azul um pouco mais escuro, representando allegorias pastoris.

Prendiam a tapeçaria cordões de arame de prata entrançado, com grandes nós de espaço a espaço, terminando em amplas borlas do mesmo metal, que afinavam admiravelmente com os bordados das cortinas.

O tapete era felpudo e azul sombrio, como os voluptuosos tapetes da Turquia. Os batentes

das portas eram forrados de velludo côr de perola e fechavam como tampas de estojo.

Alzira, ainda em penteador, estendida negligentemente n'um divan fofo e rasteiro, fumava uma cigarrilha, e acompanhava distrahida as espiraes do fumo com as palpebras semi-cerradas.

O relógio marcava meio-dia. Ella acabava de levantar-se do leito, onde fizêra a sua refeição da manhã : uma pequenina chicara de chocolate e dous biscoitos de Reims.

Um rico dominó de seda negra, arremessado sobre uma cadeira, e uma pequena máscara cahida sobre o tapete diziam que n'essa madrugada ella se recolhêra depois de um baile ; e um pobre lenço precioso que jazia a um canto estraçalhado em tiras, denunciava todo o frenesi do tédio com que a linda condessa, á volta do baile, entrára nos seus aposentos.

Mas agora, sósinha, no perfumado e tepido egoismo da sua antecamara, parecia já esquecida dos aborrecimentos da vespera, alheia a tudo que a cercava, e só entregue e abandonada, voluptuosamente, á memoria do venturoso sonho d'essa manhã.

Pensava em Angelo. Via-o em meio dos esplendores da igreja, cercado de olhares, surgindo, todo paramentado de ouro, d'entre uma

núvem de incenso. Via-o, formoso e candido, de braços abertos, defronte do altar, com os olhos virginaes voltados para o céu. Via o tremulo sorrir da sua bôca de anjo; via o melancolico balancear dos seus negros cabellos de meridional. Tinha-o todo inteiro e todo vivo defronte da sua alma, pela primeira vez epamorada; tinha-o alli, defronte d'ella, com a sua mysteriosa pallidez de flôr de estufa; tinha-o com aquelles labios tão divinos e tão puros; tinha-o com aquelles gestes donairosos e tranquillos, com que elle andava por entre a multidão, indifferente, como um missionnario perdido nas florestas da Africa; tinha-o com aquella voz inalteravel e sonora, que parecia sahir de uma garganta de crystal e sandalo.

Tinha-o todo inteiro, e sentia-lhe até os perfumes do damasco da sua vestimenta, o aroma do seu halito e o balsamo dos seus cabellos.

E Alzira espreguiçou-se com um profundo suspiro, de olhos fechados e labios entreabertos, dilatando o pescoço, como se procurasse alcançar com a bôca a sombra de uma outra bôca fugitiva.

E deixou-se cahir sobre a almofada do divan, suspirando de novo, inconsolavel na sua deliciosa magoa de amor.

O que em Angelo a fascinava d'aquelle modo,

o que a arrastava para elle tão irresistivelmente, não era, todavia, a singular formosura do pallido presbytero, mas a sua phenomenal pureza de corpo e de alma; era aquella seductora virgindade ligada a tanta sabedoria e a tamanho talento.

Alzira admirava em Angelo o que ella nunca mais poderia ter: a castidade e a virtude.

Ella, que vira, rendida a seus pés, a fina flôr do espirito pariziense e a flôr brilhante de toda a fidalguia do seu tempo; ella, que nunca se deixára escravisar pelo ouro dos nababos, nem pela glória dos heróes victoriosos, ou pela gloria dos poetas endeusados; ella, que até ahí jamais entregára os pulsos, sequer por um instante, a uma d'essas paixões, que fazem da pessoa amada o dono e senhor exclusivo da nossa vida e dos nossos pensamentos; ella, a insensível Alzira, a condessa de gelo, a cortezá de marmore, sentia-se agora captiva de Angelo, o casto; e seria capaz de trocar por um beijo d'aquelles labios immaculados, todos os seus thesouros, todas as suas joias, todas as suas baixellas e todo o valimento do seu corpo esculptural.

Era a primeira vez que amava; era a primeira vez que todo o seu ser desejava alguém; era a primeira vez que ella se sentia miseravel,

pequena e humilde defronte de um homem; era a primeira vez que se suppunha capaz de ajoelhar-se aos pés do seu amante e beijal-os doida de amor, pedindo ternura como um cão aos pés do dono; supplicandó-lhe que a fizesse morrer suffocada nos seus braços, para que fosse d'elle a ultima vibração d'aquella fragil carne de mulher, e d'eile fosse o extremo beijo d'aquella pobre alma apaixonada.

E começou a soluçar.

Era mulher pela primeira vez: pela primeira vez chorava.

D'ahi a instantes, agitou-se o réposteiro de uma das portas, e um negro, delibré vermelha, entrou na antecamara, com os braços cruzados e os olhos baixos.

— Que é, Amilcar?... perguntou Alzira sem tirar o lenço dos olhos.

— O Dr. Cobalt., respondeu o africano com a sua accentuação cassange.

— Cobalt, sim, póde entrar. E mais ninguem, ouviste? nem o marquez!

O negro retirou-se. E o medico entrou pouco depois, risonho e prazenteiro como sempre.

Foi logo beijar a mão da condessa e ficou a tomar-lhe o pulso.

— Então, indagou, olhando-a por cima dos oculos. O mal tem progredido?...

Ella respondeu com um suspiro e offereceu-lhe um logar a seu lado no divan.

Cobalt assentou-se e deu um estálo com a lingua.

— Não estou nada contente com isto, sabe?... declarou elle, em ar de paternal censura. No seu melindroso estado de sobreexcitação nervosa, produzida pelo excesso dos prazeres, póde ser-lhe fatal este singular capricho da fantasia, porque nunca poderá ser satisfeito. Angelo, como homem, é um caso perdido; não podemos contar com elle para nada. E receio que esta circumstância traga perigosas consequencias... Ora, a condessa nunca amou; nunca soffreu esse adoravel genero de loucura; o seu organismo não tem por conseguinte a menor pratica da molestia de que agora se sente atacada, e aquillo, que para outra mulher nada valeria, póde n'estas condições transformar-se em cousa muito serial! Comprehende?...

— Mas que hei de eu fazer, meu amigo?

— Oh! Se fosse possivel, receitava-lhe: « Angelo em estado simples, duas doses por dia, antes e depois do somno. E' bom sacudir o remedio antes de o tomar. » E prompto! Afianço que ficava boa!

Alzira teve um gesto de impaciencia, e o

medico, percebendo-o, tomou-lhe as mãos e disse como se fallasse com uma criança caprichosa e doente :

— O que ha de fazer?... Ora essa! nada mais simples : evitar semelhante preocupação !...

— E' impossivel !

— Viaje ! Vá até á Italia ! Corra o mundo inteiro, se fôr preciso ; e leve o Marquez comsigo !

— Não me falle no Marquez !

— Aqui é que não convém ficar, deixando-se consumir por um desejo, que naturalmente nunca será satisfeito... Pelos seus olhos, percebe-se que já hoje chorou ! E' muito bonito, não ha duvida !

— Não ralhe commigo, doutor !

— Ralho com razão ! Sempre lhe perdoei as phantasias, mas...

— Sabe se é verdade o que disseram ?

— A respeito de que ?

— A respeito d'elle. Parte ?

— Sim. E' exacto ; parte para Monteli.

— Quando ?

— Não sei. Por estes dias.

-- Monteli ! Irei tambem !

— Está sonhando, condessa ?... Monteli é hoje o logar de mais peste ! Não irá, que não consinto !

— Ha de consentir e até ha de acompanhar-me...

— Eu ?! qual !

— Nesse caso irei só. Vai ver !

E foi ao tympano e vibrou-o.

Reappareceu Amilcar.

— O marquez já está visivel ?... perguntou-lhe ella. Vai vêr, e, se estiver, dize-lhe que faça o favor de vir cá.

Quando, d'ahi a pouco, o marquez com a sua desafinada figura de homem muito alto e muito gordo, entrou na perfumada antecâmara de Alzira, esta, antes que elle tivesse tempo de apresentar-lhe uma galanteadora phrase de saudação, e, antes que elle correspondesse ao cumprimento do Dr. Cobalt, disse-lhe, sem mais preambulos e no tom de quem dá uma ordem irrevogavel :

— Meu amigo, de hoje até, depois de amanhã, o mais tardar, preciso de uma casa de campo nas immedições de Monteli. Vá ! não se descuide ! É caso urgente !

O marquez contentou-se, na sua surpresa, de fazer uma cara de palerma.

E sorriu constrangidamente.

O medico tambem sorriu, mas sem nenhum constrangimento.



## XI

### O MARQUEZ DE FLORANS NAS TEÍAS DE UMA ARANHA

**N**A subsequente quinta-feira achava-se no salão de Alzira a roda do costume e conversava-se ainda a respeito de Angelo e da sua perturbação ao terminar a missa em Notre-Dame, quando Amilcar appareceu para annunciar que o chá estava servido.

— Meus amigos, disse a condessa; não faço cerimonia comvosco. Dispensem-me.

Afastaram-se os commensaes para a sala de jantar, e o Dr. Cobalt correu a encontrar-se com a dona da casa.

— Sente alguma cousa, minha amiga?... perguntou-lhe sollicitamente, apoderando-se de uma das mãos d'ella.

— Não doutor. E diga-me: sabe se elle partiu hontem, como estava previsto?

— Ainda não. Foi detido por uma febre.

— Molestia grave?

— Qual! Sobrecitação nervosa, produzida pelo fanatismo.

— E quando parte?

— Não sei, condessa. Logo que possa fazer a viagem. O marquez já comprou a casa?

— Já.

— Onde?

— Em Raismes.

— Bom.

E, vendo que o marquez se approximava :  
— Ah! vem o seu verdugo. Vou tomar chá...

Afastou-se.

— Pensei que nos não deixassem um momento em liberdade!... disse o amante de Alzira, encaminhando-se para ella.

— Ah! Estava ahí, marquez? Não vai á mesa?... perguntou a formosa mulher, affectando um gesto de surpresa.

Florans franziu a testa.

— Minha presença a incommoda, condessa?...segredou elle, chegando-se mais. Impacientava-me por me vêr a seu lado... sósinhos...

— Está no seu direito...

— Não me falle em direito, minha flôr. Não é por um direito que eu desejo privar-a dos seus momentos de solidão...

— Então por que mais é?...  
.

---

— Desejava que fosse por seu gosto, pelo prazer que a condessa encontrasse em conversar a sós commigo...

— Isso não é cousa que dependa só da vontade...

E, como o marquez fizesse um triste ar de resentimento: — Não se póde queixar, meu amigo; creio que, depois que estamos juntos, ainda não deixei uma só vez transparecer má vontade em supportar a sua companhia...

— Supportar!... repetiu o pobre marquez com um suspiro. Supportar!... eis um termo que, só por si, patenteiã toda a indifferença que a senhora tem por minha pessoa...

— Supportal-o é a minha obrigação, e faço por cumpril-a o melhor que me é possível... Repito que o marquez não tem o direito de queixar-se...

— Ah! suspirou elle de novo. Não! não tenho! Sou tão infeliz que nem esse direito possúo... Juro-lhe, entretanto, que preferia menos zelo no cumprimento da obrigação de que falla e um pouco mais de escrupulo no que me diz ás vezes. A franqueza, minha cara amiga, em certos casos e usada de certo modo é offensa... e a senhora, creio eu... não tem motivo algum para me offender...

— Ah! que o senhor hoje está n'um dos

seus máos dias !... respondeu ella meneando a cabeça com impaciencia.

E, notando que elle se afastava, accrescentou a meia voz, como se receiasse detel-o com as suas palavras : — Desculpe se o offendi...

Mas o marquez voltou, e ella então acudiu desabridamente : — Se a sua intenção é dizer-me qualquer cousa, ou exigir de mim seja o que fôr, falle logo com franqueza e por uma vez. Bem sabe que estou ás suas ordens!...

— A's minhas ordens!... resmungou o infeliz. A's minhas ordens!... Tem graça ! Preferia estar eu ás suas, como estou, mas que lhe não ouvisse à cada instante palavras duras e apoquentadoras...

Alzira perdeu a paciencia.

— Oh ! basta ! exclamou. Que impertinencia ! Está sempre a queixar-se...

— Queixo-me com razão ! retorquiu elle, por sua vez irritado, e fazendo-se vermelho. A condessa bem sabe que a minha ligação com a senhora não foi um simples impulso dos sentidos!...

— E que tenho eu com isso?...interrogou ella, apertando os olhos. Que tenho eu com os motivos que o levaram a ligar-se commigo?...

O marquez, coitado ! já se não podia conter. e proseguiu com a voz tremula :

— A senhora bem sabe que, para ficar a seu lado, tive de sacrificar tudo que de melhor e mais sagrado possuía no mundo! Sabe que este amor invencível que a senhora me inspirou foi a causa da morte de minha esposa e será a desgraça de meus filhos.

— Mas o marquez também sabe e ha de convir, replicou Alzira, que eu não tenho culpa alguma em tudo isso! Ha de convir que não dei o menor passo, nem empreguei o menor esforço para provocar essa união!... O marquez viu-me um dia, apaixonou-se; fez-me uma proposta, que eu aceitei porque me convinha... N'esse contracto não me comprometti a amal-o, comprometti-me apenas a não pertencer a outro enquanto estivesse na sua dependencia... Ora, creio que até hoje ainda não faltei com a minha palavra!...

— Tem razão, condessa... disse o marquez, já vencido. Tem toda a razão. Mas tudo isto é porque a amo, muito, muito, loucamente!

Quiz tomar-lhe as mãos; ella não deixou, e respondeu, virando-lhe as costas:

— Ama-me muito! Isso não diminúe a impertinencia de suas palavras! Não é a primeira vez que o senhor me lança em rosto a morte de sua mulher e o futuro de seus filhos!..

— Perdóe, Alzira...

— Se lhe não convenho ; se lhe sou pernicioso, afaste-se de mim ! Ninguem o obriga a ficar a meu lado !

E arredou-se d'elle, para ir assentar-se em um divan. O marquez acompanhou-a.

— Se o trahisse, vá ! continuou ella. Se lhe dêsse occasião de ter ciumes, ainda vá ! mas, que diabo ! eu cumpro lealmente com o que prometti e, quando não estivesse disposta a fazel-o, dil-o-hia com franqueza, porque afinal sou livre ! Como, pois, admittir que me exprobe factos, pelos quaes não sou responsavel. O senhor, se fez sacrificios para obter-me, não foi sem duvida com o intuito de praticar uma boa acção, mas simplesmente para proporcionar a si mesmo um prazer que lhe appetecia. Se fez sacrificios, não foi por mim, foi por si mesmo ; e, se não tinha elementos para a empreza, porque a empreheudeu ?...

— Porque a amava !

— E amava-me, porque sou bella, sou moça e estou na moda ! Ora, meu caro marquez, ha de convir que com isso não teve originalidade alguma !... (E soltou uma risada de escarneo). Original seria se tivesse a desvairada pretensão de ser, durante algum tempo, o amante exclusivo da condessa Alzira, sem despender alguns milhões de francos !...

— A senhora bem sabe que não é o dinheiro despendido o que eu deploro...

— Pois eu com o resto nada tenho que vêr!... São-me indiferentes a morte de sua mulher e o futuro de seus filhos!... Quando o senhor se descuidou d'elles, quanto mais eu!... O senhor que fosse melhor marido e melhor pai! Se ha um criminoso entre nós, não sou eu de certo : na minha qualidade de cortezã, sou logica, não me afasto uma linha do meu programma ; o senhor é que se afastou dos seus deveres, na qualidade de chefe de familia. Queixe-se por conseguinte de si mesmo e não me aborreça !

— E é a senhora quem me diz isto ?!... exclamou o marquez, arregalando os olhos.

— Certamente ! respondeu Alzira, com toda a calma.

— No entanto, volveu elle, a condessa sabe perfeitamente que eu a tudo me resignaria, se a senhora fosse, para mim, um pouco mais amorosa... Eu tudo perdoaria se...

— Perdoaria ?!... mas eu é que não quero o seu perdão para cousa alguma !... Não me sinto absolutamente culpada !...

— Pois devia sentir-se ! disparou o fidalgo, fazendo-se outra vez vermelho. Tenho o direito de ser tratado melhor n'esta casa !

Alzira olhou para elle sem voltar o rosto.

— Minhas palavras são amargas?... disse. E' o senhor quem as provoca... Quanto aos meus actos — são irreprehensíveis!...

Esta ultima phrase teve o encanto de transformar o marquez.

— Tudo isso, resmungou o queixoso, prova que a senhora nunca sentiu por mim o menor vislumbre de amor...

Alzira soltou uma gargalhada sincera.

— Ora, marquez! não me faça rir! disse depois, cobrindo o rosto com o lenço.

— Não é de balde que todos a citam como a mulher mais insensível do mundo!...

— Mas por que razão queria o marquez que o amasse?...

— Quando por mais não fosse, por gratidão.

A condessa, já séria, mediu-o de alto a baixo.

— Nunca lhe pedi obsequios! disse.

— Mas aceitou-os!

— Engana-se!

— Com a senhora despendi o necessario para enriquecer cinco familias!...

— Basta! E ella d'esta vez bateu com o pé. Já me tardava que o senhor me lançasse tambem em rosto esse dinheiro que suppõe ter gasto commigo!

E encaminhou-se lentamente até ao tympano e vibrou-o com força.

— A senhora vai pôr-me fóra?... gaguejou o marquez, fazendo-se pallido.

— Não, explicou ella, muito tranquillá. Vou ordenar ao criado que não o receba quando o senhor voltar. Não tenho o direito de mandal-o sahir, mas tenho o de nunca mais o receber!

Um raio não fulminaria tanto o marquez como estas palavras. De pallido passou novamente á côr de cereja. Hesitou um instante, limpou o suor da testa e, afinal, foi ter com Alzira, e disse, empregando todo o esforço para sorrir :

— A senhora dessa forma obriga me a não voltar... (Ella sacudiu os hombros.) E, para não ter de não voltar... só vejo um meio... é não sahir mais d'aqui...

Foram interrompidos pelo criado, que exclamou da porta, fazendo uma continencia :

— O cavalheiro Boufflers !

— Boufflers?... repetiu Alzira.

— Boufflers aqui!... resmungou entre dentes o marquez.

E accrescentou, dirigindo-se á condessa :

— Eis ahí um com quem a senhora não usaria da franqueza que usa commigo...

— Por que não ?

— Porque é moço, é bonito, e tem talento...

Alzira gritou para o pagem.

— Dize-lhe que ainda desta vez o não recebo!

— Não lhe convém recebê-lo em minha presença, condessa?...

— Ah! sim?... fez ella.

E voltou-se de novo para o criado :

— Fal-o entrar.

O criado sahiu.

— Mas eu, exigiu o marquez, quero ficar alli, por detrás d'aquella cortina...

— Com uma condição, propoz a condessa ; haja o que houver, o senhor não se baterá com elle...

— Prometto, mas a senhora não lhe dirá que o ama...

— Ah! Não! Isso não direi com certeza.

— Pois então juro que me não baterei.

— Póde esconder-se.

O criado reapareceu, erguendo o reposteiro, para dar entrada ao famoso poeta Boufflers.





## XII

AH, MULHERES ! MULHERES !

**B**OUFFLERS entrou aos pulinhos. Estacou no meio do salão e fez a mais extraordinaria mesura que é possível imaginar, mesmo conhecendo as complicadas e genuflexorias mesuras d'esse tempo galante. Os altos e empoados canudos da sua cabelleira roçaram tres vezes pelos seus joelhos, e o rabicho, guarnecido por um laço de fita preta, tres vezes se agitou no ar, como a irrequieta cauda de um cãesinho fraldiqueiro.

Vinha vestido a rigor e com extrema elegancia.

Trazia uma casaca de seda azul, forrada de branco e guarnecida de botões de prata. Bofes de rendas de Veneza, nobremente salpicados de pó de tabaco hespanhol, saltavam-lhe do peito por entre um colete de velludo côr de

ambar; calções da mesma seda da casaca e meias bordadas a ouro; sapatos de salto vermelho; espada, não de barba de baleia, como então alguns usavam, mas de bom e bem temperado aço de Toledo, com bainha de couro, forrada de velludo branco, e guarda coberta de vistosa pedraria multicôr.

Deu alguns passos para Alzira, e, assim que se achou defronte d'ella, perfilou-se de novo e pousou a mão esquerda sobre o punho da espada, de modo a arrebitar com a ponta d'esta a grande aba da sua casaca azul.

E, empertigado, conservou-se um instante, com o seu chapéo de tres bicos debaixo do braço, e disse depois, fazendo um passo de minuete :

• Ora graças a Cupido,  
N'este empyreo da belleza  
Emfim me foi permitido  
Entrar, sem maior despeza !...»

— Trazia a musa em sua companhia, Boufflers?... N'esse caso devia ter pedido licença para dous...

— Descance, formosa estrella; minha musa é rapariga discreta : não contará ao marquêz o que entre nós dous se passar aqui...

— Discreta ?...

- Não diz mal de uma só pessoa...  
— De uma não diz, mas diz de muitas. Informe a pobre senhora de Durfort...  
— Uma satyra innocente...  
— Oh ! muito innocente !...  
— Tão innocente como o padre Angelo !  
— Ah ! Já o conhece ?  
— Pudera !

E, armando de novo o seu passo de dança, improvisou :

« Dizem que Pariz inteira,  
Após o celebre sermão  
Da sagrada quinta-feira,  
Anda toda em devoção...

Traz no peito as mãos cruzadas,  
Os olhos fitos no céu ;  
Calça meias encarnadas ;  
Põe estola e solidéo !

Até consta que a marquiza  
De Pompadour vai além :  
Quer obrigar sua alteza  
A tomar ordens tambem...

E, chegando-se mais para Alzira, segredou intencionalmente :

Que certa moça galante,  
Ouvindo a missa, fitou  
Por tal modo o celebrante,  
Que o celebrante... cróou !

E ficaria engasgado  
Com o proprio corpo de Deus,  
Se não bebesse, coitado!  
Duas gotas de Bordeus..

— Isso é uma semsaboria de máo gosto !...  
declarou a condessa.

— Porque? Dar-se-ha o caso de que a insensível e tiranna condessa Alzira tambem esteja com o peito ferido pelo casto prégador de quinta-feira ?...

— Como « Tambem » ?... Ha então muitas que o estejam ?

— Oh ! oh !

« Foi o caso que o sujeito,  
Tendo as damas convertido,  
Tanto as fez bater no peito,  
Que o peito lhes pôz ferido !...

— Falle antes em prosa, Boufflers ! O verso fatiga muito.

— Pois então lá vai prosa ! exclamou elle, encaminhando-se para a condessa com um bello sorriso de namorado, e tomando-lhe uma das mãos que levou aos labios. Eu te amo, Alzira, flôr insensível ! flôr dos meus sonhos ! flôr das minhas desventuras ! e quero saber quando será o dia venturoso em que eu receba de tua formosa boquinha...

- 
- Um sorriso ?...
- Não ! Uma palavra de animação...
- Bravo !
- Bravo ? !
- Não conheço melhor palavra de animação...
- Não zombe de mim, condessa !...
- Zombar de Boufflers !... Oh !... Se o conseguisse, vingaria a humanidade tão ferozmente satyrisada pelos seus versos mãos e pelos seus mãos versos !
- Conclúe-se d'estes trocadilhos, que sahirei d'aqui sem ouvir uma palavra de esperança...
- Está fallando a sério, meu pobre amigo ?...
- Juro-lhe que sim, condessa. Juro-lhe pelas musas, que a minha maior felicidade seria merecer-lhe uma palavra de amor...
- E por que razão havia eu de amal-o ?...
- Ora essa ! Por que razão é que os outros se amam ?...
- Mulheres da minha especie, caro poeta, só amam, quando as fascina qualquer cousa extraordinaria, muito extraordinaria ! Seja o que fôr, mas que seja — extraordinario !
- Paciencia !... Todavia, quero crêr que o marquez de Florans nada tem em si de extraordinario, e no emtanto...
- E' meu amante... Ah ! O caso é outro ! O

marquez é muito rico... póde dar-se a esse luxo !... Ama-me, d'ahi porém a ser amado — vai um abysmo !

— Se o marquez a ouvisse ?...

Alzira sacudiu os hombros.

— Elle sabe d'isso tão bem como eu ; não engano a ninguem !...

— Nem ama, tão pouco !

— Quem sabe lá ?... Talvez...

— A condessa ? Qual ! Duvido ! A senhora não é mulher ! Não tem coração !...

— Então que sou eu ?...

— E' um lindo cofre de marfim rosado, com o competente orificio para receber o ouro dos papalvos !

— E era para dizer-me semelhante galanteria que o poeta ha tanto tempo fazia empenho de vir á minha casa ?

— Não ! Era na esperança de ser correspondido no meu amor...

— O cavalheiro ás vezes não me parece um homem de espirito...

— Em questões de amor todos os homens são igualmente estupidos !...

— Mas, valha-me Deus, Boufflers ! por que razão havia eu de amal-o ?... O senhor é um bonito rapaz, não ha duvida ; está na flôr da idade ; não lhe falta talento, mas... é só isso !...

— E acha pouco?... moço, bonito e com talento! Tenho os encantos das tres graças — mocidade, amor e belleza, e ainda me sobra um!

— Não—dous—o talento e a vaidade.

— Ou isso!

— Mas falta-lhe o principal...

— O que não falta ao marquez... dinheiro?...

— Qual! O dinheiro não se conta...

— Não se conta?...

— Gasta-se!

— Então que me falta? Juizo, talvez...

— Ainda menos! O juizo é a negação do espirito!...

— Então não sei que me falta!...

— Sei-o eu! exclamou uma voz grossa.

E o marquez surgiu defronte de Boufflers, fulo e tremulo de raiva.

— Oh! Oh! interjeicionou este zombeteiramente e sem se alterar. Estava escondido, Sr. marquez?... Divertia-se a escutar-nos... magnifico.

E, voltando-se para Alzira: — Obrigado, condessa!

Depois resmungou de si para si:

— Pagal-o-hão caro!

O marquez, sem poder domar a colera que o suffocava, proseguiu no tom em que começou:

A qualidade que lhe falta, senhor poeta, não é dinheiro, nem juizo : é prudencia ! E' grande temeridade dizer mal de quem quer que seja á propria amante d'essa pessoa !

— Não é só temeridade... respondeu Boufflers, pondo a mão na cintura e impinando a cabeça: é insolencia. Estou ás suas ordens! Avie-se !

A condessa corrêra para junto de Florans.

— Lembre-se do que me prometteu !... disse-lhe ella rapidamente e em voz baixa.

— Só não me baterei... segredou o marquez ao ouvido da amante, se a senhora me não fechar a sua porta...

— Não fecharei, marquez !

— Pois não me baterei, Alzira !

Boufflers, que durante este curto dialogo, media os dous com ar de desprezo, entortando a cabeça e sacudindo a perna, gritou para o marquez, como se fallasse ao seu cocheiro :

— Olá, senhor prégador de prudencia, é está que o aconselha a consultar a sua amante, antes de pôr a limpo as injurias que lhe fazem ?... Creio ter dito bem alto que estou ás suas ordens !

— Não me bato com o senhor... balbuciou o outro.

— Ah ! Ah ! escarneceu o poeta. Já o desconfiava !..,

E calçando de novo a luva, que elle havia principiado a despir : — Pois chega-me a vez de dar-lhe tambem um conselho : quando não se reconhecer com animo de assumir dignamente a responsabilidade dos seus actos, meça melhor as palavras e não se apresente como se apresentou defronte de mim !

— Insolente ! bradou o marquez avançando de punho fechado sobre Boufflers.

— Então !... interveiu Alzira, mettendo-se entre os dous.

— Mas este atrevido affronta-me ! exclamou Florans.

— Pois é desaffrontar-se ! retorquiu o poeta. Para isso tem huma espada á cinta !

Alzira chegou os labios ao ouvido do marquez.

— Se acceitar o duello, disse-lhe, não ponha mais os pés aqui !

— O fidalgo fez-se côr de cera e murmurou imperceptivelmente :

— Esta mulher despoja-me de tudo !...

Boufflers sorriu e acrescentou :

— Registre, condessa, mais esta qualidade a meu favor : — a coragem !

— Vale menos que as outras n'este instante... desdenhou Alzira.

E tomando as mãos do marquez : — Em certos casos o forte é aquelle que resiste á provo-

cação. Obrigado, meu amigo ! Poupou-me remorsos !... Ah ! já os tenho em demasia !... Creia que lhe estou grata !... Quanto ao senhor, cavalheiro...

E voltou-se para Boufflers, fazendo-lhe um gesto de despedida.

— Obrigado ! respondeu este. Antes, porém, de sahir, permitta que a felicite pela bella escolha que fez para seu amante !... Este adoravel palerma merece bem uma cynica da sua ordem !

E, pondo o chapéo na cabeça, encaminhou-se para a sahida.

— Miseravel ! exclamou o marquez, correndo sobre elle.

— Infame ! disse Alzira, acompanhando-o.

Mas foram detidos pelo conde de Saint Malô, Arthur Bouvier, Cobalt e as damas que acudiram lá de dentro em sobresalto.

— Que foi ?!

— Que significa isto ? !...

— Boufflers !

— Um escandalo ? !

— Que succedeu ? !

— Covarde ! covarde ! covarde ! exclamou Alzira, procurando chegar até onde estava Boufflers.

— Todos os teus insultos, repontou este, armando a carreira para fugir, não valem uma

palavra, uma só, que qualquer homem tem o direito de atirar-te á cara!

E, rapido chegando a bôca ao rosto d'ella, segredou um termo que a fulminou.

E fugiu.

— Ah! gritou a cortezá levando as mãos ao peito e cambaleando.

E correu ao marquez para bradar-lhe, segurando-lhe o braço:

— Vá! Siga-o! Alcance-o ainda que no inferno! Não me volte aqui sem o haver matado!

— Oh! Obrigado, condessa! exclamou Florans.

E, desembainhando a espada, desapareceu da sala e galgou as escadas ligeiro como um raio.







### XIII

ERA O AMOR !

**Q**UANDO Boufflers chegou á rua, lançou para o palacio de Alzira um olhar de indiferença, e disse, cruzando a capa sobre os hombros :

— Ora ! Não perdi nada ! Alzira e o marquez que vão para o diabo !

E depois cantarolou, seguindo em direcção da tavalagem do conde de Charolais, principe de sangue :

« Corramos ao jogo,  
Que o proverbio diz :  
Amor sem ventura.  
— E' jogo feliz... ! »

Mas, ao dobrar a esquina, o marquez, que desgalgara a escada a quatro e quatro, assomou á porta da rua e gritou-lhe, correndo :

— Olá ! O' poeta bebado ! Se não és um covarde, espera !..

Boufflers voltou-se incontinente e levou a mão aberta sobre os olhos.

— Quem é ? !

Reconheceu o marquez e perguntou com impaciencia : — Que queres de mim, basbaque ?...

— Castigar-te, miserável ! como se castiga uma besta !

— Ah ! Ah ! Chegou-te afinal a indignação ?... Ainda bem ! ( E desembainhou a espada ). Vá lá ! Antes tarde do que nunca !... Já fizeste a tua oração, bruto ?... Não te quero despachar para a eternidade com a alma suja ! Vamos ! Dei-te tempo de sobra !

— A rua é escura e deserta !... considerou o marquez. Não precisamos ir mais longe. Aqui, defronte da porta de Alzira, temos a claridade sufficiente...

Approximaram-se da porta, procurando collocar-se no foco da luz que vinha do corredor.

— Vê lá onde queres que te fira, fanfarrão ! exclamou Boufflers pondo-se em guarda.

Arthur Bouvier, o conde de Saint Malô e o Dr. Cobalt tinham descido a escada do palacio.

As damas os seguiram.

— Marquez ! disse o conde, tem em mim uma testemunha !

— E eu por ti, Boufflers ! exclamou Arthur.

— E o medico, prompto ! accrescentou Cobalt.

— Não é preciso !... faceciu Boufflers. De qualquer modo se mata um cão !...

E cruzaram os ferros.

— Defende-te, poeta libertino! bramiu o marquez; porque a minha intenção é matar-te!

O outro retrucou, aparando-lhe destramente os golpes:

— Antes guardasses tanto empenho para defender tua mulher, alma de Meneláo!

E gritou, cahindo-lhe em cheio: — Toma!

Florans desviou o tiro e fez-lhe pontaria de fundo.

— Toma tu lá este em paga da tua insolencia, bandido!

Mas Boufflers soltou uma risada, e, depois de um salto para traz, desferiu-lhe um bote certo, que lhe atravessou o peito.

— Ai! gemeu o marquez.

E cahiu estateláo no chão.

— Já?... perguntou o poeta, inclinando-se. E' pena! Principiava a tomar interesse pela brincadeira!

E tirou do bolso o seu lenço de rendas, para limpar a lamina da espada que escorria sangue.

Alzira acudira com um grito e lançára-se de joelhos ao lado do amante, beijando-lhe a frente.

— Meu bom amigo, dizia entre soluços, perdôe-me! perdôe-me! Oh! Quanto sou desgraçada?

Bouvier, o conde e o medico approximaram-se tambem e cercavam o ferido.

— Ai! Eu morro! gorgolejou o marquez, afflicto, virando a cabeça de uma banda para outra.

— Agradece-o a esse demonio que ahi tens a teu lado!... exclamou Boufflers, lançando fóra o lenço com que limpára a espada.

E voltando-se para as damas: — Boas noites, gentís mulheres!

Depois fallou aos outros: — Cavalheiros, boas noites!

E bateu no hombro de Arthur: — Obrigado, Bouvier!

Em seguida traçou a capa e perdeu-se na sombra da rua, cantarolando de novo:

« Corramos ao jogo,  
Que o proverbio diz:  
Amor sem ventura,  
— E' jogo feliz!... »

E desapareceu.

— Marquez! marquez! clamava o conde de Saint Malô, emquanto Alzira, desesperada, arrancava os cabellos, soluçando.

— O' meu Deus ! ó meu Deus ! lamentava-se ella. E' mais um que me vai pesar na consciencia ! E' mais um que morre por minha causa !

N'esse instante, do ladô contrario ao que Boufflers tomára, surgiram da treva da noite dois vultos negros, que lentamente se approximavam, silenciosos e tristes como duas sombras.

Vinham envoltos, da cabeça aos pés, em grandes capas talaes, que lhes davam ao aspecto um tom mysterioso.

— Anda, meu filho... dizia um d'elles ao companheiro. Tem resignação; apressa os passos, que precisamos alcançar a diligencia de Raimes, para chegarmos a Monteli antes de raiar o dia...

— Sim, meu pai... Sim, meu pai...

— Ai ! gemeu de novo o marquez debätendo-se no seu estertor. Morro sem confissão ! Morro sem confissão !...

Ouvindo isto, um dos dous embuçados precipitou-se sobre o moribundo, exclamando afflicto :

— Que vejo ?... Um corpo coberto de sangue !

E, arriando o capuz, para mostrar a sua veneranda cabeça de cabellos brancos, interrogou ao grupo que o cercava :

— Quem feriu este homem ?

— Um adversario em duello... murmurou o marquez. Ai ! morro ! morro !

O mysterioso velho arrancou do seio um crucifixo e levou-o com a mão tremulá á bôca do agonisante.

— Pede a Deus perdão das tuas culpas... segredou elle com a voz commovida. Entregalhe a tua alma em plena confiança, porque eu pedirei por ella ao Senhor misericordioso !

E ouviu-se o debil sussurro de um gemido de amor esvoaçar entre os labios do moribundo.

Era o nome de Alzira, que elle chamava pela ultima vez.

O medico abaixou-se para auscultar-lhe o coração.

— Está morto... disse.

Houve uma triste concentração em que se ouviram prantos abafados.

E o negro vulto de barbas brancas poz-se a rezar, ao lado do cadaver, com as mãos postas, o pallido rosto pendido sobre o seio.

Entretanto, Alzira, n'um transporte de afflicção, corrêra a ter com a outra sombra, que se quedava a distancia, de cabeça baixa e rosto escondido sob o capuz, e exclamou entre soluços, estendendo-lhe os braços supplicantes :

— Meu padre ! Meu padre ! Sou eu a culpada

de tudo isto ! Sou muito, muito desgraçada !  
Peça perdão a Deus por mim !

O vulto se agitou e tremeu todo através do mysterio da sua negra tunica.

Ouvia-se-lhe o ancioso arquejar do peito.

Depois, como se precisasse de ar, arremeçou para traz o capello do habito e recuou aterrado.

Alzira soltou um grito.

— Elle ! vozeou.

E teria cahido no chão, desfallecida, se Angelo a não amparasse nos braços.

Acudiram todos e apoderaram-se d'ella.

O presbytero puxou de novo o seu capuz sobre o rosto, deu o braço á outra sombra ; e começaram os dous de novo a seguir o seu caminho.

Angelo tinha afinal comprehendido bem a verdadeira causa da sua perturbação.

A sua perturbação era o amor.







## XIV

### DUAS VEZES ENGEITADO

**A**NGELO chegou a Monteli, acompanhado por Ozeas, ás sete horas da manhã.

Veiu recebê-lo á porta da casa uma velha chamada Salomé; era a antiga caseira do falecido parochó do logar.

— Então? então, meu filho?... perguntou-lhe o egresso. Que tristeza é essa?... Pareces-me um pobre criminoso sobrecarregado de remorsos!... Vamos! Não te quero vêr assim! Dize-me com franqueza o que sentes...

— Nada! Nada, meu pai! São intimas tristezas sem razão de ser!... são desgostos só meus, que só eu mesmo comprehendo!... A viagem fatigou-me. Preciso repousar... Bem sabe que ainda não estou bom de todo...

— Pois sim, recolhe-te! Alli está o teu quarto. Já mandei pôr lá a imagem da Virgem. Eu ficarei aqui. Até breve.

— Adeus, meu pai.

E Angelo, arrastando a sua batina, entrou no pequeno aposento que lhe era destinado.

Um triste quarto, em que a formosa imagem da Virgem se destacava, como na outra cella do convento de S. Francisco de Paula. Paredes nuas e velhas; tecto esborcinado e sem forro.

Havia alli como que a mysteriosa sombra de uma dura tristeza cantada outr'ora por um apaixonado asceta; havia como que o mortiço echo de uma saudade, que expirou, gemendo a derradeira nota de um amor prohibido.

Angelo sentou-se no catre que havia a um canto e começou a soluçar, com o rosto affogado nas mãos.

Chorava, e não sabia dizer porque. Soffria e não se animava a confessar a si mesmo de onde lhe vinha aquella dôr que assim lhe arrancava tão quentes lagrimas do coração.

Mas seu desejo era poder n'aquelle momento apertar nos braços alguém, cujo nome seus labios não se atreviam a balbuciar, receiosos de magoarem a candidez da sua alma virginal, branca noiva de Deus! O seu desejo era poder dizer o que lhe ensinára a biblia! era poder cantar a capitosa musica do Cantico dos Canticos, que nunca alma nenhuma jámais nõ

.....

mundo, sonhou e repetiu sósinha ! O seu desejo era poder dizer : « Eu te amo ! » e sentir a miragem d'esta palavra sublime reflectida inteira n'uns labios de mulher, que lhe não fallavam, porque já não tinham voz senão para soluçar de amor.

O seu desejo era Alzira !

Era Alzira de carnes brancas e olhos negros !

O seu desejo eram longos cabellos nús, soltos no vendaval de todos os desejos ! O seu desejo eram labios trementes e vermelhos ; eram doces braços de velludo ; eram a funda morte do supremo gôzo, bebido de bôrcos sobre um niveo collo de alabastro !

O seu desejo era o peccado.

E Angelo chorava.

Mas, de repente, como se o espectro do seu dever lhe tocára no hombro, elle ergueu-se estremunhado e trocou um olhar ancioso e supplicante com o triste e quieto olhar da Virgem.

Correu para junto d'ella e ajoelhou-se a seus pés, mesquinho de remorso e tremulo de arrependimento.

— Valei-me ! disse erguendo para a imagem os olhos lacrimosos. Valei-me a mim, a mais desgraçada de todas as vossas creaturas !

E soluçava.

— Maria! Maria purissima! exclamou elle depois, como um desprezado amante aos pés da sua cruel e indifferente amada. Vêde! Attendei! Flôr dos céos! Vêde bem que sou eu quem aqui vos falla e quem vos chama n'este momento!

E arrastando-se de joelhos, com os labios estendidos para alcançar-lhe a fimbria do vestido: — Mãe casta! mãe sempre virgem, valei-me! Vós sois o meu ultimo recurso, a minha ultima salvação! Escondei dentro da urna de marfim da vossa misericordia a pureza da minha pobre alma, que a besta immunda a cerca, farejando! Salvai-me, virgem mãe sem macula; abrigai-me n'uma das dobras do vosso manto azul, constellado de estrellas! Defendei-me contra mim proprio e contra o meu sangue traiçoeiro! Vós, que sois o eterno prodigio da castidade, protegei a minha castidade contra os meus intimos inimigos! Não me deixeis cahir em pensamentos depravados! Exorcisai de dentro do meu corpo o demonio que me morde as carnes e cospe fogo no meu sangue! Enxotai a luxuria, que baba minha alma para sorvel-a depois! Salvai-me! Salvai-me, rainha de bondade! Se quereis abandonar-me assim, á mercê dos

meus sentidos, porque pois me aninhastes carinhosa, durante tanto tempo, sob as azas brancas da vossa divina graça?... Se a vossa intenção era atirar-me assim ás garras do peccado, porque, pois, me ensinastes a amar-vos tão castamente desde a minha infancia mais innocente?... Dormi tão confiante em vossa guarda, respirando as rosas mysticas do vosso divino amor, e de repente acórdo, sobresaltado, entre uivos de féra que me cerca, para devorar-me!

« Onde estaes vós, mãe purissima, que, desde aquelles malditos olhos tão formosos e tentadores, já me não ouvís as supplicas e já me não enxugaes com o vosso alvo sudario côr de neve as lagrimas d'este meu desespero.

« O' peito de amor! entranhas de piedade! como é que assim vos fechaes para quem vos ama?... Oh! volvei para mim os vossos lindos olhos misericordiosos! Voltai a ter commigo, a sós, na minha cella, como d'antes, quando eu era um dos anjos rubicundos do vosso throno de nuvens!... Tornai a ter commigo, Maria cheia de graça!

« Se tinheis de abandonar-me e perder-me n'um segundo, para que então vos dei toda a minha existencia de vinte annos, mais

brancos do que a torre de David?... Se assim tinha de ser, amada minha, não valia a pena então conservar-me tão puro e tão candido!...

« Maria! Virgem amorosissima! vida e doçura! esperança nossa! se não quereis vir em meu soccorro, matai-me! eu aqui estou a vossos pés, e não me levantarei dos joelhos senão por um ar da vossa divina graça!...

E Angelo, de olhos fitos na Virgem, esperava um milagre, esperava alguma cousa que lhe réstituisse a sua antiga tranquillidade de espirito.

Nada! A imagem parecia surda ao seu desespero de salvação.

— Oh! por piedade! por piedade, minha mãe querida! enviai-me do vosso peito de amor a inspiração do meu resgate!

Nada! Nada!

Angelo deixou cahir o rosto para a terra; abandonou os braços, com as mãos entre os joelhos, e quedou-se pensativo.

Infeliz! infeliz!

Não era a primeira mãe que o engeitava!...

E as lagrimas de abandonado correram-lhe tristes pelo marmore das faces, e o misero deixou-se levar de rastos pelas garras da sua

dôr immensa para o inferno da sua desesperança de consolo.

Foi despertado pela velha criada, que, depois de bater varias vezes, resolveu-se a entrar no quarto.

— Perdão, senhor vigario. Queira desculpar interromper as suas orações, mas...

— Falle, minha irmã...

— E' que está ahi uma dama, toda vestida de negro e coberta por um longo véo, que deseja fallar a vossa mercê...

— Uma mulher?... E não disse quem era ?...

— Não quiz dizer, senhor vigario.

— Bem, minha filha, faça-a entrar para a capella e diga a frei Ozeas que tenha a bondade de vir cá.

A criada sahiu e o egresso appareceu pouco depois.

— Ha ahi, disse-lhe o presbytero, uma mulher que me procura. Devo escutal-a, meu pai ?...

— Que estranha pergunta, Angelo!... Deves, de certo! E' talvez alguma desgraçada que precisa de quem a conduza ao arrependimento! A consciencia pura e bem apoiada na fé jámais teme as ciladas do inferno! Vai! Falla-lhe! E, se fôr uma peccadora, supplica a Deus, noite

e dia, até conseguires o perdão para sua alma.

— Bem, meu pai...

E Angelo afastou-se lentamente, tomando a direcção da capella.





## XV

### DIABO, MUNDO E CARNE

**A**NGELO aproximou-se vagarosamente da misteriosa mulher, que o esperava na capella e perguntou-lhe ao que vinha.

Ella, cuja commoção se percebia, apesar do espesso véo que a occultava da cabeça aos pés, respondeu indicando-lhe o confissionario. Elle encaminhou-se então para lá, sentou-se, e, com um gesto, convidou-a a que se ajoelhasse a seus pés.

O vulto tremia tódo, quando vergou os joelhos e abaixou o rosto, para rezar entre dentes o *confiteor*.

— Não se amedronte, minha pobre irmã... disse o presbytero com a voz amiga; não trema d'esse modo, que por mais fundas que sejam as chagas do seu coração, e por maior que seja o remorso da sua alma, a misericordia divina

ha de chegar até lá, se o arrependimento já lhe abriu o caminho e franqueou as portas! Não se assuste, porque não é a mim que vai fallar, é a Deus, cujo seio de amor e de bondade jámais se fechou uma só vez aos que soffrem e pedem a remissão das suas culpas! Vamos! Abra-me a sua alma de par em par! Confie-me as suas dôres, que eu as farei minhas, e ajudal-a-hei a carregar-as até aos pés do nosso pai celeste!

A embuçada, em vez de responder ás perguntas do confessor, deixou cahir a cabeça sobre os joelhos d'elle, e abriu a soluçar desesperadamente.

Era um pranto convulso e sem treguas, que lhe agitava o corpo inteiro, e que menos parecia a dôr silenciosa e triste dos arrependidos, do que a explosiva revolta de quem chora pela ausencia de uma ventura sensual e terrestre.

Angelo, por sua vez, estremeceu aterrorizado e tolhido de alheios sobresaltos. D'aquella mysteriosa carne de mulher que palpitava a seus pés, erguia-se um quente effluvio traiçoeiro e lascivo, que lhe entontecia a alma; um odorante e luxurioso vapor de estranhos vinhos que o perturbava. Dir-se-hia que aquellas lagrimas rescendiam á volupia e que aquelles soluços eram soluços de amor, chorados no sigillo da alcova.

Elle orgueu-se, e a embuçada segurou-lhe as mãos, cobrindo-as de beijos apaixonados.

Angelo quiz fugir. Ella, com um gesto rapido, regeitou o véo que lhe reбуçava as fórmãs, e alli, no sagrado retiro d'aquella pobre capella de aldeia, surgia a perigosa Alzira, a terrível condessa de gelo, mais pallida e mais seductora do que nunca, assim humilde e triste sob a dura violencia d'aquellas queixas de amor.

— O' meu Deus!... balbuciou Angelo de si para si, abaixando os olhos, como se estivesse defrente do demonio. O' meu Deus, dá-me coragem! dá-me coragem!

E recuou alguns passos, estendendo o braço, como para isolar-se d'aquelle abysmo.

N'esse instante, Ozeas acabava de surdir ao fundo da capella, observando os dous, escondido por detraz de um altar. Seu peito arfava tão convulso como o peito de seu filho, mas n'elle o sobresalto era de outra especie.

Angelo, todavia, parecia calmo e senhor absoluto de si mesmo. Apenas o trahiam a subita pallidez das faces e um ligeiro tremor de labios.

— Creio, minha irmã, que nada mais tem que fazer aqui... disse elle pausadamente, apontando-lhe a sahida. Queira retirar-se... não é este o logar que convém ás suas

lagrimas... Vamos... váia, e, em beneficio de sua propria alma, não torne a commetter semelhante loucura, que a faz muito mais culpada do que todas as outras maldades commettidas. Vamos! Retire-se! Este tranquillo recanto sagrado pertence sómente aos arrependidos que soffrem!...

— Mas eu soffro! exclamou ella. Eu soffro muito! soffro infernalmente!

— Soffre?! inquiriu o padre, transformando-se. E' talvez o arrependimento! Falle, minha irmã!...

— Não! não soffro pelos delictos commettidos! não soffro pelas mortes que provoquei; soffro porque te amo, Angelo! porque te amo loucamente!

E quiz chegar-se para elle. Angelo tornou a apontar-lhe a sahida.

— Retire-se! Eu pedirei a Deus que se compadeça dos seus desvarios...

— Oh! eu te amo! eu te amo! eu te amo! soluçou ella, cahindo novamente de joelhos e procurando beijar-lhe a orla da tunica. Amo-te: eis o meu crime! Eis a minha grande culpa! Perdôa-me, já que tens um coração de santo! Sei que devia esconder o meu segredo e morrer com elle fechado dentro dos labios!... Sei que nenhuma esperanza tenho de ser algum dia

correspondida no meu desgraçado amor, porque nada mereço de um ente tão puro como és!... Mas perdôa-me! sou uma fraca mulher que nunca a mais ninguém amou, e tu o homem que pela primeira vez me acordaste o coração e me encheste a alma de sonhos de ternura! Perdôa-me, se te amo tanto, Angelo!

Elle escutava-a immovel e sinistramente pallido como um cadaver. Mas não se lhe percebia nas feições a luta homicida que se lhe travára n'alma.

— Se me amas... disse, quasi em segredo, cumpre com o que te vou pedir. Volta para Deus, minha desgraçada irmã, todo o teu amor de mulher!... Ama-o! ama-o extremosamente, e no seu peito de pai encontrarás perenne manancial de consolações! Sê honesta e serás feliz!... Se tens medo de ti mesma e dos que te cercam, recolhe-te a um asylo religioso e faze-te monja! E principalmente nunca mais tornes aqui; nunca mais me procures ver, se queres possuir o meu amor de irmão e o meu reconhecimento de sacerdote! Vai, e não tornes nunca mais. Adeus.

Dito isto, voltou-lhe as costas e afastou-se vagarosamente, como tinha vindo.

— Angelo! exclamou ella com a voz suplicante.

Elle virou-se, poz o dedo nos labios, impondo silencio, e sahiu.

Alzira, ainda de joelhos, conteve-se um instante; depois ergueu-se e precipitou-se de carreira, para alcançal-o.

Mas a veneranda figura de Ozeas cortou-lhe a passagem, surgindo-lhe de improviso pela frente.

A formosa cortezã estacou defronte d'aquellas longas bárbas brancas, abaixando a cabeça e cravando os olhos no chão.

Ozeas, sem dizer palavra, alongou o braço, apontando-lhe a sahida, e quedou-se immovel n'essa postura, até que ella desapareceu, lenta e silenciosamente, da capella.

Por esse tempo Angelo ganhava o seu quarto e, cahindo de joelhos aos pés da Virgem, agradecia-lhe a victoria que elle alcançára sobre os seus proprios sentidos, postos n'aquelle dia em amanhã provação.

— O' mãe de bondade! dizia elle com as mãos cruzadas no peito; fazei com que ella nunca mais volte a ter commigo; que nunca mais me appareça e soluce sobre os meus joelhos!... Se soubesses, mãe querida, como lutei para não tomal-a nos braços e estancar-lhe com a minha bôca os seus dolorosos soluços de amor!... Se soubesses como o meu

.....

coração chorava enquanto meus labios a repelliam!... Oh, por piedade! que ella nunca mais, nunca mais volte!

E, deixando pender o rosto sobre os pés da Virgem, poz-se a rezar com todo o fervor e reconhecimento da sua alma dolorida.

Alzira, entretanto, ao sahir da capella, metêra-se no carro que a esperava lá fóra e atirára-se para o fundo das almofadas, a soluçar afflicta. O carro tinha de seguir para Raismes; ella mandou tocar para Pariz.

Ia com o coração despedaçado. Já lhe não restava a menor esperança!... Angelo a repudiava... Angelo, o primeiro homem que ella amava, repellia-a, como quem repelle um reptil venenoso!

Todos os sonhos d'aquelle seu primeiro amor ruiam apodrecidos, antes mesmo de bem vingados.

Oh! como n'esse momento Alzira desejava ser pura! Como desejava ser casta!...

Doía-lhe fundo aquelle tranquillo desprezo com que o padre rejeitava os seus sinceros protestos de amor, accendendo-lhe, sem saber, o desejo da luta para conquistal-o.

Se Angelo a tivesse recebido com palavras duras, se a enxotasse da sua presença como o archanjo do paraíso enxotou a Eva peccadora,

é possível que ella não levasse tão longe o empenho de ser amada por elle; mas só a idéa d'aquella frieza, d'aquella inalteravel superioridade de ente puro e forte, que não teme seducções de especie alguma, só isso era o bastante para obrigar-a a não desistir da campanha e lutar até vencer ou cair morta.

— Sim! disse ella, mordendo os punhos desesperada. Agora, veremos! De por onde dêr, soffra quem soffrer, hei de vencel-o, hei de possuil-o, ou buscarei na morte o completo esquecimento d'esta fatal paixão!





## XVI

### EMMURCHECER DE UMA FLÔR.

**S**EIS mezes são decorridos depois que Angelo foi para Monteli, e cousas extraordinarias se têm passado com alguns dos personagens, que nos interessam n'esta veridica narrativa.

O Dr. Cobalt, durante esse tempo, apresentou á academia franceza um livro de physiologia e de philosophia, revolucionando a sciencia de então com as suas novas idéas materialistas. A obra fez grande escandalo e foi condemnada a um tempo pela Sorbonne, pelo Papa e pelo Parlamento. Mas elle, sustentado entusiasticamente pelos discipulos de Moraud, Picard e Hecquet, não desanimou e prometeu voltar a campo, armado agora para a luta com um novo trabalho, ainda mais formidavel que o primeiro, em que se propunha provar que as famosas convulsões, provocadas pelo milagroso

diacono Pariz, no cemiterio de Saint-Médard, nada mais eram do que phenomenos nervoços da hysteria, molestia que só então começou a ser estudada e conhecida em França.

Boufflers, esse, coitado ! tendo escripto uma satyra contra o duque de Choiseul, que nunca mais o perdeu de vista, cahiu na tolice de aceitar os ternos favores de demoiselle Tiercelin, então mantida pelo rei, no seu famoso serralho do *Parc-aux-cerfs*, e teve a infelicidade de ser descoberto nos seus amores por aquelle ministro, que o denunciou a Luiz XV, e o fez prender e encerrar na Bastilha. Lá ficou.

Frei Ozeas, pelo seu lado, tres mezes depois de estar em Monteli fôra accommettido pela peste ; esteve á morte, e víra-se forçado a separar-se do filho por algum tempo. Continuava muito enfermo, e ainda em perigo de vida, n'um hospital para onde o levára o Dr. Cobalt.

Alzira, essa, depois de novas e inuteis tentativas para conseguir arrastar Angelo a seus braços, precipitára-se de novo na antiga vida dos prazeres largos, e passava em Pariz a sorver e expellir milhões, fazendo-se cada vez mais terrível e funesta para os seus amantes.

Diziam que a devorava uma implacavel sede de orgias e loucuras de todo o genero ; que uma febre de deboches crudelissima a arrojava

às mais degradantes regiões da crapula, fazendo d'ella um perigoso arsenal de vicios, a que nenhuma virtude, por mais solida, resistia.

Angelo, entretanto, ia resignadamente cumprindo o seu estreito e obscuro destino de pobre parochó de aldeia.

Estava, porém, muito mais magro, mais pallido, mais concentrado e mais triste.

Fugira-lhe das faces a candida frescura da sua mocidade; fugira-lhe dos olhos aquelle puro e ardente brilho que era como o reflexo da sua apaixonada alma de inspirado asceta; fugira-lhe dos labios a purpurina flôr dos seus sorrisos virginaes; e agora todo elle nada mais era do que a tremula sombra do que d'antes fôra.

Sombra lenta e mysteriosa, que em silencio se arrastava pela vida, offegante e curvada, como se sobre ella andasse a pairar eternamente o anjo da melancholia, orçando-lhe a cabeça com as suas azas humidas de pranto.

Impressionava vê-lo, á hora do crepusculo, errar por entre as tumbas da capella, com a fronte pendida para o chão, como se estivesse a procurar o derradeiro abrigo no seio d'essa mãe que nunca engeita os filhos.

Impressionava aquelle negro vulto, arrastando a tunica pela areia dos caminhos, para

levar aos que soffriam menos do que elle a misericordia da sua consolação e do seu amor.

Uma noite, já nove horas tinham dado, e Angelo não apparecia em casa.

A velha Salomé, afflicta, ía de vez em quando á janella e voltava desapontada, agitando os braços e sacudindo a cabeça.

— Que digo eu ?... exclamou ella sozinha, olhando a estrada deserta. São quasi dez horas e o senhor vigario ainda fóra !... Vão ver que está por ahí á cabeceira de alguma victima da peste, sem se lembrar de que não tem no estomago mais do que uma chicara de leite e um pedaço de pão ! Ah ! definitivamente...

Um relampago córtou-lhe a palavra.

— Chit ! Santa Barbara ! Vamos ter tempestade ! E o pobre homem por onde andará ?...

Ia sahir da janella. Mas uma voz gritou-lhe lá de fóra, estrangulada pela ventania.

— O' tia Salomé !

— Ah ! disse ella. E' você, mestre Jeronymo ?...

— Não pensei achal-a acordada !

— Pois se o senhor vigario ainda não chegou !... Entre.

Foi abrir a porta, e mestre Jeronymo, um hortelão da vizinhança, penetrou na modesta sala, trazendo seguro pelo braço um rapazola,

de uns doze annos, que mal se podia ter nas pernas, de tão ebrio que estava.

— E' que, declarou o hortelão, encontrei no caminho este mariola no bonito estado em que o vê, e trouxe-o, porque calculei que o bruto com certeza não acertaria com a casa!

— O Robino como vem!... Virgem santissima!... exclamou a velha, pondo as mãos nas cadeiras. Não sei quando este rapaz tomará caminho! Por isso é que o maroto, mal acabou de ajudar a missa, desapareceu até agora! ...

— Vinha da taverna do Bruxo, explicou Jeronymo. Que quer? Os fildagos do Roudier gostam de o ver assim, e não largam de lhe dar o que beber enquanto não o põem por terra! Sucia de vadios!

E, como Robino, no seu persistente cabecear, lhe dêsse um empurrão : — Fica quieto, ó rapaz! Ora já se vio que mona?... A estes não leva a peste!

Robino empertigou-se e resmungou alguma cousa entre dentes.

— Cale-se! gritou-lhe Salomé. Você merecia é que o deixassem na rua. como a um cão sem dono! Mal faz o Sr. vigario em conservar em casa semelhante biltre!...

— Ora! gaguejou o emborrachado. E' o vigario mesmo quem todos os dias me abre o

appetite!... Elle á missa escorropicha a sua pinga com tanto gosto!...

— Cala-te, demonio! ralhou Salomé. Se estivesse no tempo do padre René, andarias mais direito! Isso te affianço eu!

— Ah! com certeza! afirmou o hortelão.

— O padre René bebia muito mais do que eu!... tartamudeou Robino.

— Não te calarás, cousa ruim?...

E Salomé voltou-se para o outro; enquanto o pequeno, depois de um longo bocejo, adormecia, encostado á parede.

— Tenho saudades do defunto vigario... disse ella, com um suspiro. Era uma boa alma!... Sempre bem disposto; alegre, amigo de pilheiriar... E' o que não tem este agora, o padre Angelo!... Não ha duvida que é muito santa pessoa, mas... nunca vi creatura tão triste!... Até mette pena, coitado!...

— Ainda o não vi rir uma só vez... considerou Jeronymo.

— Muito! muito triste!... continuou a velha. A's vezes, fica horas esquecidas á mesa, com os olhos pregados no tecto, a scismar!... E a comida ás moscas!... Vão lá tiral-o d'ahi! D'outras vezes dá-lhe p'ra passeiar no jardim ou no cemiterio, e então, adeus! E' preciso ir buscal-o quasi á força p'ra dentro de casa!

Põe-se então a andar p'ra baixo e p'ra cima, que nem uma alma penada', Deus me per-dôe!

— E' que talvez esteja resando... disse o hortelão, muito interessado com o que lhe conta-va a tia Salomé.

— Ainda hontem fui chamal-o para fallar ao filho do Mongol, que ahi veio pedir-lhe que o casasse com a pequena do tio Jorge, e to-quei-lhe no hombro. Pois acredita você, mestre Jeronymo, que o senhor vigario soltou um grito e ficou a olhar-me espantado, como se eu cá fosse algum fantasma?...

— E porque, tia Salomé?

— Ora! sei cà porque!... Ficou mais branco que aquella cal da parede! E todo a tremer!... Já se vê, pois, que não rezava, porque elle quando reza, ouve-se-lhe a oração e vê-se-lhe o movimento dos beiços... N'essas occasiões é até quando fica ao contrario um pouçachito mais tranquillo e de melhor humor! Cá p'ra mim ninguem me tira da cabeça que alli anda tentação do cão!... Allí anda rabo de demonio!

— Ou talvez de saia!... acudjo o hortelão, coçando a cabeça.

— Credo, mestre Jeronymo! Não diga isso nem brincando, que brada aos céos! Aquillo é

um santo! Olhe! Se frei Ozeas estivesse ainda aqui, juro-lhe que o senhor vigario não chegaria ao estado a que chegou! Até o acho meio apatetado! Deus me perdôe!

— Apatetado, tia Salomé?!...

— Pois se lhe disser que de uma feita o deixei ajoelhado no altar depois da missa e que, voltando só á tardinha á igreja, para reformar o azeite da Virgem, encontrei o homem ainda na mesma posição!... Os braços abertos, os olhos ferrados na santa, e tremendo de frio, coitadinho! que mettia dó! Chamei-o, qual! « Senhor vigario! O' senhor vigario! « Respondeu você, que lá não estava?... Pois assim respondeu elle! Afinal agarrei-o pelo braço e disse-lhe que aquillo não tinha geito!

— Não tinha, de certo, tia Salomé!

— Acompanhou-me tiritando. Você sabe como a capella é fria!... E mal deu alguns passos pelas lages, desatou n'um pranto de chôro, como eu nunca vi!

— Chorando?! Que me diz, tia Salomé?!...

— Como uma criança, mestre Jeronymo! Nunca vi chorar tanto! Ao depois, mettu-se alli no quarto; não quiz comer nada; e levou toda á noite a andar de um para outro lado, até que...

Mas interrompeu-se, porque a porta acabava.

---

de abrir-se, e Angelo entrou na sala, com o seu passo lento e o seu ar triste e acabrunhado.

Fez-se silencio.







## XVII

### MAL MYSTERIOSO

**A**NGELO vinha profundamente pallido e abatido, mas com a physionomia serena. Um quê de tranquillo cansaço immobilisava-lhe o rosto, não deixando distinguir bem qual a expressão que n'elle predominava: se a piedosa resignação do justo que, seguro da sua fé, caminha de olhos fitos no divino ideal, passando, sem rasgar os vestidos da alma, por entre todos os espinhaes mundanos ; ou se o surdo desfalecimento de quem a pura violencia esmaga dentro do proprio peito a fecunda semente das suas magoas, como a mãi desnaturada suffoca nas entranhas o palpitante fructo dos seus amores.

Vagarosamente atravessou a sala e foi sentar-se n'uma velha cadeira, ao lado da tosca mesa de carvalho .

A criada e o hortelão acompanhavam-lhe os

os movimentos com um compungido olhar de lastima.

— Boas noites, tia Salomé, boas noites, mestre Jeronymo, disse elle, cumprimentando-os humildemente.

— Deus Nosso Senhor lhe dê as mesmas, senhor vigario! respondeu a criada, quasi que ao mesmo tempo que o hortelão.

E a boa velha, pensando em Robino, que continuava a dormir a um canto, foi tratar de afastal-o d'alli para poupar a Angelo o espectáculo d'aquella immoralidade.

Mal, porém, lhe poz as mãos em cima, o pequeno gritou acordando:

— E' de virar! E' de virar! Hup! Hup! Hurrah!

— Que é isto?... perguntou Angelo voltando o rosto.

— Ora! Que ha de ser?... explicou a criada, enquanto Jeronymo carregava o pequeno lá para dentro. E' o mariola do Robino que está que se não póde ter nas pernas! Se não fosse o hortelão, ficaria ahi estendido pelo caminho e talvez se afogasse na enxurrada; que vamos ter muita chuva! Seria bem feito!

— Coitado!... murmurou Angelo.

— Coitado?! Ainda o Sr. vigario diz: « Coitado! »?... nunca vi cousa assim

Isto já não é bondade; é tolerancia de mais! ter pena de um maroto que se vai metter na taverna de Bruxo até ficar a cahir!... O Sr. vigario faz mal em proteger semelhante biltre, que para nada serve! Queria vêr se o despedissem d'aqui, onde elle encontraria quem o aturasse!...

— Por isso mesmo não devemos despedil-o... observou o cura. Se elle não tem para onde ir, como quer a tia Salomé que o ponhamos fóra de casa? seria matal-o de penuria!...

A criada abaixou a cabeça e disse, de si para si, a endireitar o seu avental: — E' mesmo um coração de anjo!...

— Ouça, minha boa Salomé... acrescentou Angelo pousando-lhe a mão no hombro; você ás vezes finge-se má.. Aposto que, se eu expulsasse d'aqui o Robino, seu coração, minha irmã, soffreria com isso mais do que o d'elle proprio ..

— Não digo o contrario, Sr. vigario, mas...

— Porque então ha de fingir-se aquillo que não é?... porque ha de dizer o que não sente?... porque fazer-se má, quando os seus sentimentos são humanos e compassivos?... Saiba, pois, que tanto se offende a Deus com a falsa maldade, como com a

verdadeira. Com a falsa ainda mais se offende, porque a outra tem a sua absolvição na fatalidade dos instinctos, ao passo que esta é toda producto do raciocinio, e como tal deve ser punida! Se Robino é um miseravel, é um perdido, por isso mesmo devemos soccorrel-o; se não dispõe de ninguem por si, devo eu estar ao lado d'elle, e, se eu tambem o abandonasse, ainda ficaria Deus, que não abandona nunca os desgraçados!

E proseguiu, depois de uma pausa, deixando-se arrebatado no vôo do seu amoroso enlevo pelas cousas mysticas:

— O santo missionario Francisco Xavier, quando percorreu a longa India, com a sua esfarrapada sotaina, tocava uma campainha para attrahir o povo, e entre este ia escolhendo os mais immundos e miseraveis leprosos de toda a especie, para soccorre-los e dividir com elles a melhor parte do seu pão e o melhor lado da sua enxerga! E, depois quando já não havia miseraveis a soccorrer nas ruas, farejou-os pelos hospitaes e pelas enxovias, chegando a penetrar, com o sublime heroismo da sua fé, nos antros mais corruptos da prostituição e do crime! Schwartz, Marshman, e quantos outros soldados de Jesus, affagaram toda a escala das miserias humanas, como se percorressem

o doce teclado de um órgão, entoando hymnos de amor á Virgem Purissima! Vicenté de Paulo, reduzido á escravidão em Argel, humilhou-se de tal modo e com tamanha crença, que acabou convertendo o seu renegado senhor á fé catholica! E mais tarde, em Marsellha, eil-o que desdenha a honrosa companhia do conde de Joigny, para ir cohabitar com os galés, até chamal-os, a todos, um por um, ao caminho da moral e da religião de Christo! Mas o proprio Christo?... Não foi elle quem recolheu nos seus braços a peccadora das peccadoras, a desgraçada repellida por todas as multidões? Não foi elle quem fez de Magdalena o louro archanjo da regeneração?... Não foi elle quem fez d'ella uma santa? Sim! Sim, Jesus, meu mestre! toda a tua religião e toda a tua sabedoria se reduzem n'esta palavra: — Amor!

E um longo suspiro sahiu-lhe do fundo da alma.

Amor!... Amor!...

E calou-se, meneando a cabeça tristemente.

Salomé, que do meio para o fim da divagação do presbytero fôra-se commovendo progressivamente, dava agora repetidos soluços, limpando os olhos com o avental.

— Perdôe-me!... gaguejou ella; perdôe-me, Sr. vigario!.. Vossa revêrendissima tem toda

a razão... Vossa reverendíssima é um santo... mas que quer?... Eu estava contrariada... Eu esto muito zangada! Tenho que lhe ralhar!

— Porque, minha boa irmã?...

— Ora, porque! porque vossa reverendissima pelo modo que vai, dá cabo de si!... Tem lá geito! Levaram até a estas horas com o estomago vazio, a andar por ahí todo o santo dia, em risco de lhe acontecer como ao frei Ozeas!...

— E todavia não tenho fome...

— Mas ha de sempre comer alguma cousa, senão é que me zango devéras!...

— Tenho é muito cansaço...

— Pudera não! Fazendo d'estas!... Isto até offende a Deus!

E, de carreira, foi lá dentro buscar o que havia para comer.

Angelo, mal se viu só, deixou pender a cabeça e cruzou as mãos sobre os joelhos.

— Ah!... pensou elle. Como estou transformado, meu Deus!.. Como eu proprio me desconheço!... Como sou miseravel o fraco!.. (E agarrando o peito, desesperado.) Carne traiçoeira e maldita! de que lama és tu feita?... E não poder quebrar-te n'um instante, immundo barro sensual e podre!

Mas Salomé voltava com a ceia.

— Ingrato! exclamou ella. Eu que lhe havia

preparado uma sopa tão appetitosa!... Vamos! Coma alguma cousa.

E, enchendo-lhe o copo com o vinho que trouxe n'um cangirão: — Beba, Sr. vigario! beba um bom trago de vinho! Este ainda é da colheita do defunto padre René... Ah! o padre René!... Esse é que tinha sempre um appetite... que mettia gosto vel-o-comer!... Comia tão bem o santo homem que, ás vezes, vendo-o jantar, jantava segunda vez! Um dia pregou-me uma formidavel indigestão!... Santa creatura!...

— Você o estimava muito, não é verdade, tia Salomé?... perguntou Angelo tomando uma colherada de sopa.

— Como não?... Pois se o servi durante dezoito annos seguidos!... Se não fosse a congestão que o raspou, ainda...

— A congestão?! interrompeu o vigario. Pois elle não morreu atacado pela peste?...

— Qual o que! negou a criada, rindo. Isso foi uma ballela que se arranjou aqui em Monteli!... Os amigos d'elle entenderam que elle não ficava bem, como sacerdote, morrer de congestão, havendo tanta peste na aldeia...

— Ah!

— Coitado! Foi lastima! Bello homem! Não parecia ter setenta annos! Forte, sadío e tra-

balhador como gente!... A's vezes, depois do almoço, agarrava-se a uma enxada e dava-lhe para labutar, que tres ou quatro trabalhadores não lhe levariam a melhor! Não vê o senhor vigario toda aquella parte do muro do cemiterio que está reconstruida?... Pois quem foi que a levantou?...

— Ah! Elle tambem trabalhava de pedreiro?...

— Se trabalhava! Queria que o visse, em mangas de camisa e calças arregaçadas, pé no chão, a fazer barro e a carregar terra! Mas tambem, quando cahia na cama, era aquella certeza!

— Dormia bem...?

— E roncava, senhor vigario! roncava, que se ouvia de longe! Uma vez...

Um trovão mais forte estalou no espaço, fazendo tremer as folhas da janella.

— Chit! gritou Salomé, correndo até á porta, que tempestade vamos ter! Olha se o senhor vigario se demora mais um pouco!... Felizmente tenho ahí alecrim bento para queimar!...

Mas Angelo já não a ouvia. Tinha os olhos cravados no tecto.

— Então que é isso?... perguntou ella, tocando-lhe familiarmente no hombro. Já cahiu na scisma?... Vamos! coma ainda alguma

cousa! Vá uma fatia de queijo. (Angelo repeliu o prato.) Sempre queria que me dissessem o que foi que o senhor vigario comeu!... Não sei do que se sustenta!... Se isto continúa assim, mando pedir ao boticario o remedio que elle deu ao filho do tio Curvado. Aquelle tambem não comia, nem á mão de Deus Padre, mas o boticario deu-lhe uns papelinhos, e o rapaz indireitou logo! Hoje não entra por aquella porta.

Interrompeu-a um novo trovão, mais forte ainda que o primeiro.

— Valham-me São Jeronymo e Santa Barbara! Parece que vem hoje o mundo abaixo! Vou accender uma véla benta!

E sahiu da sala, a correr, benzendo-se com ambas as mãos, estarrecida de medo.

Angelo, immovel na posição em que cahira esquecido, só d'ahi a pouco moveu com os labios, para murmurar entre dentes :

« E se, apesar de tudo, encontrares alguma mulher, que te leve a sonhar estranhas venturas... »

— Oh! disse, meu pai tinha razão!... tinha toda a razão!...

E erguendo-se, como se acordasse de um lethargo :

— Pois eu não terei energia bastante para

reagir contra esta franqueza?... Não poderei estrangular a matilha que me rosna no sangue?... Pois a idéa d'aquelle demonio matará em mim todas as outras idéas?... Oh, meu Deus, não é possível! seria uma injustiça! Uma tremenda injustiça!

Salomé reapareceu, para perguntar :

— Então, Sr. vigario! que faz que se não recolhe?... Vamos! Deite-se, que precisa de repouso. Já accendi o oratorio da Virgem. Não fique ahí a scismar!

— Vá! vá descansada, tia Salomé, que eu me recolho immediatamente. Boa noite.

Angelo, uma vez recolhido ao quarto, começou a passear de um para outro lado, entregue todo á sua implacavel preocupação.

— Não! protestou elle, estacando no meio do aposento, depois de longo meditar. Não! A idéa d'aquella mulher não matará meu coração e minha alma! Preciso não pensar n'ella! preciso arrancar d'aqui de dentro esta terrivel loucura, que me absorve, gotta a gotta, toda substancia do meu espirito!...

E circumvagou em torno o olhar ancioso e desvairado.

— Mas, proseguiu o misero; como poderei não pensar n'ella, se, mal me vejo a sós, sinto-a commigo?... Sim! Sim! Ella aqui está e em

tudo se denuncia!... Sinto-a perfeitamente; sinto-a no perfume dos seus cabellos, no farfalhar das rendas do seu vestido, na tentadora luz de seus olhares!... Parece-me que, ao voltar-me, darei com ella, face a face, a sorrir-me de amor e a estender para mim seus braços de alabastro!

E atirou-se de joelhos defronte da Virgem, com a cabeça pousada no rebordo do altar. Depois ergueu o rosto, e, de mãos postas, tentou dizer uma oração. Mas o seu espirito não acompanhava a religiosa palavra que seus labios proferiam e o desgraçado, louco de desespero, deixou-se cahir por terra, soluçando, estendido ao longo do chão, como um cadaver.

Perdeu os sentidos.

Lá fóra a tempestade continuava, roncando no espaço.

No fim de algumas horas, Angelo passou da syncope ao somno, e começou a sonhar :

— Alzira, minhã amada... sussurrava elle, entreabrindo os labios; teu rosto é formoso como o rosto da Virgem; teus olhos são como os d'ella — fonte de amor e de ternura, são negros, são doces, altivos e supplicantes; teus cabellos côr de ouro valem pelo seu diadema de rainha dos céos; a carne do teu collo é tão macia como o setim do seu manto constellado...

mas eu não te posso dar o meu amor, adorável peccadora, porque me casei com a igreja e dei o meu coração a Maria...

N'isto, bateram lá fóra tres pancadas com a aldrava da porta.

— Não! não me chames!... continuava a sonhar o parochó. Não te approximes de mim, flôr de perdição! que eu morreria de pena se te fugisse, mas tambem morreria de remorsos, se tu ficasses nos meus braços. (Bateram de novo e mais forte). Não! não irei abrir-te a porta! mas não desesperes, minha pobre amada!... Ainda nos havemos de reunir no Paraiso!... Seremos dous espiritos inseparaveis, que percorrerão abraçados os páramos de Deus! Então viveremos unidos para sempre e sempre accordes, como duas azas de anjo, de passaro ou de borboleta!...

Bateram de novo, ferozmente, e Salomé gritou lá de dentro :

— Quem é ?

— Queremos falar ao Sr. cura, respondeu uma voz de fóra.

— Agora não é possível! Voltem pela manhã!

— E' caso urgente!

— Mas elle está dormindo!...

— Precisamos fallar-lhe no mesmo instante!

— E no entanto... sonhava o parochó, o teu amor deve ser mais doce que o mel das flôres... mais suave que o perfume da myrrha, e melhor e mais saboroso do que os vinhos de Chanaan!...

Salomé, devéras contrariada, entrou na sala de jantar, trazendo na mão uma candeia accesa, e foi até á porta do quarto de Angelo.

— Tem lá geito!... resmungava ella a gesticular com o braço que trazia livre. Tem lá geito!... Incommodarem o pobre homem que ainda não ha muito se recolheu tão cançado!...

E bateu na porta do quarto.

Angelo acordou sobresaltado, ergueu-se e correu a saber quem era.

— Estão ahi dous desalmados, que querem por força fallar ao senhor vigario. Eu disse logo que não era possivel; elles, porém, insistiram tanto, que...

— Fez bem em chamar-me, tia Salomé. Faça-os entrar immediatamente. São, com certeza, viajantes que precisam de agasalho!... Que entrem sem demora!... Veja o que ha ahi para comer. Elles devem trazer fome...

A criada pousou a candeia sobre a mesa e afastou-se resmungando.

D'ahi á pouco penetravam na sala dous ho-

mens corpulentos, envolvidos em longas capas de panno escuro.

Um d'elles era negro e tinha os olhos vermelhos de chorar.

— Com licença ! disse o outro sacudindo o chapéo encharcado de chuva. Per Bacho ! pensei não chegar aqui ! Boa noite, senhor cura !

Angelo cumprimentou-os.

— Os senhores, disse, são sem duvida viajantes e querem agasalho, não é verdade ? Vou dar as providencias para...

Não, senhor cura, muito obrigado, agradeceu aquelle, detendo o parochó. Não queremos agasalho, temos até de voltar incontinentemente !...

— Com este tempo ?... observou Angelo.

— Vimos pedir a vossa reverendissima para ir dar a extrema uncção a uma agonisante, que a reclama com insistencia.

— Pois não ! pois não ! respondeu o padre, correndo a tomar o chapéo e o capote. Estou prompto ! Vamos ! Onde é ?...

— Logo ao entrar na avenida de Blancs-Manteaux, castello d'Aurbiny.

— Avenida de Blancs-Manteaux ! exclamou a criada, que até ahi estivera de mãos nas cadeiras, a sacudir os quadris, furiosa. Quasi duas leguas de distancia ! Isso não póde ser ! Não consinto !

Angelo foi ter com ella e disse-lhe em voz baixa :

— Cale-se, boa Salomé... Não me queira desviar das minhas obrigações !...

E foi ainda lá dentro buscar o necessario para dar a extrema unção.

— Mas é uma imprudencia o que o senhor vigario quer fazer !... insistiu aquella. Sahir de casa a estas horas e com este tempo !...

Ouviu-se um trovão.

— Valha-me Deus ! exclamou ella. Os caminhos com certeza estão peiores que o mar !

— Trouxemos um cavallo para o senhor cura.

— Nem sequer trouxeram um carro ! Não ! Definitivamente o senhor vigario não vai, porque eu não consinto !

— Então, Salomé ! disse Angelo ; cale-se, minha irmã ! O dever não deve olhar mãos tempos e perigos mesquinhos !...

A boa velha, em vez de calar-se, collocou-se defronte d'elle, com os braços erguidos, e exclamou :

— Mas, por amor de Deus ! repare que esta loucura vai fazer-lhe muito mal !... Lembre-se de que não está bom de saude !... Lembre-se de que...

Angelo interrompeu-a :

— E suppõe que eu poderia ficar aqui tran-

quillo, sabendo que alguém morre, pedindo inutilmente a confissão?... que eu poderia dormir descansado, lembrando-me que n'esse momento um moribundo me amaldiçoava, porque lhe faltei com os derradeiros soccorros sua alma?...

E voltando-se para os dous homens :

— Vamos ! vamos, irmãos ! Estou ás vossas ordens !

E traçou a capa e sahiu, acompanhado pelos outros dous.

D'ahi a pouco, tres cavalleiros negros cortavam a estrada e entranhavam-se na floresta, galopando na treva, como fantasmas.

Pareciam voar nas azas da tempestade. E, a cada relampago, os cavallos aterrados relinchavam, acelerando a vertigem do galope !

Só pararam defronte do velho e sombrio castello d'Aurbiny.

Angelo apeou-se e, ao transpôr o largo portão de pedra, em cujo frontal havia ainda as armas fidalgas de uma grande família extincta, sentiu a alma tolhida por um vago e aspero presentimento de desgraça.

Mas entrou sem hesitar e subiu a longa e esborcinada escadaria de marmore, conduzido por um pagem de libré vermelha, que o veio receber á porta.



## XVIII

### PRIMEIRO BEIJO

**E**M uma desarranjada alcova do velho castello, entre mesas cobertas de frascos de remedio e estojos de cirurgia, ha uma cama com um cadaver de mulher.

Esse cadaver é de Alzira.

Tem soltos os cabellos, que lhe correm de um e de outro lado do rosto. Os braços sahem-lhe das largas mangas de uma tunica branca e cruzam-se piedosamente sobre o frio e apagado peito.

Ella, de tão serena que tem a physionomia, parece dormir um somno que não é o derradeiro, e nos seus labios gelidos, para sempre unidos pela morte, ha como que a sombra do ultimo sorriso que por elles passou.

Ao lado da cama, enterrado no fundo de uma poltrona e com o rosto escondido no lenço,

Arthur Bouvier chora silenciosamente ; junto d'elle o conde de Saint Malô, tambem mudo, contempla o cadaver. E o Dr. Cobalt, com o ar prostrado e a roupa em desordem, arruma a sua carteira de medico e prepara-se para sair.

— Não me surpreendeu esta morte... disse afinal o conde. Ha muito que a previa !...

— Foi um verdadeiro suicidio !... declarou o doutor. Não é impunemente que se leva a vida de extravagancias, a que esta pobre rapariga se atirára por ultimo !... Não ha duvida que que-ria dar cabo de si !

Pobre louca !... murmurou Bouvier com um suspiro. Dir-se-ia que uma implacavel sêde de commoções a devorava incessantemente !... Quantas vezes, n'estas ultimas orgias da sua vida, a vi ardendo em febre, a escarrar sangue, a tossir, sem animo todavia de recolher-se á cama. Pobre Alzira !

O medico, que acabava de arrumar os seus ferros, disse, approximando-se dos outros dous :

— Moralmente, coitada ! foi sempre enferma... Soffreu muito ! soffreu muito, porque só desejava o que não podia obter ! Fingia-se a mulher mais insensivel do mundo, quando, em verdade, era de uma delicadissima sensibili-

.....

dade nervosa. Se vivesse ainda por muito tempo acabaria louca sem duvida !

— Pobre Alzira ! repetiu Bouvier.

— Mas o caso é que está morta, disse o conde ; e nós, ultimos amigos que a acompanham, precisamos completar a obra, dando-lhe um enterro condigno da sua belleza.

E, vendo que acabava de assomar á porta a figura de Angelo :

— Ahi está o padre !

Angelo cumprimentou-os com um respeitoso movimento de cabeça e parou á entrada.

O Conde foi ter com elle e apertou-lhe a mão.

— Já chega tarde, Sr. padre Angelo... não encontra uma agonisante, encontra um cadaver...

— Expirou ha duas horas... declarou Bouvier, pondo a mão sobre o rosto da morta. Já principia a enregelar !

O parochó, que lentamente se aproximára do cadaver, ao dar com aquella branca figura de marmore estendida sobre a cama, soltou um grito e começou a tremer, arquejante e livido.

Bouvier e o conde acercaram-se d'elle, enquanto o Dr. Cobalt, a certa distancia, attentamente o observava com os seus olhos de medico apaixonado pela sua sciencia.

— Não é nada... não é nada... tartamudeou Angelo, procurando esconder a sua tremenda commoção. A morte produz-me sempre este abalo ! Não é nada !... Peço-vos que me deixeis um instante só com o cadaver... Vou encomendal-o a Deus.

— Pois não... Pois não...

— Fique á vontade, senhor cura, accrescentou o materialista. Nós passamos á sala de jantar, mesmo porque temos necessidade de comer alguma cousa. Desde pela manhã que aqui estamos a lutar com a morte. Fique e desejo que os seus esforços sejam mais proveitosos que os meus. Até logo.

Os tres sahiram da alcova.

Angelo foi acompanhal-os até á porta, affectando grande tranquillidade, mas, logo que o pesado reposteiro de damasco se fechou sobre elles, explodiu-lhe do peito uma onda de soluços, e o misero precipitou-se para junto do cadaver e cabiu de joelhos, abraçando-lhe o pescoço e beijando-lhe as mãos.

— Ah ! exclamou transportado pela paixão. Posso emfim estreitar-te agora nos meus braços ! Já não és uma mulher ; és simples materia inerte ! Já não és o fructo prohibido ! já não és o ente perigoso que nos leva a sonhar estranhas venturas !... E's pó ! és nada ! Posso agora ao

teu cadaver dizer tudo! confessar-lhe o meu pobre amor; o muito que soffri; as longas horas de amargura que arrastei na minha negra solidão! Deus não me castigará por isso! Minhas palavras de amor ficarão contigo, adoravel despojo, sepultadas debaixo da terra! Não! não estou peccando, porque não é á tua carne que eu me dirijo; é á tua alma, e essa não pertence ao mundo; essa não tem sexo!

E, aſucinado, accrescentou, como se a morta pudesſe ouvil-o :

— Sim! sim! Eu vos amo, eu vos adoro, alma que te partiste para sempre! corpo que vais para sempre desaparecer da superficie da terra! Eu te amo, Alzira! Eu te amei sempre!

E uma vertigem se apoderou d'elle; e o seu sangue enlouqueceu, accendendo-lhe os sentidos e apagando-lhe, n'aquelle instante, a luz da razão.

Soltou um grito. Aos seus olhos desvairados, Alzira acabava de erguer-se a meio no leito, e abria as palpebras, estendendo-lhe os braços com um fugitivo e triste sorriso nos labios.

— Meu Deus! meu Deus! exclamou elle, tremulo e aterrorisado. Que significa isto?... Ainda vives, Alzira?... mas como é que vives, se o teu corpo tem a gelidez da morte?..!

E Angelo viu distinctamente que os labios

d'ella se moviam para responder com uma voz quasi indistinguivel :

— Sim, vivo ainda... um instante apenas, um ligeiro instante ; o que baste para encher minh'alma com a tua imagem immaculada e santa, antes que eu parta eternamente para as margens dêsconhecidas que já d'aquí avisto.

— Meu Deus ! soluçou Angelo, perdôa-me ! perdôa-me !

— Descança, segredou ella, afagando-lhe os cabellos. Deus, que é bom pai, não amaldiçoará o nosso amor... Elle quer que as suas creaturas vivam aos pares e se amem como nós nos amamos... E eu te amei tanto, meu Angelo, tanto, que Deus perdoou todos os meus crimes só pelo muito que te amei e pelo muito que soffri com ser repellida do teu seio ! Eu, a mais depravada de todas as mulheres ; eu, que só causei mal durante a minha existencia, não tenho ânimo de levar minh'alma á presença de Deus, se para sempre não me fecharem os labios um beijo do homem mais puro entre todos os que habitam a terra ! E' isso que vim pedir-te ! Dá-me um beijo, e minh'alma voará purificada aos pés do Creador ! Um só beijo dos teus, tão puro e divino, me resgatará de todos os outros, cynicos e vís ; que dei durante a vida inteira !

— Eu te amo, Alzira! respondeu Angelo.

E seus labios collaram-se aos labios d'elle no extase de um primeiro beijo de amor.

Depois, Alzira soltou um fundo e doloroso suspiro e deixou-se cahir de novo para traz, outra vez cadaver.

O allucinado passou-lhe então a mão no rosto, sacudio-a pelos braços e, sentindo-a de novo tão hirta e tão gelada, soltou um formidavel grito de agonia e perdeu os sentidos, cahindo com a cabeça sobre o collo da morta.

Com o grito de Angelo acudiram os que estavam lá dentro, vindo na frente o Dr Cobalt, que correu logo para junto do padre e começou a observá-lo radiante, como se n'esse momento acabasse de descobrir um thesouro preciosissimo.

— Está sem sentidos! disse, e acrescentou entre dentes, enquanto o apalpava. Que achado! Que rico achado!... Já não o largo!... E' meu! Creio que afinal encontrei o caso que eu ha tanto tempo procuro!...

O conde e Arthur Bouvier entre-olharam-se, interrogando mutuamente que significaria aquelle singular sacerdote, que diziam santo, assim desfallecido sobre aquelle inanimado corpo de mulher.

Angelo, entretanto, continuava tão immovel, tão pallido e tão morto sobre a morta, que parecia um cadaver perseguindo em silencio outro cadaver.





## XIX

POR FÓRA D'HORAS

**Q** Dr. Cobalt, ajudado pelo conde e por Bôuvier, tratou de remover Angelo do funebre leito de Alzira para um diŷan que havia na alcova.

O parochó continuava inanimado.

O medico, que estivera a tentar-lhe o rosto e as mãos, disse, sem deixar de observá-o minuciosamente :

— O cadaver communicou-lhe o terrivel frio da morte... Vejam como elle tem as faces e as mãos geladas !

— E como está hirto e pallido !... considerou o conde. Parece morto...r

— Não ! não está morto !... declarou Cobalt, pondo-lhe o ouvido sobre o peito.

— Sente pulsar-lhe o coração ? perguntou-lhe aquelle.

Não ! Não se ouve absolutamente pulsar-lhe o coração, mas afianço-lhes que está vivo!

— E' extraordinario !... notou Arthur Bouvier, apalpando a fronte do desfallecido.

— Mas, afinal, doutor, que tem este pobre homem ? indagou o conde.

— Nada mais simples, explicou o medico, tem um ataque de lethargia... ou cousa que o valha !...

— Ah !

— Producto de um profundo abalo nervoso. Vou tratar d'elle. Hei de cural-o e estudar o caso, que me parece muito bonito. O que me convém saber, é qual era o seu estado pathologico antes d'esta crise e qual o valor dos agentes estranhos que poderiam ter contribuido para ella. Como sabem, a nossa sciencia n'este ponto ainda está muito atrazada em toda a Europa ! Quasi nada se conhece d'esse grande mundo extraordinario, fantastico, impalpavel, quasi incomprehensivel ; esse mundo de phenomenos psychicos fornecido pelas affecções nervosas ! Basta dizer-lhes que entre nós a hysteria é ainda um mysterio ! a suggestão magnetica é um divertimento ! as suas singularissimas manifestações escapam ao medico e são exploradas pelo clero, que as explica como obra do diabo e receita para todos os casos.

os milagres de Saint-Médard! Estamos mais atrasados que nas épocas empiricas de Platão; mas, tempo virá, meus amigos, em que esta mesma França, ignorante de hoje, ha de dar sobre este assumpto as mais bellas lições, de sciencia. O futuro vingará a minha obra tão ferozmente amaldiçoada pela Sorbonne e pelo Parlamento! Juro-lhes que a hysteria, com todo o seu carnavalesco e brillante cortejo de loucuras, não será um mysterio no seculo XIX!

— E quanto tempô levará este homem sem dar acôrdo de si?... quiz saber Arthur.

— Não sei... respondeu Cobalt. Em primeiro logar, não posso dizer se o que elle tem é uma crise cataleptica ou se cahiu em lethargia hystérica. Se fôr catalepsia, pôde a syncope durar pouco e pôde tambem durar muito; pôde durar apenas algumas horas, como igualmente pôde durar mezes...

— Mezes?...

— Pois não! Há casos observados de prostração cataleptica que duram mais de cem dias... Espere! Vou fazer uma experiencia.

E foi buscar um frasquinho de ether, que levou ao nariz de Angelo. Este conservou-se immovel.

— Não! não pôde ser simples catalepsia... declarou o medico. Com a acção do ether os

catalepticos põem-se em movimento e reproduzem inconscientemente, por mimica, a scena que lhes determinou a crise.

— Então é lethargia...? disse o outro.

— Creio que sim... E, se fôr... oh! os senhores não imaginam que sonhos extravagantes, que visões, que fantasias, pôde elle experimentar durante esse estado!... Foi isso o que no outro tempo levou muita gente á fogueira; taes cousas viam nos seus delirios e taes cousas juraram ter presenciado, que os santos padres resolviam queimar-os, convencidos de que os infelizes eram feiticeiros ou tinham o diabo no corpo. E, mesmo agora, todas essas conyulsionarias, que infestam Pariz, protegidas pelos jansenistas, e que pretendem cahir ás vezes em estado de inspiração divina, para conversarem com os espiritos e outros seres sobrenaturaes, o que mais são do que hystericas sinceras ou fingidas?...

— Pobre moço!... lamentou Bouvier considerando a pallida figura de Angelo estatelada sobre o divan. Ahi está em que deu tanta pureza de corpo e alma!...

— Agora o que convém, tornou o medico, é afastal-o d'aqui e prohibir que lhe fallem no que se passou. A presença d'aquelle cadaver aggravaria o seu estado e poderia ser-lhe fatal.

E' preciso poupar-lhe esse perigo. O melhor será que desperte da lethargia já em casa, deitado na propria cama; e, como já não sou necessario n'este logar, encarrego-me de acompanhal-o a Monteli. Ficam os senhores para tratar do enterro.

— Mas, doutor, observou o conde, permitta que lhe lembre que a noute está horrivel e que o padre Angelo, se me não engano, mora muito longe...

— Não importa! sei onde é... Levo-o na minha carruagem. Os cavallo são bons e o cocheiro conhece bem o caminho! D'aqui a duas horas estarei lá.

— Como quizer... Uma vez que se interessa tanto pelo padre Angelo.

— Não é o homem que me interessa, declarou o medico, enfiando o seu longo capote de jornada, é o doente. O conde não ignora que eu tenciono apresentar ainda este anno á academia umas memorias a respeito de certas enfermidades nervosas, que não foram estudadas em França... Preciso d'este enfermo como de pão para a bôca!

E foi chamar os criados, e ordenou-lhes que levassem Angelo para o seu carro, o que elle mesmo ajudou a fazer, com uma solitudine de namorado a raptar a amada desfallecida.

— Cuidado hein! gritou elle a Amilcar, quando o negro se apoderou do parochó. Adeus, conde! Adeus, Bouvier!

E sahiu, acompanhando de perto o seu thesouro.

Durante a viagem não tirou a mão do pulso do hysterico e, por varias vezes, debruçou-se sobre elle, auscultando-lhe o peito.

Continuava a lethargia.

Salomé, quando viu seu amo entrar em casa carregado a braço por dous homens, levou as mãos á cabeça e desandou n'uma terrivel imprecação contra todos que tinham contribuido para fazel-o sahir aquella noite, fóra d'horas e por um temporal de morte.

— Malditos sejam! exclamou ella, que me obrigaram o pobre homem a commetter tamanha loucura! Agora, está ahi! Vejam como elle volta! Que digam se eu tinha ou não tinha razão!

O medico tapou-lhe a boca com uma moeda de ouro, emquanto depunham o desfallecido no quarto, sobre o leito.

— Tome lá para o seu rapé... disse aquelle, e não precisa affligir-se, tiasinha! O parochó não está abandonado, nem corre o menor perigo. Sou medico e não o deixarei, emquanto elle precisar dos meus soccorros. Apenas de-

sejo que a senhora me ajude n'aquillo que fôr preciso.

— Estou ás suas ordens, senhor doutor.

— Bom ! Pois então, em primeiro lugar, nada de gritaria, que isso só serve para fazer mal; em segundo : vai a senhora contar-me minuciosamente como tem vivido aqui, até hoje, o nosso vigario; o que tem feito; quaes os incommodos que tem soffrido.

E Cobalt, emquanto ella dava conta da existencia de Angelo, escutava-a com os olhos fitos no chão, e só a interrompia para lhe pedir novos esclarecimentos sobre algum ponto que não ficára logo bem explicado.

Depois, tirou a sua carteira, tomou algumas notas a lapis, e em seguida, foi sentar-se á cabeceira do leito do doente, consultando o relógio de instante a instante.

Assim esteve até pela manhã, quando percebeu que Angelo ia voltar a si.

Ergueu-se na ponta dos pés e foi ter com a criada, que dormia a um canto da sala de jantar, sentada n'um banco de páo.

— Olhe ! disse-lhe em voz baixa. O vigario vai despertar... E' preciso ter todo o cuidado com elle, entende ?... Observe-o com attenção para me dizer depois o que se passou. Convém que elle me não veja e que não desconfie se-

quer que eu cá estive... E' preciso não deixal-o perceber que está doente, porque senão ficará peor e talvez perdido... A respeito de tudo que se deu aqui esta noite—nem palavra, ouviu? A menor palavra a esse respeito pol-o-hia doido! Todo o cuidado é pouco!

Salomé, de boca aberta e olhos arregalados, ouvia-o sem pestanejar.

— Mas, disse ella, e se o senhor vigario me fizer alguma pergunta a respeito do que se passou á noite?...

— Finja que de nada sabe. Assim é preciso, se a senhora não o quer ver doido varrido! Adeus. Não se descuide, hein?... E tome lá de novo para o seu rapé! Até logo. Eu voltarei mais tarde.

Deu-lhe outra moeda e sahiu, andando cautelosamente, como se receiasse acordar alguém.

Angelo, entretanto, acabava n'esse momento de voltar a si.

Abriu os olhos, passeou-os estranhamente em volta da cama, depois tornou a fechal-os, deixou cahir de novo a cabeça sobre o travesseiro e começou a dormir, como se continuasse um somno, apenas por um instante interrompido.

Eram duas da tarde quando se ergueu do leito.



## XX

### ENTRE A VIDA E O SONHO

**D**EPOIS d'aquelle immenso temporal da noite inteira, o dia abriu formoso e resplandecente de luz. A areia dos caminhos brilhava, seccando ao sol; as chaminés das cozinhas atiravam para o ar plumas côr de perola, que se agitavam suavemente ás brisas refrescadás pela chuva.

A aldeia parecia sorrir. Os pardaes saltavam por toda a parte e grasnavam por entre as ripas dos telhados. As borboletas sahiam do mysterio dos seus casulos e vinham peraltear á grande claridade dos vergeis alegres e floridos.

Angelo, entretanto, continuava a dormir profundamente, como um enfermo que acabava de escapar á morte, depois de ter atravessado muitas noites em claro. Não sonhava, não se movia no leito. Era um somno de pedra.

Quando acordou ás duas horas, fez as suas orações, tomou um copo de leite, que lhe haviam posto á cabeceira da cama, e deixou-se ficar no quarto até ao momento de ir rezar as Trindades na capella.

Sahiu em silencio, em silencio atravessou por entre os aldeões, e foi collocar-se defronte do altar, com os braços abertos e os olhos perdidos no vago, pandos, a desfiarem lagrimas.

Já não eram lagrimas de sacerdote; era o seu ferido coração de homem que sangrava.

Por esse tempo, Jeronymo e Salomé conversavam lá fóra, no modesto jardim que havia em frente á pobre vivenda do parcho.

Fallavam em voz baixa, como se conspirassem.

— Ora, segredou o hortelão, muito me conta a tia Salomé a respeito do nosso vigario!.. Bem me dizia vocemecê ainda hontem que o homem ás vezes parecia apatetado!..

— Não estou nada satisfeita, mestre Jeronymo! Durante o tempo do defunto padre René nunca vi cousa assim! O padre René contava-me tudo, tudo que se passava com elle; ao passo que este agora, nem só nada me diz, como ainda por cima o medico me prohibe de lhe fazer perguntas!. Tem lá geito!

— Ah! o Dr. Cobalt prohibiu de lhe fallar, hein?

— E' exacto! Jurou-me que, se o senhor vigario ouvisse uma só palavra do que se passou de hontem á noite para hoje, ficaria doido varrido...

— E o que foi que se passou, tia Salomé?

— Sei cá o que se passou! E, ainda que o soubesse, não n'ò diria, porque o medico prohibiu!

— O medico prohibiu de contar ao senhor vigario e não a mim... Ora essa!

— Não sei! Prometti de não contar, não conto a ninguem!

— A tia Salomé terá receio de que eu tambem fique com a bola virada se ouvir a tal historia?... Se o caso é esse, perca o receio e desembuche, que eu cá respondo por mim!

— Mas é que eu não sei de nada, homem de Deus!

— Não sabe?... Então a que vem a recommendação do doutor?...

— Naturalmente cuida que estou a par de tudo... E confesso que já agora não se me dava de saber que historia é essa, que põe a gente com o juizo transtornado...

— O que me parece, tia Salomé, é que para

o vermos doido, não é preciso que vocemecê lhe conte a tal história!...

— Para longe o agoiro, mestre Jeronymo!

— Ora! Um homem que anda sempre como se estivesse dormindo em pé!... Supponho que nem dá pelo que se passa em redor d'elle...

— E' um santo!

— E'! por isso anda sempre lá pelo céu, com a lua.

— Credo, mestre Jeronymo! Isso não se diz. Você está ficando atheu!

Foram interrompidos pelo Dr. Cobalt, que surgiu por entre duas moitas de verbena, a olhar mysteriosamente para todos os lados.

— Onde está elle?... perguntou ao ouvido de Salomé. Sahiu para a rua?.

— Não, Sr. Doutor, está rezando as Trindades. O senhor vigario, sempre que não diz missa, reza ás Trindades.

— Você nada lhe disse, heim?...

— Não trocámos palavra. Elle só sahiu do quarto para ir direitinho para a capella.

E, como o sino principiasse a tocar, a criada accrescentou: — Acabou a reza! O senhor vigario vai voltar naturalmente.

— Bom! bom! disse o medico, apressando-se. Vou, antes que elle chegue. Não lhe diga que estive aqui, percebe!

— Sim, Sr. doutor.

E Cobalt resmungou {contrariado:

— E eu que tenho de partir esta noite para Pariz!... Diabo!

Voltou-se para Solomé e fallou-lhe de carreira: — Olhe, minha amiga, preciso afastar-me d'aqui, não sei por quanto tempo... você fica encarregada de, quando eu voltar, dar-me conta de todos os passos do nosso doente. Tenha todo o cuidado com elle, que eu a recompensarei. Não o contrarie nunca, ouviu?... Não o apoquente e principalmente não lhe dê uma palavra a respeito do que se tem passado. Observe-o bem. Adeus. São aqui pelos fundos da casa, para me não encontrar com elle. Tome para o rapé!

E fugiu, depois de atirar-lhe na mão uma moeda.

— Deus lhe pague, Sr. Doutor.

E accrescentou para o hortelão:

— Muito gosta este homem de dar dinheiro para rapé!...

— E' um medico exquisito, observou aquelle. Tem medo de encontrar-se com o seu doente!

— Bem, mestre Jeronymo, vou lá para dentro, cuidar da merenda do Sr. vigario.

— Eu tambem vou-me chegando, tia Salomé. Boa noite.

— Deus lhe dê as mesmas!

E Salomé afastou-se para recolher-se á casa.

Angelo, n'esse instante, acabava de sahir da capella e atravessava o Jardim.

Entrou na sala de jantar, como um somnambulo, sem olhar para os lados, e foi assentar-se no banco ao lado da mesa, fitando inalteravelmente o tecto.

Estava muito mais pallido e mais abatido que na vespera.

A criada approximou-se para lhe dar boa noite. Elle não respondeu, nem fez com a cabeça o menor gesto.

Ella sahiu da sala, demorou-se um pouco lá dentro, e voltou com o candieiro acceso.

Angelo durante esse tempo conservou-se na mesma immobildade.

— O senhor vigario quer tomar já a sua sôpa?... perguntou a boa velha.

E, como não recebesse resposta, chegou-se mais para elle, segurou-lhe o braço com brandura e repetiu a pergunta.

Angelo tomou-lhe as mãos e fixou-a.

— Diga-me uma cousa, minha boa amiga... pediu elle. Que horas eram, quando hontem á noite vieram chamar-me aqui?..

— Aqui?... repetiu Salomé, desviando a vista.

E accrescentou de si para si : — Agora é que são ellas ! . ,

— Sim, insistiu o parochó, refiro-me áquelles dois homens que vieram buscar-me á noite . . .

— Que homens ? . .

— Oh ! Aquelles com quem eu sahi a cavallo . . .

Salomé engoliu em secco, estalou varias vezes a lingua contra o céu da bôca, e declarou afinal, tomando uma resolução :

— Vossa reverendissima hontem á noite não sahi de casa !

— Não sahi ? ! . . .

E Angelo ergueu-se, abrindo muito os olhos. Como, não sahi ? ! . .

— Não sahi, não senhor. Vossa reverendissima recolheu-se hontem ao seu quarto e só appareceu hoje á tarde para rezar as Trindades . . .

O parochó tornou a segurar-lhe as mãos, e perguntou-lhe, devéras abysmado :

— Pois eu não sahi hontem com duas pessoas que vieram chamar-me ? . . Pois não foi a senhora, tia Salomé, quem me acordou ? . . . Não me disse até que era uma temeridade sahir com o tempo que fazia ? . . .

— Eu ? ! Eu, não senhor ! . . .

Angelo levou as mãos á cabeça e exclamou :

— O' meu Deus! eu estarei louco?...

Salomé abaixou os olhos, dizendo consigo mesma:

— Quanto mais se eu confessasse a verdade!...

O padre poz-se a scismar, passeando ao longo da sala.

— Seria um sonho?... perguntou elle. Ella em verdade não teria morrido?... Estará viva?...

— Posso trazer a merenda, Sr. vigario?... perguntou a criada.

E accrescentou para si, vendo que elle não dava resposta: — Coitado! se eu pudesse dizia-lhe tudo!...

E sahiu.

— Foi um sonho!.. não ha duvida.. Logo eu, de facto, não pequei!..

E respirou alliviado, encaminhando-se para a mesa.

— Mas, é estranho!... continuou elle a pensar, nunca sonhei assim!... Seria capaz de jurar que não sonhei — que vivi... Verdade é que nem tudo apparece claro e lucido no meu espirito... (E procurou recordar-se). Não consigo lembrar-me do que eu fazia hontem á noite antes de adormecer... Recordo-me que pensava muito em Alzira, tanto que me puz a

rezar defronte da Virgem, mas.. a Virgem transformou-se em Alzira... Estaria já sonhando, ou tudo isto já seriam allucinações do meu delirio?... Depois, era Alzira que tomava as feições da Virgem... Sim ! lembro-me perfeitamente ! Depois, sonhei que bateram lá fóra e sonhei que Salomé me acordára... Surgem-me dous homens vestidos de negro e pedem-me para ir dar a extrema unção a um moribundo.. Vou... A noite era tenébrica e só os relampagos nos illuminavam a estrada ! Galopámos não sei por quanto tempo...afinal parámos defronte de um velho castello ; subo... Receberam-me tres cavalheiros... Approximei-me de um cadaver... reconheci Alzira... Apertei-a nos meus braços... Ella voltou á vida... pediu-me um beijo e... morreu ! Depois... (E procurava recordar-se) Depois... nada mais me lembro, senão que acordei já tarde, n'aquelle quarto, sobre a minha cama... Foi tudo um sonho ; não ha duvida !...

— E, no emtanto... accrescentou elle, apalpando a fronte e as mãos ; no emtanto, dir-se-ia que ainda conservo o frio que me communicou o cadaver !.. E' singular ! muito singular !...

Despertou d'este devaneio com a voz de Robino, que acabava de apparecer á janel-

la, mettendo a cabeça para dentro da sala.

— O senhor vigario deixa-me entrar por aqui? .. exclamou elle.

— Quem é?

— Sou eu, senhor vigario. A tia Salomé, de má, fechou-me a porta! O senhor vigario consente que eu entre?..

— Sim.

Robino saltou a janella e foi ter com o padre, que continuava entregue á sua profunda meditação.

— Boa noite, senhor vigario, disse elle. A tia Salomé não tinha razão para me fechar hoje a porta!... Eu não estive na taverna do Bruxo!.. Eu fui ver o enterro da tal moça de Pariz que estava na avenida de Blancs-Manteaux...

— Hein?! Que dizes-tu, exclamou o parochó, voltando-se para elle, com subito interesse.

— E' verdade, senhor vigario, que lindo enterro! Parecia uma procissão!...

— De quem era o enterro?...

— Da tal moça que veiu doente para o castello de Aurbiny... Ia na frente um carro com o caixão, todo enfeitado de plumas pretas e amarellas; depois...

Angelo interrompeu-o:

— Estás dizendo a verdade?...

— Pois se venho agora mesmo de lá, a correr, para não encontrar a porta fechada!... A tia Salomé disse-me que não me deixaria entrar, se eu viesse depois das Trindades!...

— Como se chamava a morta?...

Robino fez um esforço para lembrar-se.

— Chamava-se... Ora! estou com o nome debaixo da lingua!.. Chamava-se... Ah! condessa Alzira!

— Não era um simples sonho!... murmurou Angelo, deixando-se cahir na cadeira, a sacudir tristemente a cabeça. Não era um simples sonho!..

Salomé, que entrava trazendo na mão a bandeja com a merenda, estacou, ao dar com Rubino.

— Por onde entrou este mariola?..

— Pela janella, disse o rapaz.

— Pela janella?!

— Foi o Sr. vigario que me deu licença.. accrescentou Robino, coçando a nuca e passeiando o olhar entre a criada e o padre.

— Pois o Sr. vigario fez muito mal!.. declarou a mulher, depondo a bandeja sobre a mesa. Fez muito mal em deixar este tratante saltar a janella! Assim elle nunca tomará caminho! Não sei o que quer dizer um biltre, que...

Angelo cortou-lhe a phrase, segurando-lhe uma das mãos com ambas as suas.

— Minha boa Salomé, interrogou vivamente interessado, diga-me com toda a franqueza uma couza: está bem certa de que eu hontem á noite não sabi de casa?... Vamos! responda-me lealmente!

— Peior vai o negocio!... pensou a criada, e accrescentou em voz alta: — Como quer que lhe diga que não, Sr. vigario?...

Angelo voltou-se para o pequeno:

— E tu, perguntou-lhe, estás bem certo de que viste o enterro da...

— Da condessa Alzira...? acabou Robino. Ora se estou! Pois se de lá venho!

— Eu cada vez entendo menos... resmungou Salomé.

Angelo voltou-se de novo para ella:

— Afiança-me, tia Salomé, que eu hontem não sahi?...

— Afianço, sim senhor... sustentou a pobre mulher, hesitando.

E disse de si para si: — Muito custa a mentir, mesmo por conta alheia!..

Depois, continuou em voz alta, fallando ao cura, que parecia muito preocupado: — O verdadeiro, Sr. vigario, é tomar a sua merenda, que está esfriando, e deixar-se de querer saber

de cousas que se não explicam!... Boa noite! Vou accender o altar da Virgem... Agora, veja se se deixa ficar ahi, a scismar, em vez de comer a ceia...

E, dando uma palmada na cabeça de Robino: — Anda tu tambem d'ahi, ó cousa ruim!...

— Boa noite, senhor vigario!

Angelo, ao ficar só, cruzou as mãos sobre o ventre e fechou as sobranceiras fixamente, no mais intenso ar de interrogação e de pasmo.

— Com que... pensou elle, sonhei que a vi morta, e ella com effeito morria, justamente n'essa occasião... Logo, Deus não me abandonou de todo, e, ao contrario, protege-me, envolvendo-se n'este meu amor peccador e profano!... Ah! sim, recordo-me agora que, no estranho sonho d'essa noite, a própria Alzira dizia-me convictamente que o Creador é o grande e nutriente manancial de ternura que, noite e dia, se derrama sobre o mundo, para o fecundar, como o sol fecunda a terra!... Sim! sim! agora tudo comprehendo! E' Deus que vem em meu soccorro! E' Deus que me acode e me apparece em sonhos, como fazia antigamente com os eleitos de seu amor!... Sim! E' que o pai misericordioso, reconhecendo a minha innocencia e a pureza do meu desespero,

enviou-me por um dos seus anjos o beijo de paz!...

E, abrindo ambas as mãos sobre o peito, respirou desabafadamente, e, cousa que havia muito não fazia, sorriu.

— Ah! suspirou; que doce tranquillidade sinto agora invadir-me a alma!... Obrigado, meu bom pai! meu bom senhor! meu bom amigo!

E deixou-se cahir de joelhos no chão, com os braços abertos e os olhos erguidos para o céu, na favorita postura dos seus extasis.

— Meu protector e meu abrigo, disse constrictamente, ás vossas sacrosantas mãos me entrego todo, para que me protejaes contra as cousas vis e torpes d'este lameiro de lagrimas!... Minha alma já não sente o frio que a torturava; sente-se morna e agasalhada na calentura do vosso peito de amor e perdão; sente-se aquecida na fé e na confiança da vossa infinita bondade! Meu coração, pai dos desamparados, já me não quer saltar escandecido de dentro do peito em braza: e meu sangue já me não ameaça suffocar o cerebro com uma terrivel e infernal onda de fogo!... Obrigado, meu Deus! Obrigado, meu pai!

E depois de respirar de novo, sorrindo para o espaço:

— A luz da vossa divina graça principia a illuminar-me, como nos primeiros tempos da minha virginal pureza d'alma. Vou adormecer como d'antes, como um justo, como um dos vossos servos bemaventurados... Amanhã poderei emfim celebrar o sacrificio da missa, sem o menor escrupulo de consciencia... Já não receiarei que meus labios queimem a hostia consagrada com o fogo que os abrasava... Obrigado, meu Deus!

E fez o signal da cruz, ergueu-se, e recolheu-se á cama.

D'ahi a pouco dormio tranquillamente, sorrindo como uma criança.

A casa adormeceu tambem. Só se ouvia o vento da noite sussurrar nas folhas dos castanheiros lá fóra na estrada.

Angelo principiou o sonhar.

Um côro ethereo descia dos céos e vinha cantar-lhe ao ouvido o epithalamio dos anjos. O nicho da Virgem illuminava-se de fogos cambiantes, derramando no aposento uma doce claridade de luar multicolor; e a santa sorria para elle, banhada de ternura, toda de branco e coroadada de flores delarangeira, como uma noiva.

Angelo volta-se todo para ella e sonha que lhe estende os braços, pedindo-lhe que desça do seu altar e venha collocar-se ao lado d'elle.

Mas a Virgem começa a tomar as feições de Alzira. A sua branca roupa de noiva transforma-se em longa túnica mortuaria; os seus cabellos desprendem-se e cahem-lhe pelas espaldas, como os da morta do castello de Aurbiny. Os olhos tingem-se-lhe de uma sinistra sombra cadaverica e os labios se lhe fazem roxos e tiritantes de frio.

Angelo tem medo e volta-se todo contra a parede, cosendo-se aos travesseiros e tremendo afflicto.

Mas o espectro de Alzira desce do ninho e dirige-se para a cama d'elle.

Angelo, frio de terror, sente-lhe os passos no chão e ouve o estranho pisar d'aquelles pés duros e ossificados pela morte.

Retrahe-se, encolhe-se, e arqueja com o rosto escondido no peito.

Mas o espectro de Alzira vai até á cama, verga-se sobre elle e toca-lhe no hombro com a mão gelada.

O misero quer gritar e não pode.

Ella senta-se ao lado d'elle e beija-lhe os cabellos.

Angelo estremece. Um voluptuoso fluido percorre-lhe o corpo inteiro. Acorda-lhe o coração do sobresalto em que estava, e o medo vai a pouco e pouco desaparecendo.

— Angelo !... disse-lhe ao ouvido o espectro, com a voz mais doce e amorosa que um suspiro de saudade, Angelo, amado de minha alma !... Ouve !... Volta-te para a tua Alzira !... Escuta-me !...

— Alzira ?... exclamou elle, voltando-se.

— Sim, meu amado, sou eu...

— Que desejas de mim ?... De onde vens ?...

— Venho de muito longe ! Venho da outra margem da vida, que tu ainda não conheces !... Venho do mundo dos mortos, mundo de sombras e de sonhos !... Venho, de onde nada se conserva d'esta vida senão a memoria do ser que aqui amámos !...

— E que desejas de mim ?...

— A tua companhia. Venho buscar-te.

— Buscar-me ?...

— Sim. Com a força do meu amor consegui vencer o abysmo que nos separava e chegar até aqui. Minha alma foi arrojarse aos pés de Deus e pedir-lhe, pelo muito que soffri em vida por amar-te em segredo, que lhe concedesse a graça de apparecer-te todas as noites durante o sonho. Deus, apiedado, porque eu te não possui na vida dos sentidos, consentiu que me pertencesse n'esta existencia espiritual, melhor que a outra. Aqui me tens, e todas as noites, mal adormeças, eu virei buscarte...

Angelo escutava-a attentamente.

— E para onde tencionas levar-me?... perguntou depois do primeiro abalo.

— Para toda a parte, respondeu Alzira, onde possamos esquecer as dôres que já soffrêmos, e fruir as delicias que ainda não gosámos! Para toda a parte, onde cada lagrima derramada pelos nossos olhos seja pagá por um beijo de nossos labios.

E dêu-lhe um beijo na frente.

Angelo soltou um gemido e retrahiu-se.

— Que tens?... indagou ella.

— E' que teus beijos são frios como as gotas da noite!... Parecem beijos de uma estatua gelada!...

— Sim. Enregelei na viagem... Ah! São tão frias as paragens que percorri!... Mas tu me aquecerás com os teus ardentes labios de moço! Tu me darás um pouco do calor do teu sangue!

Angelo retrahiu-se ainda.

— Não tenhas medo, proseguiu ella; este frio é todo exterior; meu coração arde-me dentro do peito, como um volcão sob a neve! Não fujas de mim! Vamos! Ergue-te! Principiemos á nossa existencia feliz! Vem, que só poderemos estar juntos até ao raiar do dia! Não ha tempo a perder!

E a sua tunica mortuaria transformou-se por encanto n'um rico vestido de castellã da época, e o seu porte readquiriu a primitiva graça fascinadora.

Angelo ergueu-se deslumbrado, e viu com surpresa que a sua pobre batina tambem se transformava nas bellas roupas de um cavalleiro nobre, e que seu corpo readquiria destreza e força.

— Que é isto ? exclamou elle.

— E' uma das vantagens da nova existencia que te offereço ! Agora já não és um miseravel cura de aldeia ; és um homem ; és livre ; és senhor do teu corpo e de tua alma ! Correrás commigo o mundo inteiro ! Ao meu lado conhecerás todos os gôsos, todas as paixões ; tudo enfim que na outra vida representa os prazeres que te são vedados !

Angelo passou-lhe o braço na cintura.

— Sim ! sim ! disse. Eu irei contigo ! Quero gosar ! Quero viver !

E uma larga estrada maravilhosa abriu-se defronte d'elles, onde dous negros cavallos, esplendidamente ajaezados, impacientes os esperavam relinchando.

— Vamos ! Vamos !

Angelo e Alzira montáram e partiram a galope.





## XXI

### O MUNDO DOS MORTOS



sonho continuou.

Angelo, ao lado de sua fantastica companheira, deixou-se arrebatado na vertigem de um galope tão lesto, que lhe fazia experimentar a sensação que deve ter um passaro cortando o espaço na velocidade de um só vôo continuo e rapido.

A floresta fugia em torno d'elles como duas fachas de treva compacta, que se rasgavam de vez em quando ao subito bruxolear de um relampago.

Depois sentiram-se dentro de uma estreita e profunda galeria toda de pedra, onde o tropel das patas dos cavallos resoava como um frenetico martellar de ferreiros infernaes. E afinal acharam-se defronte de um estranho palacio erguido em abobada, cujo atrio solememente

se abria em arcadas, illuminado por um sinistro luar phosphorescente.

Os animaes estacaram desalentados, soprando forte pela bôca e pelas ventas.

— Apeemo-nos, disse Alzira, dando um salto em terra.

Angelo imitou-a.

— Onde estamos?... quiz elle saber.

— Verás. Caminha commigo.

E penetraram n'uma extensa galeria toda formada de ossos.

O parochio olhava para os lados, considerando aquellas longas columnas feitas de caveiras e de tibias, por entre as quaes perpassavam fugitivas sombras silenciosas, que o perturbavam.

A's vezes queria parar para ver melhor, mas Alzira arrastava-o pela cintura, segredando-lhe que se não detivesse alli um só instante.

— Vamos! Vamos! dizia ella, impaciente.

E só deteve o passo ao chegar a um enorme salão, caprichosamente ornado de estatuas em esqueleto e fantasticamente illuminado por milhares de piras de mil côres. Uma vasta galeria perdia-se ao fundo, multiplicando as columnas a perder de vista.

Ao centro um grande orgão, em que um esqueleto, todo vergado sobre o teclado tocava,

com os seus movimentos demoradissimos, uma estranha harmonia funeraria.

Ao lado do orgão outros esqueletos dansavam tristemente, requebrando-se por entre sombras e fantasmas vaporosos.

Sobre cochins de velludo negro, enfeitados de lagrimas de prata, damas e cavalheiros, que pareciam ter sahido n'aquelle instante das sepulturas, bebiam e conversavam meio abraçados, trocando sorrisos e beijos.

Por toda a parte viam-se, passeando aos pares, espectros de homens e de mulheres; uns com os ossos á mostra; outros envolvidos em longas tunicas sombrias. Aqui declamam versos de amor allí choram fundas saudades eternas; e todos surdamente e lentamente se agitam, se confundem e se baralham.

— Companheiros! disse um espectro no meio de um grande grupo, empunhando a sua taça, de onde sahia uma chamma azulada, igual ao fogo fatuo. E' preciso aproveitarmos bem as horas de que dispomos! A noite vai adiantada!... A aurora não tarda ahi!... Bebamos e folguemos!

— Bebamos e folguemos! responderam os outros, erguendo cada um a sua taça luminosa.

E ouviu-se um côro singular que amortecidamente entoava uma canção de prazer.

Alzira approximou-se do grupo, acompanhada por Angelo.

— Oh! exclamaram com surpresa, ao vel-a chegar. Sé tu bem vinda!

— Eis Alzira que volta! Vivá a formosa Alzira!

— Sim, respondeu ella; eis-me de novo com-vosco, meus queridos e eternos companheiros! venho de novo reclamar o meu logar e a minha taça nos vossos bellos e mysteriosos festins!

— Suppúnhamos que não voltasses, observou um esqueleto.

— Mal havias chegado, fugiste logo... accrescentou outro.

— Ausentaste-te de nós tão chorosa e tão triste!... interveiu um terceiro.

— Mas volto alegre como vêm!... declarou ella.

— De onde vens?

— Do mundo.

— Do mundo?!... repetiram todos.

E' verdade, amigos, venho do mundo...

— E que foste lá fazer?...

— Buscar o meu amante. Cada um de vós tem junto de si a pessoa amada; eu precisava tambem ir buscar aquelle por quem minha alma se apaixonou. Eil-o!

E tomando Angelo pela mão, apresentou-o á roda.

Angelo saudou-os com um amavel movimento de cabeça. Mas os espectros mediram-no com um reverso olhar de desconfiança.

— Parece um vivo!... exclamou um d'elles, considerando-o da cabeça aos pés,

— E' ! infelizmente é um vivo!... confirmou Alzira com ar de tristeza. E por isso mesmo mais me custou a trazê-o commigo...

— E como o conseguiste?...

— Indo supplicar a Deus que m'o confiasse durante as horas consagradas ao somno.

— E o Creador cedeu ao teu pedido?...

— Não! Cedeu ás minhas lagrimas; cedeu á sinceridade do meu desespero; cedeu á eloquencia da minha dôr! Quando minha alma, ressendendo o aroma do primeiro beijo que recebi de Angelo, penetrou nos céos e foi arrojarse aos pés de Deus, todos os seus anjos choraram com a minha magoa de amor e uniram as suas vozes celestiaes á minha supplica terrestre.

E, recuperando o ar de satisfação com que entrára: — Ah! mas agora estou resplandecente de alegria!

E passou os braços em volta do pescoço do parcho e perguntou-lhe com a bôca junto aos lábios d'elle: — Não é verdade, meu An-

gelo, que todas as noites, mal o sol se esconda, serás meu, só meu, para sempre, como aquelles dous velhos amantes de tres mil annos que alli vão abraçados ?...

— Quem são elles ?... perguntou Angelo observando as duas sombras que ella indicava.

— Esopo e Rhodope. Mas, responde, amado da minha alma ; não é verdade que durante as doze horas do dia pertencerás á outra vida, mas durante a noite serás todo d'esta, onde estaremos juntos ?... Falla !

E, como percebesse que Angelo se intimidava com a presença dos espectros : — Confundem-te os nossos companheiros ?... criança que és tu ! pensas que ainda estás na outra vida ! Aqui o amor não é um mysterio ou um peccado... ninguem aqui dissimula o que sente, porque ninguem sabe fingir !... Olha ! Não vês além, junto d'aquellas columnas, como aquelles dois se beijam ?... Anda ! Beija-me tu tambem !

— Sim, Alzira ! respondeu Angelo com transporte. Eu te amo, e estou disposto a nunca mais me separar de ti,

— Bravo ! exclamou un espectro. Agora sim, Alzira, já não desconfiamos do teu amante. Elle póde ficar comnosco !

— Foi a tua ultima paixão ?..., perguntou á condessa uma dama sepulcral.

— Ultima não — unica! respondeu aquella. Só a este amei na outra vida! Este será o meu amor eterno! Desde á vez primeira em que o vi, minha alma voou logo para elle. Pertenço-lhe!

— Minha alma és tu! exclamou Angelo. Sou todo teu! Só a ti amarei sempre!

— Bravo! Bravo! gritaram os outros. Ao amor! Ao amor!

E as taças tocaram-se freneticamente.

— Ao amante de Alzira! brindou um. Ao primeiro vivo que se animou a penetrar em nosso mundo ideal! Ao temerario Angelo!

— A Angelo!

— A Angelo!

Agora, amigos, acrescentou o espectro, continuemos os nossos idyllios. Deixemos Alzira em liberdade com o seu formoso amante!

E o grupo dispersou-se, formando-se diversos pares, que se afastaram, segredando palavras de ternura.

Alzira passou o braço nas espadoas de Angelo, e os dous começaram a percorrer o estranho logar em que se achavam.

Penetraram na extensa galeria que se desdobrava ao fundo.

— Onde estamos nós agora, minha querida?... perguntou Angelo, penetrando na galeria de ossos e olhando em torno de si. Que

estranhas sombras são estas que se cruzam em volta dos nossos passos?... Quem são aquelles espectros que conversavam comnosco?...

Alzira chegou, a bôca ao ouvido d'elle, para dizer-lhe :

— São as minhas iguaes e os seus respectivos amantes...

— As tuas iguaes?... voltou o parcho.

— Sim, confirmou a condessa. São as cortezãs de todos os tempos e todos os logares da terra. N'esta, como na outra vida, cada uma de nós procura o logar que lhe compete. Achamo-nos agora em uma das secções da grande região das amorosas; esta é a secção das infelizes que, como eu, prostituíram o corpo na outra vida!... Todas ellas vêm ter aqui, após o seu passamento; e a cada uma só acompanha o homem que no mundo a amou devéras e foi por ella correspondido.

E, apontando para duas sombras que atravessavam n'esse momento por defronte dos seus olhos : — Olha! Vês esse par que ahi vai, conversando em segredo?... E' Cleopatra e Marco Antonio. Assim conversam ha vinte seculos!... A outra que os succede, enternecida e chorosa, é a imperatriz Theodora; a sombra que lhe beija os cabellos, é a sombra de Adriano. Amam-se ainda!...

— E aquella outra?... indagou Angelo, mostrando um bello espectro coroadado de rosas vermelhas.

— E' Valeria, explicou Alzira.

— Valeria?...

— Sim, a infame e formosa Messalina. Suppunhas talvez que a infeliz não tivesse ninguem para a acompanhar n'este mundo ideal do amor!... Enganas-te; aquelle que a segue, de olhos baixos, e cujo coração vês ainda palpitar sangrento através das brancas cavernas do peito, é o seu gentil escravo Ismael, a quem ella deu a virgindade do corpo, justamente na primeira noite do seu casamento com Claudio.

E voltando-se para outro lado accrescentou :  
— Olha lá Aspasia e Alcibiades; Dido e Enéas; Sapho e Phaon. Vê como cada qual deslisa esquecido no seu amor... Alli vem, proseguiu ella, a linda e desditosa Gabriella; anda á procura da sombra de Henrique IV! Aquella outra é Laïs; acompanha-a o esqueleto de Diogenes, trazendo ao pescoço a sua lanterna para sempre extincta!

N'esse instante desfilaram diante d'elles Marion de Lorme ao lado de Didier e a pállida Margarida de Valois de braço dado com o duque de Guise.

Alzira segredou o nome d'elles ao ouvido de Angelo.

— E aquelle par que se beija tão apaixonadamente?... perguntou-lhe este.

— Rizzio e Maria Stuart... A outra que diz agora um segredo ao seu cavalheiro, é Bianca Capello.

— E essa que ahi vem tão soberana?

— Imperia. Conheces aquelles dous?... Helena e Páris...

— E o outro par?

— Catharina da Russia. O soldado que a acompanha, ninguem sabe quem é...

— E esta, quem será? olha o seu porte carancudo e altivo!

— Lucrecia Borgia, segredou Alzira.

Mas uma geral agitação começava a apoderar-se de todos aquelles casaes de espectros. A musica do orgão, até ahi arrastada e lenta, principiou tambem a fazer-se nervosa e a accelerar o seu andamento, até transformar-se n'um infernal galope, que arrebatava o turbilhão das sombras n'uma vertigem doida.

E, freneticamente, puzeram-se todas a dançar, aos beijos e aos abraços, passando e perpassando no delirio de uma dança sensual.

— Que é isto agora?... perguntou Angelo prendendo o braço na cintura de Alzira.

Porque é que todos se agitam d'este modo?

— Ah! explicou ella com um espreguiçamento voluptuoso. E' um frenesi de amor...

E suspirou luxuriosamente.

— Não comprehendo... confessou o presbytero.

— E' que Deus, elucidou a cortezã, nos seus bons momentos de ternura afaga os mundos, e essa caricia lhes produz lascivos estremecimentos. N'esse instante um subito espasmo sensual percorre toda a natureza! Em cada corpo animado ha um sobresalto de amor! N'esse instante toda a criação predispõe-se a procrear; as feras e as borboletas, os homens e as boninas, acoitam-se e beijam-se, para garantia da interminavel cadeia da vida! Olha! Vê! Todos se afagam! Todos se abraçam!...

— Sim! sim! exclamou Angelo. Eu mesmo sinto percorrer-me o corpo um sobresalto estranho!

Alzira atirou-lhe os braços em volta do pescoço e arrastou-o para o turbilhão das sombras que giravam aos pares.

E ouviu-se um coro de vozes, entrecortado de suspiros, a cantar, dansando :

« Tenhamos amores!

O' feras!

O' flôres!

Condores!  
Pantheras!  
Amae-vos! Amae-vos!

E seguia-se um crepitante estribilho de beijos.

« Cruzae vossas graças,  
O' entes  
De raças  
Dif'rentes!  
O' gentes,  
Amae-vos! Amae-vos!

E novos beijos estalavam.

E o frenesi chegou ao auge do delirio, e as vozes e os suspiros perderam-se todos n'um só grito, prolongado e agudo, um ai supremo, que resumia todas as vozes da natureza.

Houve um instante de syncope, em que todos aquelles espectros fremiram convulsivamente, chocalhando os ossos uns com os outros. Depois a musica foi de novo enfraquecendo e os gemidos foram-se apagando como as derradeiras notas de uma ave que passou cantando pelo espaço.

E um desfallecimento geral empallideceu a trémula chamma das pyras, e os espectros começaram a dissolver-se á fulgurante luz da aurora que raiava lentamente, atravessando a immensa abobada fantastica.

E brancas figuras esbatiam-se, vaporosas

.....  
como as cambraias da manhã que o sol desfia e esgarça com a dourada ponta dos seus raios.

Angelo mal podia já distinguir a sua amada.

— Alzira? disse elle.

— Adeus... respondeu o echo fugitivo de uma voz de mulher. Ahi chega o dia!... separemos-nos!...

— Quando voltas?

— A' noite, sem falta! A's mesmas horas de hontem.

E o murmurio de um beijo esvoaçou-lhe nos labios.

— Adeus...

E Angelo abriu os olhos.

Acordára.

Ergueu-se com um salto. O dia entrava-lhe já pelas vidraças da janella, o sino da igreja repicava chamando para missa.







## XXII

ELLA ! SEMPRE ELLA !

**R**OBRE Angelo! Sua alma tinha remorso d'aquella noite passada ao lado de Alzira. Uma surda revolta nascia dentro d'elle, e logo se enfolhava e refloria, encrespando contra a mysteriosa força arbitraria, que o arrancava á doce e honesta tranquillidade do leito, para leval-o de rastos, como um bohemio bebedo, pelos barrancos da fantasia, percorrendo antros de sensuaes espectros, ao lado do fantasma de uma cortezá, que o ameaçava de voltar todas as noites.

— Maldita sejas tu, immunda fantasia! pensava elle. Maldita sejas tu, damnosa imaginação! Ah! Se pudesse eu fechar-vos entre os dedos e reduzir-vos a pó!... A pó?... Alzira tambem agora é pó e é lama, e, no emtanto, governa os meus sentidos e peturba a minha

consciencia como d'antes!... O pó e a lama dos sepulcros são ainda mais poderosos do que a carne, quando os reanimam a nossa saudade e o nosso amor!... Não ha mulher que desapareça da terra, quando nós a amamos devéras!... Fogem-nos dos olhos, talvez; fogem-nos dos braços, fogem-nos dos labios; mas da alma, ah! da alma, nunca mais, nunca mais desaparecerão!...

E Angelo voltou os olhos para o céo, interrogando-o.

E exclamou :

— Meu Deus, teria eu peccado com o sonho d'esta noite?... O sonho, bem sei, é producto do pensamento, e por pensamento se pecca tanto como por palavras e por acções; mas o sonho não obedece á vontade, porque, se obedecesse, eu só construiria meus delirios com as cousas santas e virtuosas!... Deveis saber que sou bem intencionado e que sou sincero!... Ah! Maldita sejas tu, minha louca e desvairada fantasía, que me fazes revoltar contra mim mesmo!...

Se o velho Ozeas estivesse alli, ao lado d'elle, Angelo teria ao menos a quem consultar o que devia fazer contra aquelle inimigo terrivel e traiçoeiro.

Mas só, como se achava, o misero vacillava

perplexo. Devia penitenciar-se pelos desvarios da sua imaginação, ou devia deixar que o sonho continuasse a correr á vontade, commettendo todos os desatinos que lhe aprouvesse ?

Entretanto, o sino lá fóra o chamava para junto do altar. O sino o chamava para erguer a hostia consagrada acima da sua atordoada cabeça e offerecel-a a Deus em sacrificio !

Devia ir ?...

Sua alma estaria em sufficiente estado de pureza para arrastar-se até ao supremo throno do creador, ou deveria arrojarse por terra, envergonhada e corida, á espera que as aguas do tempo lhe corressem por cima e a enxugassem a ponto de a pôrem limpa de todo ?...

Mas se elle em tudo aquillo não tinha a menor culpa ?... Mas se o seu coração era puro, e só em consciencia se preocupava com as cousas divinas ?...

Que devia, pois fazer ?...

E o sino tocava, tocava, chamando-o com insistencia.

Angelo preparou-se, sahiu do quarto e dirigiu-se para a capella, em silencio e aligeirando o passo.

— Sim sim ! pensava elle pelo curto caminho. O meu logar é lá, junto do altar !... O meu logar é aos pés da divindade !... Que im-

porta que as bruxas do sonho machinem e conpirem durante a noite, furtando-me a alma a Deus?... Eu sou da igreja, só à igreja pertença: e é lá que devo estar como um marinheiro a bordo do seu navio, mesmo em dias de tempestade!

E entrou na capella.

Os aldeões o esperavam ajoelhados na nave, constrictamente. Alguns tinham ao lado as ferramentas que deviam servir ao seu trabalho d'esse dia. Mulheres amamentavam os filhos, com os olhos fitos nas imagens dos santos. Velhos, tremulos como esqueletos de arvores resequidas pelo inverno, vergavam a cabeça sobre as mãos cruzadas sob o queixo e apoiadas sobre o bastão.

Os pardaes e os melros chilreavam por entre as frestas das altas paredes da capella, caídas de cima a baixo.

As velas do altar derretiam-se tristemente, consumidas pela surda chamma que a sanguinea luz da manhã tornava desluzida e livida.

Angelo atravessou a igreja, de olhos baixos, e fôï collocar-se de joelhos nos degrãos do altar.

A sua oração preparatoria n'esse dia durou mais tempo que nos outros. Notaram que as lagrimas lhe corriam pelas faces, quando elle se ergueu para celebrar o sacrificio.

E seus labios tremeram na occasião de receber a hostia consagrada. N'aquella alma, immaculada e sincera, um doloroso escrupulo tolhia a confiança na sua propria pureza.

Mas celebrou.

E depois voltou-se, de braços abertos para os crentes, abençoando-os em nome do pai de todos os homens.

Os sinos repicaram de novo.

Angelo, mais succumbido ainda que antes do sacrificio, retirou-se da igreja cabisbaixo e concentrado.

A' sahida, um cavalheiro sahiu-lhe ao encontro e tirando o chapéo, disse-lhe cortezmente :

— Perdão, Sr. vigario, tenho que desempenhar uma sagrada missão ao lado de vossa reverendissima... Sagrada, porque é voto de uma pobre creatura que já não existe...

Esse cavalheiro era o conde de Saint-Malô.

Angelo convidou-o a entrar em casa.

— Tenho um companheiro commigo... observou o conde, chamando com um gesto Arthur Bouvier, que o esperava a certa distancia.

Depois de trocados os cumprimentos, entraram os tres na modesta sala de jantar do parochio. Bouvier não se fartava de olbar para este, como se observasse um phenomeno precioso pela raridade.

N'aquella pobre casa desfavorecida do menor conforto, a elegante roupa de seda bordada a ouro dos dous moços destacava-se escandalosamente. Angelo, de frente d'elles, pallido e mal vestido, parecia um esfarrapado cadaver sahido n'aquelle instante da valla commum dos miseraveis.

Uma idéa o preocupava todavia, desde o momento em que os considerou de perto. E' que, ao vê-los assim, cheios de saude, gentilmente vestidos e empoados, levantando entre as abas da casaca a petulente ponta do florete, lembrava-se da sua propria figura essa noite ao lado de Alzira; e seria capaz de jurar que já em sua vida tinha posto sobre o corpo trages iguaes áquelles.

Salomé trouxe-lhes pão fresco e leite fervido.

O parocho deu ás visitas os melhores bancos que havia na casa, e offereceu-lhes do seu almoço.

Emquanto comiam, o conde expoz o motivo da sua viagem a Monteli.

— Venho, senhor cura, disse elle, entregar-lhe um cofre e uma carta, que encontrámos no espolio da fallecida condessa Alzira... Aqui estão. Trazem o seu nome.

— O meu nome?... balbuciou Angelo, a tremer, visivelmente perturbado; mas...

— Testamenteiros d'ella, como somos, accrescentou o conde indicando ao mesmo tempo Bouvier, cumpre-nos fazer entrega d'esses objectos. Eil-os.

E apresentou-lhe um pequeno pacote, cuidadosamente embrulhado e lacrado. Tenha a bondade de recebê-los.

Angelo, summamente pallido, estendeu a mão hesitante.

E tal era o seu tremor, que o conde teve de ajudal-o a quebrar o sello do pacote e tirar de dentro a carta, que lhe passou incontinentemente.

— Leia ! disse. Creio que esse papel explica a razão de ser do cofre...

Angelo abriu a carta e leu o seguinte :

« Respeitavel cura de Monteli. — Desejo e peço a vossa reverendissima que se encarregue de distribuir pelos infelizes da sua pobre parochia, ultimamente tão victimada pela peste, a quantia que acompanha esta carta e que se acha dentro de um cofre, por minha mão fechada e subscriptado a vossa reverendissima. Outro sim peço que nas suas orações de santo interceda algumas vezes a Deus por minha triste alma de peccadora arrependida e contricta. »

Assignava *Alzira*.

Com a leitura d'aquellas palavras, que pare-

ciam vir de um outro mundo, que pareciam vir do fundo nebuloso de seus sonhos, Angelo estremeceu todo e fez-se mais livido que a propria Alzira no momento em que pela primeira vez lhe surgiu da sepultura. Aquella carta, que um frio sopro do morte lhe arrojava ás mãos, vinha obrigar-o a pensar n'essa mulher já extincta que tanto o preocupava ainda.

O insecto passára e perdêra-se no espaço, mas o crystal da sua alma de asceta gemia, ainda ás vibrações produzidas pelo roçar da fugitiva aza dourada...

Oh! Aceitando aquella missão teria que pensar eternamente n'ella!... Teria que envolver o seu nome impuro nos sagrados dizeres das suas fervorosas orações!... Teria de fallar a Deus a respeito d'essa mulher, de quem elle se não queria relembrar nunca, e teria de a fazer conhecida e abençoada por todos os pobres da aldeia, enquanto durasse aquelle dinheiro, fructo da prostituição.

E repelliu o cofre, disposto a não aceitar o encargo.

Mas, pensou, antes de proferir a recusa: teria elle por ventura o direito de assim proceder?... Teria elle o direito de privar os necessitados d'aquelle utilissimo soccorro, que uma alma

sedenta de perdão, lhes enviava do seu leito de morte ?...

E não seria fraqueza de sua parte, temer tanto um banal e traiçoeiro inimigo que o vinha surprender á noite durante o somno, quando a sua consciencia não era responsavel pelos seus pensamentos !... Pois então a sua fé e a sua confiança em si proprio eram tão frageis e tão passivas, que assim covardemente fugiam da luta, antes mesmo de começar o combate ?...

— Não ! pensou elle, resolutu, pondo-se de pé e estendendo a mão sobre o cofre. O meu dever será cumprido ! Se mais soffrimentos me estão reservados por isso, tanto melhor ! tanto melhor, porque mais completa será a minha provação ! Maria soffreu muito mais, quando lhe arrancaram o filho dos seus amórosos braços de mãe, para atiral-o aos cruentos braços de uma cruz !

E, voltando-se tranquillamente para os outros dous, disse-lhes sem hesitar :

A vossa commissão, cavalheiros, está terminada. Este dinheiro será discretamente distribuido pelos necessitados, e eu pedirei a Deus pela alma de quem lhes envia a esmola.

O conde e Arthur Bouvier fizeram as suas despedidas. Angelo foi acompanhal-os até á porta, e depois recolheu-se ao quarto, collocando o cofre sobre a mesa.

Déspejou-o. O conteúdo elevava-se á quantia de quinhentos mil francos em varias especies de moeda. O parochó separou logo algumas placas de ouro e prata para nesse mesmo dia principiar a distribuição de soccorros.

Oh! Elle sabia melhor que ninguem onde aquelle dinheiro devia ter o seu destino!... Quantas vezes, pensando em certas desgraçadas familias de jornaleiros, reduzidas á fome pela peste, não chorou amargamente por nada mais de seu ter para lhes dar?... Quantas vezes não se privou do mais que restrictamente necessario, para que não faltasse o leite a um desgraçadinho a quem já faltava a mãe?... Quantas vezes não levou a sua esfarrapada batina á casa dos ricos do logar, e não lhes estendeu a mão, esmolando para os que choravam de penuria e de frio?... Quantas vezes não se privou dos lençóes da cama, para cobrir com elles o corpo dos que gemiam na enxerga núa?

Sim! Aquelle dinheiro ía ser um manancial de consolações!... Alzira, se durante a vida commettera muitos crimes, praticára na sua ultima hora uma acção boa, lembrando-se dos desamparados da fortuna.

Mas, Angelo, ao repôr as cedulas no fundo do cofre, notou que um longo fio de cabello louro envolvia-se nos seus dedos.

Tomou-o pelas extremidades e ergueu-o até á altura dos olhos.

Era sem duvida um cabello de Alzira!... considerou elle, perturbando-se. Era um triste e perdido raio de um sol que para sempre se apagára!...

E ficou a fitar-o, embevecido de saudade.

Oh! porque Deus fizera assim longos os cabellos da mulher?... Por que lh'os dera tão grandes e tão bonitos, se ella já não precisava d'elles, como d'antes a Eva do paraizo, para esconder a nudez do seu pudor?...

E continuava a fitar o tenue fio louro, perdido n'um dedalo de cogitações, que o arrebatavam para o mundo ideal das suas fantasias; mas um sopro de brisa entrou pela janella do jardim e arrebatou-o dos dedos.

Angelo acompanhou-o com a vista. O dourado fio de cabello ondeou no ar, espreguiçando-se; e subiu, subiu ainda, para depois voltar de novo lentamente, até ir cahir afinal sobre os brancos pés da imagem de Maria.

O parochó não se animou a rehavel-o, nem enxotal-o d'aquelle sagrado asylo.

Quem saberia, pensou elle, se Alzira, que já não tinha labios, nem olhos, para supplicar, não houvêra, do fundo do seu eterno desterro mandado um fio dos seus cabellos trans-

mittir á Virgem o voto do seu arrependimento?

E voltou á mesa; assentou-se, e, tomando o cofre entre as mãos, começou a considerá-lo attentamente.

Era um lindo objecto de luxo, uma boceta de marfim, engastada de ouro e guarnecida de artisticas miniaturas que representavam assumptos mythologicos.

Em cima, na tampa, havia o nome da cortezã em letras de pedras finas, cercado de flores e borboletas.

Angelo continuou a admirar o bonito cofre, virando-o de todos os lados entre os dedos, abrindo-o e fechando-o repetidas vezes.

Mas de repente, estremeceu, e repelliu-o, voltando o rosto para não vê-lo.

Tinha descoberto entre um grupo de anjinhos e cupidos côr de rosa, um pequeno oval de meia pollegada com um delicadissimo retrato de Alzira, admiravelmente trabalhado, e de uma semelhança inexcedivel.

Não quiz vê-lo; voltou as costas ao cofre; mas seus olhos instinctivamente procuravam a formosa miniatura.

E o misero comprehendeu e presentiu que aquelle retrato era mais um inimigo da sua tranquillidade que lhe entrava em casa.

E não se enganava.



## XXIII.

### MISERIAS DO CORAÇÃO

**Q**resto d'esse dia passou-o Angelo em piedosas visitas aos pobres de Monteli. Só horas tornou á casa, prostrado de fadiga e torturado pelas suas favoritas agonias.

Salomé trouxe-lhe o jantar, em que elle, como de costume, mal tocou, para recolher-se logo ás suas orações defronte do altar da Virgem.

As sete horas deitou-se cansado e adormeceu logo, precipitando-se no sonho, como se acordasse da vida.

Alzira esperava já por elle.

— Ah, enfim! exclamou abrindou-lhe os braços e apresentando-lhe os lábios. Tremia com a idéa de que te demorasses!... Não imaginas como estava impaciente por tornar a a vêr-te!.. A immobildade a que me vejo condemnada durante as horas do dia, é-me de

todo insupportavel!... Maldito seja o sepulcro!..

— Mas eu me não demorei. ., observou o parochó. Adormeci pouco depois do anoute-cer... Não seriam mais de sete horas quando...

— Tens razão. Não percamos tempo! Partamos. Os cavallos chamam-nos á montaria, escarvando a terra!

— Aonde vamos nós?..

— A um lugar esplendido. Sigamos!

Montaram e partiram desenfreadamente como na vespera, varando a alma trevosa da noite.

Galoparam! galoparam!

No fim de algum tempo, Alzira chamou a si as redeas do seu cavallo.

— E' aqui, disse. Chegámos afinal!

Os dous apearam-se.

Achavam-se na estreita garganta de uma sombria serra, onde nenhum rumor de folhas se escutava.

— Andemos! disse ella..

Angelo obedeceu.

E seguiram caminho ávante, por entre uma accumulção de serros e penhascos silenciosos, que se perdiam no céu, escondendo-lhes as estrellas.

O caminho fazia-se cada vez mais escuro, mais ingrême e mais ingrato. Era já necessario

ampararem-se um no outro, para que não rolassem juntos por aquelles precipicios.

Afinal penetraram n'um valle, fechado entre rochas negras e gigantescas, em torno das quaes gyravam afflictivamente sinistras aves, que gemiam e piavam, como se a cada instante rasgassem o peito nas arestas da pedra.

Era um convulso redomoinhar sem tréguas, que lembrava um irrequieto bando de gaivotas, doidejando sobre as aguas, no alto mar, quando a tempestade se approxima, abrindo as longas azas prenes e agoueirás.

— Que diabo vimos nós buscar aqui ? ! perguntou Angelo, intimidado por aquelles gemidos que singravam no espaço.

— Viemos buscar dinheiro... respondeu Alzira.

— Dinheiro ?... Para que dinheiro ?...

— Ora essa ! Para tudo ! com dinheiro teremos prestigio nos logares que vamos percorrer !

E, avançando alguns passos, mostrou ao companheiro uma grande pedra cravada no rochedo.

— Vês esta pedra ? disse ella. Pois é essa a porta do reino do ouro ! E' n'esta mysteriosa gruta que se acha encerrada toda a riqueza dos avarentos já mortos; enthesoura-se

ahi todo o ouro d'esses miseraveis, que em vida soffreram as mais duras privações, para accumular dinheiro, sem proveito de ninguem!

— E como vieram parar aqui todas essas riquezas?... indagou o presbytero.

A cortezá explicou :

— Por intermedio dos herdeiros prodigos e das mulheres da especie a que pertenci no mundo dos vivos. Por minhas mãos passaram muitos e muitos milhões, que aqui cahiram, derramados em longas e ruidosas noutés de orgia! Esta esplendida caverna é o tormento das almas amarellas dos usurarios.

— E ao mesmo tempo é o teu banco... faceiou Angelo.

— Justamente, tornou Alzira. Quando preciso de dinheiro, venho buscal-o aqui.

— E estas aves, porque esvoejam em torno da montanha e porque soltam assim uivos tão tristes? ..

— São as almas dos avarentos. Rondam, noite e dia, sem cessar, o thesouro que já não podem possuir e que ainda cobiçam! Attrahe-as o cheiro do dinheiro! Deixa-as lá, coitadas!

E Alzira encaminhou-se para a pedra que fechava a gruta e tocou sobre ella com a sua pequenina mão côr de gelo.

A pedra afastou-se incontinentemente, e uma fulgurante abertura fez-se defronte da cortezã, jorrando luz como a bôca de uma fornalha.

As aves que rondavam a montanha, assanharam-se e puzeram-se a rodopiar com mais furia, multiplicando os uivos e os gemidos.

Angelo adiantou-se deslumbrado, olhando para dentro d'aquella esplendida galeria de ouro e pedras fulgurantes.

— E' maravilhoso! exclamava elle. E' sorprendente! Oh! quanta riqueza! Que interminavel thesouro!

E olhava, fascinado.

A galeria, em baixo plana e em cima abobadada, firmava-se em columnas feitas de moedas de todos os paizes. O chão era calçado de barras de ouro; de espaço a espaço erguia-se um repucho tambem de ouro, d'onde espipava ouro liquido que se derramava, formando reluzentes lagos nunca seccos. Do tecto pendiam estalactites de ouro, de coral e de topazios. As paredes scintillavam n'um delirio de fogos multicôres, em que fulguravam diamantes, saphyras, rubís, opalas e cornalinas.

— Oh! Que deslumbramento! exclamou Angelo, sem desviar os olhos da refulgente caverna. Que grande maravilha!

— Não tão grande, oppoz-lhe Alzira pro-

curando com os labios alcançar-lhe a bôca; não tão grande como o amor que me inSPI-raste!

Angelo não lhe ouviu as palavras, nem recebeu a caricia que ella lhe offerencia. Toda a sua attenção era para a seductora caverna do ouro.

— Não me escutas, meu querido amor?...

Elle, em vez de responder, perguntou avidamente :

— Eu tambem posso levar d'aqui o que quizer, não é verdade?...

— Não, disse Alzira entristecendo, não podes carregar d'aqui com um real sequer... Eu, sim!

— Porque?

— Porque nunca foste perdulario... Ah! mas descança que nada te faltará!... Estarei sempre a teu lado e sempre terás minha bolsa ás tuas ordens!..

Angelo abaixou os olhos, empallidecendo.

— Que tens, meu amor?... interrogou a amante. Senteste mal?... Falla.

— Nada!...

E cerrou os punhos, rilhando os dentes.

— Qué tens-tu, Angelo?...

— Oh! cala-te! Terrivel sentimento apoderou-se do meu coração! Sinto-me ambicioso

e avido de riquezas! Desejo ser o unico dono de todos aquelles thesouros que alli estão accumulados! E esta cobiça me faz estalar o cerebro! Tenho o sangue a escaldar! Tenho febre! Tenho febre!

— Empallideces! O' Angelo! Angelo! não te preocupes com o ouro! Pensa em mim, que sou a tua riqueza!

Elle afastou-a com o braço.

— Soffro! soffro n'este instante! accrescentou. Faz-me mal a vista de tanto ouro! Tenho vertigens! Desejava agora ser mil vezes millionario e ter todas as grandezas da terra!

— Angelo! Angelo...

— Oh! deixa-me! Afinal não passo de um pobre aventureiro, sem o menor prestigio, sem ter sequer um nome de familia! Não passo de um miseravel, sem passado e sem futuro; uma sombra de homem, sem esperanças e sem saudades! Não sou nada! Não sou nada!

— E's tudo, meu amor, és tudo, pelo menos para mim! exclamou Alzira, tentando inutilmente chamal-o a seus braços. Que te importam o futuro e o passado, se tens o presente, que sou eu?... Riquezas e grandezas! mas tudo isso não vale o ser amado como eu te amo, meu Angelo!

— Não! Não! Quero ir morrer lá dentro, afogado n'aquelles oceanos de ouro!

E, desprendendo-se dos braços d'ella, precipitou-se para a caverna.

Mas uma resplandecente figura de longas barbas e cabellos de ouro vivo cortou-lhe a passagem, collocando-se á entrada da gruta.

Era o genio do ouro.

Vinha scintillante da cabeça aos pés, e o diadema que lhe guarnecia a fronte, refulgia como um sol.

— Para traz! disse elle a Angelo. E presta toda a attenção ao que vais ouvir!

O ambicioso abaixou o rosto e recuou dominado.

O genio do ouro avançou alguns passos e disse, tocando no hombro da cortezá:

— Alzira! continúas então a vagar durante a noite pelo mundo dos vivos, em vez de jazeres tranquillamente na tua sepultura?...

— Cala-te, por amor de Deus, que essas palavras desconsolarão o meu amante, se as ouvir...

— Volta de vez para o tumulo!...

— Não! A minha sepultura é tão fria e eu morri tão moça... que, á noite, quando todos dormem, preciso vir aquecer-me nos braços de Angelo!... Não é assim, meu amor?...

acrescentou ella, indo ter com o compa-  
nheiro.

Este, porém, não respondeu, nem des-  
viou os olhos das riquezas da caverna.

— E elle te ama?.. perguntou o genio á  
cortezã.

— Adora-me! affirmou a interrogada; e por  
mim ama a vida e os prazeres.

— Queres dinheiro, já sei! tornou aquelle.  
Entra e enche-te á vontade! Leva o que qui-  
zeres; tudo o que levares, voltará multipli-  
cado!

Alzira entrou na gruta. Angelo quiz acom-  
panhal-a; o genio do ouro deteve-o de novo.

— Espera! Ouve! disse.

E tomou-o amigavelmente pelo braço, accres-  
centando: — Que te falta, ambicioso?... Que  
te falta para seres feliz?... Tens mocidade e  
dispões do dinheiro de Alzira, a quem é per-  
mittido metter as mãos n'este inesgotavel the-  
souro!...

— O que me falta? volveu Angelo. Falta-me  
tudo! falta-me o poder absoluto! Queria ser  
um homem tão poderoso, que a um gesto meu  
o mundo inteiro se curvasse submisso e es-  
cravo!

— Por pouco que desejavas ser Deus?...

— Oh, não! Não me falle em Deus!... Não

lhe inyejo a grandeza ! Queria uma gloria mais humana ; queria ter as conquistas de Cesar e Alexandre, ligadas ao genial prestigio de Homero e Dante !

O genio sorriu, mostrando os seus dentes de ouro luminoso, e replicou depois, fechando de novo a physionomia :

— Não posso satisfazer tanta ambição !... Conquistam-se thronos, como verá teu espirito no seculo futuro, porque um homem virá ao mundo, e mesmo em França, tão atrevido que, com a ponta de sua espada, descobrirá as regias fronte para guarnecer a sua com uma corôa de imperador !... Sim ! conquistam-se corôas de rei ; mas não se conquista a corôa de louros do mendigo de Thebas, porque essa não cabe em nenhuma outra cabeça ! Fallaste em Dante !... faze tua alma tão grande como a d'elle e serás o mais desgraçado dos homens !... Abre-lhe o cerebro ; abre-lhe o peito abre-lhe os intestinos ! encontrarás n'essas tres regiões do pensamento, do amor e da animalidade, o modelo dos circulos do inferno ; que elle traçou no seu lancinante poema ! E n'esses circulos só uma força ha que os iguala e nivela, é a dôr ! A dôr de quem pensa e sofre ; a dôr de quem ama e tem saudades, e a dôr de quem sente a fome e não tem o que

comer! Queres ser feliz?... Vive bestialmente! oppõe os teus sentidos ao teu cerebro e ao teu coração! Sê homem, isto é: sê animal! A natureza é um pasto de besta — espoja-te n'elle, se queres viver!

E tirou da cinta um punhal de ouro, que apresentou a Angêlo, acrescentando:

— Guarda esta arma! Defênde-te com ella e vencerás sempre!

O parochó apoderou-se do punhal.

— Obrigado! exclamou. Obrigado! Com esta arma posso dominar os meus semelhantes!

— Sé fôras devêras um ambicioso!... Mas não o és, pois ao contrario principiarias por tentar vencer a mim proprio, para te apoderares dos meus thesouros... Adeus! Não passas de um ambicioso vulgar!...

E recolheu-se á gruta.

Alzira sahiu logo em seguida, fechando-se sobre ella a pedra da entrada.

Fez-se de novo escuridão completa. As aves recommçaram a doidejar desesperadas, perseguindo agora a cortezã, como se lhe fariçcassem o dinheiro que ella trazia.

Alzira, com effeito, vinha carregada de ouro e pedras preciosas.

— Vamo-nos d'aqui! disse ao companheiro.

E puzeram-se a subir a montanha, com os braços na cintura um do outro.

Angelo ía preocupado e triste.

— Que tens tu?... perguntou-lhe a amante no fim de algum tempo de caminho.

— Nada! tartamudeou elle.

— Tremes, meu amigo!...

— E' do frio da noite...

E n'esse instante sahiu-lhes em frente meia duzia de salteadores armados, cortando-lhes a passagem.

Angelo mal teve tempo de puxar o seu punhal e passar a amante para traz de si.

— Matem o homem e prendam a mulher, que a quero para mim! ordenou o chefe da quadrilha.

Mas os primeiros salteadores, que se precipitaram sobre o viajante, cahiram apunhalados, rolando a montanha.

— Matem-no, com um milhão de raios! exclamou furioso o chefe, levando a arma ao rosto e fazendo a pontaria sobre o parochó.

O tiro partiu, alcançando um dos bandidos, enquanto mais dous cahiam aos pés de Angelo.

— Ah! bradou o chefe, desembainhando o seu sabre. Agora somos apenas um homem contra outro homem; pois veremos qual dós dous fica com esta mulher!

E atirou-se de um salto sobre o adversario, que o esperou na ponta da sua arma invencivel.

— Maldito sejas ! bramiu aquelle já ferido. Hei de matar-te !

— Has de morrer ! tornou o outro, abraçado de colera. Nunca mais terás olhos para cobiçar a minha amante !

E arrancando contra elle, atravessou-lhe o peito com uma punhalada.

— Ai ! gemeu o salteador agonisando.

— Fugamos ! segredou Alzira, puxando o amante pelo braço.

— Não ! Hei de beber-lhe primeiro o sangue ! Hei de beber o sangue de todo aquelle que pretender arrancar-te de meus braços !

E vergou-se sobre o cadaver, collando-lhe os labios á ferida que sangrava.

— Angelo ! Angelo ! Partamos ! Olha que ahi vem o dia ! exclamou a cortezá.

O parcho ergueu então a cabeça e notou que, com effeito, em volta d'elle tudo começava a esbater-se á luz da aurora. O proprio cadaver, de cuja ferida elle acabava de despregar a bôca cheia de sangue, nada mais era que uma transparente sombra, estendida a seus pés.

E as montanhas foram-se dissolvendo e

outros objectos se accentuando por detraz d'ellas.

E Angelo, de olhos bem abertos, foi a pouco e pouco distinguindo e reconhecendo o seu modesto aposento de Monteli. Através da tenebrosa paizagem que fugia, viu elle surgirem lentamente as velhas estantes pejadas de livros santos; viu surgir o seu genuflexorio de madeira escura e viu surgir o altar, onde a Virgem sorria com o coração atravessado de punhaes.

E ergueu-se a meio sobre a cama, tateando os olhos e apalpando a enxerga.

Levou a mão aos labios e consultou-a depois, tal era o gosto de sangue que sentia ainda azedar-lhe a bôca.

Os sinos tocavam lá fóra, chamando para a missa. Levantou-se; abriu a janella; olhou um instante o dia recém-nascido e em silencio preparou-se para sahir.

D'ahi a pouco o seu negro vulto atravessava a capella como a sombra de um ebrio, e ía cahir ajoelhado nos degrãos do altar, arquejando, que nêem um libertino depois de uma grande noite de orgia.

Não parecia o mesmo homem, coitado!

Seus olhos, amortecidos, quedavam-se como que indifferentes á propria imagem defronte da qual ía elle celebrar. A sua triste figura,

sombria e vacillante, já não era a de um fervoroso crente, a de um sacerdote contrito, mas sim a de um cansado philosopho, que já não sabe chorar nem rir.

E os fieis começavam já a murmurar contra elle, principalmente depois que alguns padres da vizinhança se achavam de passagem em Monteli, aproveitando o tempo para conspirar contra o vigario do lugar.

— Olhe você para aquillo! segredou um dos faes a outro que tinha ao lado. Veja só se aquillo são modos de estar ao altar!... Parece um bebado! não é debalde que todos nós estamos prevenidos contra este exquisitão!...

— Creio que elle não regula bem da cabeça...

— E' pancada ou finge que o é!... Mas pendo para acreditar que, no fim de contas, é nada menos que um grande velhaco... Você não sabe o que se diz a respeito d'este santinho com a bregeira viuva do morgado de Theveret?...

— Não! Não sei de nada... respondeu o ecclesiastico, já arregalando gulosamente os olhos e cheirando sorrateiramente uma pitada.

— Pois deixe acabar a missa que eu lhe contarei tudo... Você vai ficar abysmado!...





## XXIV

o' LOUCO ! o' LOUCO

**A**NGELO nunca fôra amado pelos seus collegas, e a razão d'isso comprehende se claramente, attentando para as circumstancias especiaes em que elle até ahi vivêra.

Desde o principio da sua carreira publica, isto é, desde o seu famoso sermão de quinta-feira santa, encontrára sempre, na razão inversa da sympathia do publico, a mais decisiva má vontade por parte do cabido inteiro.

E é assim sempre em todas as classes sociaes. Os nossos collegas estão sempre bem dispostos a nosso favor, emquanto não lhes tomamos a dianteira. Todas as flôres são poucas para nos atirarem ; mas, desde o momento em que os deixamos atrás de nós — não ha pedras no chão que cheguem para satisfazer a sua avidéz de quebrar-nos a cabeça e as pernas !

Eleva-te, cresce e enche-te de fructos, que serás apedrejado, como essas pobres arvores da praça publica, perseguidas pelos garotos!

Mas o esterco é necessário á planta; e, quanto mais lodo lhe atirarem aos pés, mais ella vingará cheia de viço e frescura!

E algumas ha que, tanto mais trituradas, mais rescendem, trescalando o aroma do seu amago.

O coração de um homem puro é como o sandalo que perfuma o machado que o decepa.

O coração de Angelo era feito de sandalo: embalsamava os dentes dos calumniadores que o mordiam.

O facto de haver elle, com tamanha felicidade, substituido La Rôse na tribuna; o facto da impressão que deixou, tanto sobre o espirito do rei, como sobre o de toda a côrte, como ainda sobre o de todo o publico; o facto da sua peremptoria recusa de qualquer recompensa que o engrandecesse; eram já mais que bastantes para assanhar a lingua dos invejosos e dos maldizentes.

Mas eis que, além de tudo isso, um novo prestigio vinha cercar a sympathica e pallida figura do presbytero, coroando-lhe a cabeça com uma aureola de santo: o prestigio da sua

immaculada virtude ecclesiastica ; o prestigio da sua inquebrantavel firmeza de sacerdote, casto e fiel á sua fé, que fazia dos farrapos da batina de cura a bandeira de um missionario peregrino, para correr aos antros da peste e da miseria, e reclamar uma parte da triste e amarga lagrima dos desgraçados, abrindo defronte d'elles o coração, como uma concha de coral em que se pede esmola !

— E' doido !... diziam os padres.

— E' um santo !... diziam os leprosos de Monteli.

O clero de Pariz, que a principio via no proceder de frei Ozeas, arrebatando o discipulo para a mais humilde das freguezias, um laço armado á boa fé do arcebispo, com o correr do tempo convenceu-se de que fôra sincera a acção do frade, e que o seu unico intuito era obrigar-o a cumprir um destino de amor e de humildade, igual ao destino de Jesus Christo sobre a terra.

O clero rêmexeu-se.

Os que desapaixonadamente se interessavam por Angelo, souberam e não guardaram segredo, de qual era a vida que o virtuoso parcho levava entre as miseras ovelhas do seu pobre rebanho. Souberam que elle era o anjo consolador de todo o lar em que não havia.

pão nem lume; souberam que elle era o pai de todo o orphão desamparado, e o filho de todo o velho sem apoio: souberam que elle era a triste sombra veladora dos que morriam sem tumulto; e souberam que elle era o risonho archanjo que estendia os braços aos que nasciam sem berço!

E a sua aureola de santo alargou-se aos olhos dos que o amavam. E o clero assanhou-se cada vez mais contra elle.

Por outro lado, o Dr. Cobalt, cujos trabalhos sobre nevropathia cada vez mais revolucionavam a empirica sciencia d'esse tempo, e cada vez mais o tornavam conhecido e popular, não se fartava de citar nas suas concorridas conferencias o nome do vigario de Monteli, sempre que tinha de referir-se aos phenomenos psychicos e physiologicos da hysteria.

Isto, pela parte supersticiosa do publico, era tomado em falsa apreciação; e principiavam a vêr em Angelo um ente sobrenatural, em cujos actos havia a interferencia de Deus ou do demonio.

¶ Dous partidos estabeleceram-se.

O legado de Alzira estava destinado a completar o seu singular prestígio de santo milagroso. Aquelle mysterioso dinheiro, largamente distribuido pelos pobres, justamente quando a

peste lavrava com mais furia e abria claros em todas as familias sem recursos, parecia obra da misericordia divina, porque todos sabiam qual era a falta de meios que havia n'aquella desgraçada aldeia.

Não levou muito que o nome do santo vigario começasse a ser idolatrado como o do querido diacono de Pariz, cujo tumulo, diziam, fazia andar os paralyticos e dava vista aos cegos. E, pouco a pouco, começaram as excursões e as romarias a Monteli.

Pessoas de alta e de baixa sociedade vinham já da capital assistir ás virtuosas missas de Angelo.

Este, todavia, nem sequer dava por isso, abstracto como vivia sempre, lutando dia e noite com o implacavel inimigo que lhe habitava o cerebro.

Cobalt, secundado pelos discipulos, amaldiçoava o facto nos seus pamphletos e avulsos, lamentando que nesse momento, justamente quando o governo mandava interdizer o cemiterio de Saint-Médard e reprimia a ridicula exhibição dos convulsionarios sobre o tumulo do padre Pariz, se estivesse formando em Monteli um novo theatro para espectaculos do mesmo genero.

Como é natural, tudo isso servia apenas

para estimular a fé nos crentes et augmentar o numero dos romeiros.

Mas os Srs. jesuitas e os Srs. padres, aliás dispostos sempre a explorar a boa fé dos devotos, d'esta vez se revoltavam contra Angelo, como se d'este partisse a iniciativa de taes cousas. Davam-no como inimigo dos molinistas e affirmavam que elle queria fazer concurrencia aos milagres de Saint-Médard.

Angelo, coitado, nem tinha consciencia do effeito que produzia em volta de si. E no entanto a calumnia e a intriga dos seus confrades minavam debaixo dos passos d'elle.

D'ahi vem aquella historia que o padre na capella prometteu contar ao outro, depois da missa.

A historia resume-se em poucas palavras :

A viuva do morgado do Trevener era mulherzinha de má nota. Em Monteli fallava-se, á bôca pequena, a respeito dos seus desregramentos amorosos. Constava mesmo que certa rapariga morrêra de desgosto, porque o seu noivo cahira um dia nos braços d'ella e nunca mais fôra encontrado.

Entretanto, Angelo, uma vez, depois de uma das suas prédicas da quaresma, fôra surpreendido em casa com a visita da viuva.

Recebeu-a amavelmente, como a todos recebia.

A mal reputada senhora não procurou rodeios para confessar a profunda impressão que sentira, ouvindo as simples e sinceras palavras do eloquente pregador; e tal fôra a subita vergonha que lhe veio pelas impurezas do seu passado, que lhe pediu encarecidamente para ajudal-a na obra da sua regeneração.

Chorou.

E o presbytero comprehendeu que aquellas lagrimas não eram fingidas e que alli estava a seus pés uma alma capaz de convicto arrependimento.

Não hesitou um instante, e poz-se logo á disposição d'ella, prompto a servir-lhe de guia espiritual. O seu primeiro conselho foi que alijasse de si, e de uma só vez, todos os seus antigos pensamentos e procurasse crear novos, inspirados na moral christã e no exemplo dos justos, porque, desde que os pensamentos fossem bons, as acções seriam boas consequentemente.

Ella prometeu obedecer.

Depois aconselhou-a a que, antes de entrar na pratica da piedade, procurasse exercer sinceramente a caridade, como um salutar curso preparatorio e caminho mais curto e mais seguro para aquella.

— A piedade, dizia elle, é flôr mimosa e exigente; só póde ser exercida com bom proveito, quando o coração de quem a pratica se acha em absoluto estado de paz, e quando se sente feliz e satisfeito comsigo mesmo. Sem a inteira harmonia de todos os actos e de todas as intenções, ninguém póde, minha irmã, ser piedoso e justo. A piedade é o perfume da moral religiosa; é o lyrio branco e mystico do amor pelos seus semelhantes. Sêde virtuosa comvosco mesma e sêde boa para todos sem distincção de ninguém, que a piedade derivará dos vossos actos, como a luz deriva da consciencia recta e conscia do cumprimento dos seus deveres. Ah! se não fôra esse inquebrantavel apoio, como eu seria o mais desgraçado dos homens, minha irmã! E, no emtanto... não sou dos mais criminosos...

Ella perguntou por onde devia principiar a exercer a caridade.

— Não poderia ninguém desejar melhor occasião, nem melhor logar do que este, respondeu Angelo. Monteli presentemente é um valle de lagrimas, que clamam soccorro. Ide ter com os miseraveis que não têm quem lhes leve aos labios o crucifixo na hora da morte! Ide ter com os orphãos sem regaço que os acolha, e com as donzellas sem defesa e sem

---

forças para guardar a sua virgindade. Soccorrei-os a todos; soccorrei os desgraçados, indetermínadamente; que entre os vossos favorecidos a vossa própria alma será a primeira e mais soccorrida pela vossa caridade! Soccorrei-os, que soccorrerá a si mesma!

E o presbytero foi em pessoa ensinar-lhe os frios caminhos do desalento e da fome; e conduziu pela mão aquella arrependida ao logar do sacrificio, da humildade e do verdadeiro amor; isto é, á cabeceira dos que gemiam na miseria e no abandono.

A viuva aprendeu o caminho que ensinára o presbytero. Apaixonou-se pelo bem; dedicou-se de corpo e alma á mais completa e religiosa caridade; e, dentro de muito pouco tempo, offerecia com as suas acções o mais bello exemplo de moral e virtude.

E todos começaram a respeitá-la.

Angelo, encantado com tão sorprendente transformação, dedicava-lhe já uma estima sem limites, e muitas vezes a acompanhava em suas piedosas romarias á casa dos pobres mais remotos.

Más um dia, dous mezes depois que a viuva começára a sua reabilitação, um facto, que procedia de época anterior, veio encher-a de infinita tristeza e collocá-la no mais vivo embaraço.

Sentia-se grávida.

O último cúmplice dos seus passados desvairados sensuaes, e a quem ella devia agora aquella dolorosa situação, era um pobre diabo, de um bohemio, rico e libertino, que um bello dia lhe fugiu dos braços, e nunca mais lhe deu noticias suas.

Angelo, ao ouvir-lhe a confissão, não teve um gesto de censura, nem de repugnancia; era antes a compaixão o que se revelava na sua physionomia.

— Resigne-se... disse-lhe elle tranquillamente, e seja boa mãe de seu filho. Não o desampare nunca; soffra com energia as consequencias do seu acto; aceite as represalias sociaes que d'ahi procedam, como elementos novos de sacrificio, e continue na obra da sua reabilitação.

E não alterou em nada a estima e o respeito que lhe votava; ao contrario, depois que a infeliz sentia crescer o fructo da sua culpa, Angelo parecia mais compassivo e mais attencioso para com ella. Ia vê-la; dava-lhe noticias dos seus pobres; encarregava-se de levar-lhes socorros em seu nome, e, quando orava, pedia a Deus que poupasse á infeliz os dissabôres que ainda lhe reservava.

Foi n'aquella celebre noute da tempestade

---

em que elle se demorou mais fóra de casa e que Salomé o esperava com impaciencia, que a viuva deu á luz o filho.

Angelo veiu da casa d'ella, suppondo-a livre de perigo, mas agora, justamente nos ultimos dias em que o parochó era victima dos sonhos com Alzira, a parturiente fôra accommettida de febre e achava-se em risco de vida.

O facto, logo que transpirou, tornou-se escandaloso. Não se fallou n'outra cousa em Monteli durante esses dias.

A viuva, depois de uma noite de delirio, em que repetia sem cessar o nome do presbytero, falleceu nos braços d'este.

Outros padres estavam presentes e cochichavam á socapa, felizes por terem afinal descoberto bom pasto para a sua campanha de diffamação. Angelo, de todo desprevenido contra o mal que pudessem julgar d'elle, dava ampla expansão ás lagrimas que a morta lhe merecia e resava de joelhos ao lado do cadaver.

Depois do enterro, o presbytero pensou no pequenito, que assim tão tristemente se orphanava logo ao entrar no mundo; e resolveu, visto que a fallecida não deixava parentes, carregar com elle para a casa de uma familia pobre, que se quizesse encarregar da sua criação.

Imagine-se o que não fizeram os seus adver-

sarios com todo este combustivel para a intriga.

Por tal modo tramaram e conspiraram contra Angelo, que o publico começou a prevenir-se contra elle, e afinal, quando depois viam atravessar lentamente pela estrada o seu triste vulto contemplativo e enfermo, segredavam já em voz bregeira :

— Anda apaixonado!... Não se consola da morte da viuva!...

Angelo seguia em silencio, indifferentemente, sem distinguir o murmúrio da calúnnia que lhe esvoaçava em torno dos pés.

Mas os seus contrarios rosnavam, ameaçando-o :

— Ah! Finges pouco caso?... Pois deixa estar que te mostraremos quem póde mais : tu ou nós!

Era bem singular essa luta de alguns padres, apercebidos com todas as armas da intriga, contra aquelle pobre cura, indifferente á maldade mundana, que caminhava desprevenida-mente pelo seu destino, com a alma fita no ideal e os olhos postos na terra, como se n'esta procurasse a entrada do mysterioso caminho para o céu.

Para as pessoas puras o seio da terra é a antecamara do céu.

Só depois de morta e devorada a nossa carne por essa mãe egoísta, é que conseguimos alçar a alma aos páramos celestiaes das regiões divinas.

Todas as vezes que aos ouvidos de Angelo chegava a noticia do que de mal diziam d'elle, o bom parochó sacudia a cabeça e procurava desculpar os seus detractores, affirmando que isso nenhum valor tinha, desde que a sua consciencia estava tranquillá e limpa.

— Coitados ! dizia. Infeliz deve ser o coração que vive a sonhar cousas impuras !... Todo o coração é bom ou póde ser bom ; o caso está nas circumstancias do meio que o eleva ou perverte ! O que seria do meu pobre coração de carne fraca e traiçoeira, se meu bemfeitor, o bom frei Ozeas, não no tivesse fechado na sagrada estufa do seu amor de pai carinhoso ?...

Não ! accrescentava elle na boa fé de homem puro. Não era possível que ecclesiasticos, compromettidos perante Deus com um voto supremo, fossem lá agora praticar delictos tão reprovados pela moral !... Não ! não era possível ! com certeza havia engano em tudo isso !

E, não obstante, os padres lá iam para a frente, ganhando terreno contra Angelo e agitando de Monteli até Pariz os seus estandartes de diffamação. Quanto aos romeiros, quanto

aos que vinham á casa do presbytero, arrastados pela fé no milagre, a esses o sincero parochio fallava francamente e dizia-lhes que — milagres, só Deus os podia realizar, porque a tanto chegava o seu infinito poder — mas que ninguem devia levar tão longe a vaidade, que se julgasse digno de provocal-os ou merecel-os, sem incorrer em desagrado aos olhos do proprio Deus, que só amava aos simples e despretenciosos.

O melhor meio de bem servir e agradar ao creador não era aquelle certamente, mas sim era praticando o bem, tranquillamente, ao lado da familia !

Que voltassem para os seus lares ! exhortava-lhes elle ; que voltassem para os seus lares !... Os homens para o trabalho que dá o pão de cada dia ; e as mulheres para junto dos seus filhos e dos seus deveres de esposa.

— Ah ! dizia abertamente, sem armar ao menor effeito. Ah, meus irmãos ! quando o lar é abençoado e honesto, não precisa que venham buscar Deus aqui tão longe ; Deus irá lá ter espontaneamente e far-se-ha lembrado a cada instante. Sejam bons e leaes, e Deus será com-vosco ! Não o offendam, pretendendo que eu faça o que só elle tem o direito de fazer !

Este modo de proceder era a peor arma que

Angelo podia vibrar contra os seus adversarios, porque neutralisava o pabulo da maledicencia; mas os molinistas, assim que deram com isso, mudaram de tactica e começaram a perseguil-o por outra face.

Um dia o presbytero ficou muito sorprendido, quando na rua gritaram átraz delle :

— O' louco ! O' louco !

E, desde então, convenceu-se de que não era amado, nem respeitado por uma parte da população de Monteli.

De outra vez, depois de ouvir aquellas mesmas palavras, recebeu nas costas uma pedrada.

Voltou-se, abaixou-se e apanhou a pedra.

A certa distancia havia um grupo de rapazes e raparigas, foi até lá e perguntou se era algum d'elles que tinha atirado a pedra.

Nada responderam.

— Meus filhos, disse Angelo então, aos loucos não devemos atirar pedras, que são elles capazes de cahir em raiva. Alguns tenho eu visto ahi pela aldeia, a quem até dão pão e dão leite...

E, passando a mão na cabeça de um dos pequenos, perguntou-lhe, sem colera :

— Porque me atiraste tu a pedra ?

— Era para aquelle cachorro !... disse o rapazito, apontando um cão.

— Mentas, meu filho ! mas ainda que dis

esses a verdade, serias peccador, porque é peccado apedrejar os cães! Perdô-te por esta vez e aconselho-te que não commettas igual delicto!

Afastou-se, e, quando tinha feito algum caminho, ouviu de novo atraz de si :

— O' louco !

— Talvez tenham razão !... disse elle consigo, sacudindo os hombros.

E, com effeito, para quem só julgasse pelas apparencias, Angelo parecia um louco : na terrivel pallidez do seu rosto, os seus olhos brilhavam sinistramente com desvairada expressão ; seus labios, que nunca sorriam, denunciavam fria e profunda angustia, que se não traduzia por palavras ; um mysterio de soffrimentos havia nas rugas precoces da sua fronte mais branca que o marmore das sepulturas ; e os seus gestos eram lentos e como que mal governados ; o seu andar vacillante e frouxo, como o de quem caminha lentamente para a morte. Todo elle era apenas uma estranha sombra que atravessava pela terra, sem se communicar com ella.

Estava cada vez mais fraco e mais abatido. E não podia ser senão assim, porque Angelo soffria muito e não tinha um momento de repouso.

Durante o dia era dos seus misteres religiosos e dos seus deveres de piedade ; e á

noite, quando se recolhia á cama, em vez de descanso tinha o tormento do sonho.

A' noite, elle pertencia a Alzira. A cortezã vinha buscal-o ao leito e carregava-lhe o espirito com ella até á manhã seguinte.

E o mais curioso era que, n'aquellas duas existencias, tão oppostas e até tão inimigas, o cavalheiro amante da condessa Alzira conhecia o cura de Monteli e ria se intimamente das ingenuidades d'este ; ao passo que Angelo, em mente, detestava o outro e não lhe perdoava as libertinagens e os crimes.

Com o correr dos sonhos formou-se uma secreta rivalidade entre o padre casto e o crapuloso bohemio. Odeavam-se. Cada qual desejava a extincção do rival.

O presbytero, entretanto, a ninguem confiára até ahi o segredo das escapulas do seu espirito, e principiava a habituar-se áquelle duplo viver de sacerdote virtuoso e de folião profano.

Alzira vinha invariavelmente buscal-o, mal fechava elle os olhos, e levava-o de cada vez a um novo logar de prazeres.

O ultimo passeio maravilhoso d'aquellas noites deixára-o profundamente impressionado, porque fôra de todos o mais commovedor e transcendente, como por si mesmo julgará o leitor no seguinte capitulo.





## XXV

### LUTA DE ANGELO COM A PROPRIA SOMBRA



ERA assim o sonho : Angelo, ao adormecer, viu-se logo á margem de uma formosa bahia, cercada de mysteriosos arvoredos, por entre os quaes se destacavam ao luar os marmores de velhos palacios talhados em estylo veneziano.

Alzira veiu buscal-o n'uma gondola côr de prata, guarnecida de brilhantes lanternas verdes. Elle embarcou e sentou-se ao lado d'ella.

A gondola começou a deslizar indolentemente sobre as aguas, onde o céu se espelhava todo azul, borrifado de estrellas, e onde as luzes dos barcos e das janellas ogivaes vinham perder-se em reflexos de mil côres.

A noite era serena e transparente. Alzira pousou a cabeça no hombro do seu amante, tomou um bandolím e começou a cantar :

As aguas têm mil lampcjos,  
 Se a brisa cantando vai...  
 O' mar! bebeĩ nossos beijos!  
 O' brisas! murmurejai!...  
 Ai! ai!

O mar tem alma,  
 E' bello o mar!  
 A noite calma  
 Convida a amar!  
 Ai! ai! »

Um côro longinquo respondeu n'outro tom  
 da margem opposta :

! Vivam os amantes  
 Cantando aos pares!  
 Võem distantes  
 Negros pezares!

Alzira continuou a tocar, e Angelo cantou,  
 depois de beijar-lhe a bôca :

« As aguas dormem, querida;  
 A lua brilha nos céus...  
 Eu quero beber a vida  
 N'um beijo dos labios teus!...  
 Ai! ai! »

E ambos repetiram :

« O mar tem alma,  
 E' bello o mar!  
 A noite calma  
 Conyida a amar!  
 Ai! ai! »

.....

O côro respondeu, agora mais perto, porque a gondola se aproximára d'elle :

Vivam os amantes  
Apaixonados,  
Morrãam as dôres  
E vãos cuidados !...»

E Angelo achou-se defronte de um lindo alpendre construído á beira-mar e coroadado de verdura e de flôres.

— Saltemos ! disse a cortezã indicando a longa e branca escadaria de pedra, batida pelas aguas.

E os dous saltaram, galgaram os degrãos de marmore e penetraram n'um doce e vasto recinto, frouxamente illuminado por balões venezianos de mil côres e feitios.

Ao centro havia um esplendido tapete desdobrado no chão, com uma ceia servida em baixellas de prata e ouro.

Ahi, tres cavalheiros e tres damas, ricamente vestidos e negligentemente reclinados em coxins turcos, bebiam e comiam, em boa camaradagem, a rir e conversar, a meio abraçados uns com os outros.

Mais adiante, tres damas e um cavalheiro, assentados sobre uma enorme pelle de tigre, jogavam as cartas, entre beijos e gargalhadas.

De outro lado tres moços, trajados á napolitana e estendidos por terra, fumavam em volta de um grande cachimbo arabico, e bebiam vinho côr de topazio, que uma bella rapariga de collo nú lhes derramava nos copos de metal.

Sobre oçães que dominava a bahia, um casal deitado, de peito para o ar, contemplava a lua, ambos quasi adormecidos, com a cabeça pouxada nos braços um do outro.

Cantavam a meia voz em tom de barcarola :

« Tem a vida mil encantos,  
Quando a gente sabe amar...  
Os gôzos são tantos, quantos  
Murmurios ha no mar... »

Deixa-me a bôca  
Tua beijar!  
A vida é pouca  
Para te amar!...

Angelo parára á entrada com Alzira.

— Que bella cousa é o prazer!... disse um dos cavalheiros que ceavam.

E acrescentou, abraçando preguiçosamente as duas damas que tinha ao seu lado :

— E pensar que ha por esse mundo gente que falla em tristezas!... As mulheres, as flôres, o fumo, a musica, o jogo, o vinho e os bons manjares, eis o nosso elemento de vida!...

E tomando as mãos da sua vizinha da direita: — Não é verdade, minha bella, que o prazer é a melhor cousa da vida?...

A dama respondeu-lhe com um beijo, quebrando os olhos voluptuosamente.

— Ganhei ! disse outro cavalheiro no grupo dos jogadores. Paga !

— Aqui tens ! volveu a dama offerecendo-lhe os labios, que elle beijou com delicia.

E ella exclamou logo em seguida :

— Agora ganhei eu !

Elle tirou da cinta um punhado de moedas, que lhe atirou ao collo.

— Prompto ! disse.

E continuaram a jogar.

— Entremos ! segredou Alzira penetrando no recinto do alpendre.

— Que logar encantador !... considerou Angelo, que até ahi estivera a olhar para todos os lados, devéras suprehendido.

E fazendo a todos um rasgado cumprimento:

— Boa noute, cavalheiros !

— Vivam, rapazes ! exclamou Alzira ao mesmo tempo.

Foram correspondidos indolentemente pelos circumstantes.

Só um dos cavalheiros da cêia voltou-se para elles e disse-lhes em ar amavel :

— Boa noite, gentís namorados. Andaes gosando a vida, não é verdade?...

— Sim, respondeu Alzira. Temos mocidade e dinheiro : queremos gosar !...

— Sêde bem vindos !olveu aquelle ; não poderieis escolher sitio melhor ! Ahi tendes o que comer e o que beber... Tomai assento com-nosco e sereis dos nossos ! Bebei e embriagai-vos, carissimos !

Angelo e Alzira assentaram-se juntos n'um coxim, e o cavalheiro proseguiu, mal podendo abrir os olhos :

— Aqui as horas correm ligeiras e felizes ! Escorregam como um bom vinho !...

— Mas quem sois vós ?... perguntou Angelo, levando aos labios a taça que acabára de encher.

O interrogado explicou logo :

— Somos os sectarios da religião do prazer: nossa unica ambição, nosso unico ideal—é gosar ! A sensualidade é o nosso Deus !

— O gôso pelo gôso ! Eis ahi a nossa divisa ! interveiu um dos ótros cavalheiros que ceavam.

E o terceiro accrescentou emborcando o copo:

— Não conhecemos outra moral, nem outra philosophia !... O amor antes de tudo !...

— Perdão, objurgou Angelo tomando inte-

.....  
resse na conversa; isso não é amor, é lascívia...

— Oh! replicou o que recebêra a objecção. Nada de sentimentalismo!... Guerreemos as idéas ethereas!... Vivamos pura e exclusivamente para os sentidos! Nada de amores platonicos ou exclusivistas! Nada de ciumes e nada de egoismos! Entre nós, a mulher, seja qual fôr, é um instrumento de prazer, de que cada um se serve como melhor gosta e lhe apraz! Aqui, n'este feliz recinto, as mulheres não têm dono; são como as flôres do caminho: pertencem ao primeiro que se debruça sobre ellas para lhes sorver o aroma...

E derreando-se entre as duas mulheres que estavam ao lado d'elle, passou-lhes o braço na cintura e perguntou-lhes, beijando-as, uma e depois outra.

— Não é verdade, encantadoras amigas, saborosas flôres, cujo perfume nos embriaga de prazer? não é verdade que não guardaes egoisticamente só para um homem o vinho dos vossos labios e os thesouros dos vossos corpos adoraveis?...

A dama respondeu, sorrindo:

— Somos altruistas!... Com os encantos que possuímos, poderíamos, por interesse, dar a felicidade a um homem... preferimos dal-a a muitos! E' mais generoso!

— De certo! confirmou o cavalheiro que fallára por ultimo. A castidade não passa de uma torpe especulação!...

— A mulher, reforçou o outro, só é verdadeiramente sublime, quando se dá a todos, sem preferencia de nenhum!...

— Não concordo comvosco! declarou Alzira.

Angelo sentiu-se enjoado com aquellas idéas, e disse, erguendo-se:

— Degradante philosophia é a vossa, escravos da luxuria! Desvirtuastes o amor! Prostituístes a mulher! Amaldiçoaes a melhor obra de Deus!

— Ou do demonio! corrigiu um dos commensaes.

— Não! teimou Angelo. O demonio inventou o odio e não o amor! descobriu a inveja e não a ambição! descobriu o desespero e não a felicidade! descobriu a luxuria, que é o desespero da carne, e não o amor, que é o orvalho da alma!

— Ou estás muito ébrio já, disse aquelle, ou és um poeta!

— Não! sou um homem e nada mais! repontou o parcho. Amo; eis tudo!

— E's um sonhador!... interveiu outro com uma gargalhada. Um amante da lua!... Máo logar escolheste tu para os teus idyllios sentimentaes!...

— Segue o teu caminho, visionario! aconselhou outro. A tua loucura faz-nos pensar, e nós não queremos dar-nos a esse trabalho!... Vai-te embora!

— Enxotam-me? ! exclamou Angelo furioso.

E puxou um punhado de moedas de ouro que atirou sobre a mesa, accrescentando provocadamente: — Tenho o direito de estar aqui! Pago os meus prazeres! E, se alguém ha entre vós, que a isso se queira oppôr, falle, que o esbofetearei no mesmo instante!

Um dos convivas ergueu-se, encaminhou-se tranquillamente para elle e disse-lhe com os olhos meio fechados pela embriaguez:

— Tens o direito de estar aqui, não ha duvida alguma!... Mas o que não tens, desgraçado, é o direito de incommodar-nos!...

— Desgraçados sois vós, miseros sensualistas! replicou o amante de Alzira.

— Deixa-me! tornou o outro desdenhosamente. A tua moral enoja-me! Se quizeres seguir o nosso exemplo, ahí tens o teu copo, é beber até cahires ébrio nos braços da mulher que te ficar mais perto; qualquer d'estas... Não temos ciumes!... E se isso não te convém, toma então de novo a tua gondola e segue adiante, que trazes ao teu lado uma mulher

formosa e não promettemos respeitá-la mais que ás outras.

— Ai d'aquelle que lhe tocar com um dedo ! exclamou Angelo no auge da colera.

Alzira interveiu.

— Acalma-te ! disse ella dando-lhe um beijo. A noite é curta, meu amor ; não vale a pena perdê-la com outra cousa que não seja o prazer !...

E, voltando-se para os que estavam á ceia :

— Encham-me a taça, amigos, que a noite ainda é melhor assim regada com o capitoso e dourado moscato italiano !

— Tens muito mais espirito que o teu sentimental amante !... observou rindo um dos convivas. E és formosa de mais para pertencer a um só homem !

Angelo deu um salto sobre o libertino que acabava de fallar e, desembainhando a sua espada, exclamou, pondo-lhe a mão esquerda fechada em frente do rosto.

— Mais uma palavra e arranco-te a alma, miseravel !

— Acalmem-se ! supplicou Alzira collocando-se entre elles. Acalmem-se por quem são ! Bebamos e folguemos, antes que o sol venha de novo tirar-me a carne de cima dos ossos !...

— A belleza, disse o contendor de Angelo,

esvasiando ainda uma vez a sua taça espumante; a belleza é uma divindade! E uma divindade deve ser adorada por todos!

— Bravo! Bravo! gritaram os que se tinham deixado ficar no chão. Adoremos a divindade da belleza!

— A' Belleza! A' Belleza!

E as taças chocaram-se, tilintando.

— E' de mais! gritou Angelo desprendendo-se dos braços de Alzira e saltando em meio do banquete, a quebrar com os pés as garrafas e os copos. E' de mais! Este miseravel deve morrer.

A cortezã procurou detel-o.

— Angelo! Angelo!

— Deixa-me! bradou este. Quero punir aquelle infame! Quero esmagar aquelle estúpido libertino! Deixa-me! Deixa-me!

Houve um geral sobresalto. Ergueram-se todos. Puxaram pelas espadas, e as damas empallideceram, soltando gritos de pavor.

Angelo parecia possesso. A lamina do seu aço florentino reluzia no ar, ameaçadoramente. E elle, sem deter-se um instante no mesmo lugar, varria aos pontapés os estorvos que encontrava nos seus saltos de esgrimista.

— Venham todos! bradava, sacudindo os cabellos. Venham todos, cafila de brutos sen-

suaes ! Venham, que os regeitarei na ponta d'este ferro !

— Angelo ! Angelo !

— Com a vida o pagarás ! exclamou um hercules veneziano, que acabava de erguer-se, sacando o punhal.

— Morrerás como um javalí ! gritou outro, acudindo de arma em punho.

E ouviu-se um côro de imprecações e phrases de terror.

— Um conflicto ? !...

— Calma ! calma !

— Diabo levem os intrusos !

— Morra quem perturba o nosso gôso !

— Matem-os e lancem os cadaveres ao mar !

— Fiquemos com a mulher que é bonita !

Entretanto, um cavalheiro collocára-se de frente de Angelo, com a espada em desafio.

Mediram-se as laminas ; os ferros cruzaram-se no ar ; os dous fizeram uma rapida oração entre os dentes cerrados pela colera, e o combate começou feroz.

Abriu-se um instante de silencio, em que o retintim metallico das duas espadas era o unico arruido que se ouvia.

Os contendores arfavam, desesperado cada qual pela destreza e galhardia do seu adversario.

---

— Agora! bramiu Angelo, cahindo a fundo contra o inimigo.

E atravessou-o de lado a lado.

— Oh! gritaram todos, correndo para o logar do duello.

E cercaram Angelo n'umá trincheira de espadas núas.

— O meu punhal! berrou o perseguido, desembainhando a terrivel arma, que lhe dêra o genio de ouro. Assim o querem?... Assim seja!

E abriu aos pulos para todos os lados, cravando uma punhalada a cada salto.

Um a um, iam cahindo todos em volta d'elle, expirando cada qual entre gritos de agonia e uivos de colera sequiosos de vingança.

Do meio para o fim d'esta singular hecatombe, os que não tinham recebido o golpe fatal, fugiram, lançando-se do caes ás aguas da bahia. As mulheres rolavam pelo chão, estrebuchando espavoridas ou jaziam sem sentidos, immoveis e pallidas como cadaveres.

Angelo viu-se afinal senhor do campo e, offegando de cansaço, limpou o punhal tinto de sangue nas roupas de uma das suas victimas.

— Fugamos! disse Alzira, a enxugar-lhe com o lenço de rendas a fronte resumbrante de suor. Fugamos antes que amanheça!

— Não! oppoz Angelo. Vamos beber ainda

e esperemos a aurora abraçados os dous sobre estes coxins, feitos para a volupia!...

Mas no momento em que levava a garrafa aos labios, arremessou-a para o lado, soltando um terrivel grito de pavor.

Defronte d'elle, com os braços cruzados, os olhos faiscantes, e o rosto sinistro e pallido como uma caveira, erguia-se o espectro do macilento cura de Monteli.

Angelo recuou fulminado.

E o parochó, sem descruzar os braços, caminhou para elle, atravessando-o com o seu frio olhar de sacerdote intransigente e cruel.

— Crapula! exclamou, chegando-lhe a bôca ao rosto. Assassino! Bebado! Ladrão!

Angelo poz-se a tremer.

O outro proseguiu: — Em que immundo esgoto perdeste tu a tua vergonha e a tua consciencia, miseravel?... para andares sem pudor a vagabundear ao lado de uma prostituta lazarenta e desbriada?...

— E que tens tu com isto, hypocrita?... interrogou Angelo, recuperando o sangue frio. Acaso vou eu tomar-te contas das ridiculas pantomimices que levas a praticar durante o dia em Monteli?... Interrompo por ventura a farça das tuas missas, quando resmungas o teu comico latim e ergues ao ar, espectaculara-

mente, um copo de vinho e um pouco de pão feito hostia, dizendo que vaes beber o sangue e o corpo de Christo?... Já fui eu lá dizer-te ao ouvido que isso é uma truanice, que nenhum homem sério seria capaz de praticar?... Já fui eu lá insinuar aos teus devotos que os teus milagres são mentiras, como é mentira a tua fé! como é mentira a tua sciencia! como é mentira a tua religião?... Não me venhas pois aborrecer, onde não és chamado, e volta para a tua pestilenta aldeia, que tens lá quem precise dos teus desvellos e dos teus conselhos. Dá-os ao filho da viuva Trevenet!

O presbytero estremeceu por sua vez, ouvindo este nome.

Sacudiu a cabeça e disse, revoltado :

— Até tu, miseravel! até tu finges não comprehender a verdade a respeito d'essa infeliz criança!

— Não sou eu quem te accusa, são todos! Nada mais faço do que repetir a voz do povo, que é a voz de Deus! Some-te da minha presença!

— Sim! mas deixa esta mulher?!

— Porque? Ah! comprehendo! são os ciumes que te agitam, heim? Bonito! Muito bonito!

— Deixa esta mulher, já disse!

— Queres que a deixe contigo, talvez!..

— Obedece-me ou eu tomar-t'a-hei á força!

— Não tentes experimental-o, porque ficarias aqui mesmo estendido por terra com estes outros imprudentes que ahi estão! Vai-te embora. Não me faças perder a cabeça!

O parcho foi ter com Alzira e tomou-lhe as mãos.

— Acompanha-me! disse, com ar de supplica.

A cortezã olhou para elle, olhou para o outro, e abaixou os olhos, hesitando perplexa.

— Não vens commigo?... interrogou o padre, arfando de colera e ciume.

— E elle?... balbuciou a cortezã. Como deixal-o?... Bem vês que não posso!

— Aqui! A meus braços! ordenou o outro Angelo, batendo o pé. Já! Não dês ouvido a esse embusteiro!

Alzira chegou-se para o amante, obedecendo submissa.

Então o parcho, sem dominar o seu desespero, atirou-se contra o rival, tentando estrangulal-o.

Alzira, percebendo que o Angelo bohemio arrancava o punhal da cinta, apoderou-se do ferro traiçoeiramente e lançou-o ao mar.

Angelo soltou um formidavel grito de raiva e engalfinhou-se com o outro Angelo, rolando

ambos no chão, por entre os cadáveres ensanguentados; enquanto um sino ao longe principiava a badalar, chamando para a missa, e a aurora acordava a natureza, cantando um hymno de gorgeios de passaro e murmurios de floresta.

O infeliz vigario acordou afinal, na vida real, banhado de suor, a debater-se, no seu leito, com a propria sombra, que o estrangulava.







## XXVI

### A DUVIDA

**A**TARDE cahia lentamente, enchendo a natureza com a sua triste alma lamentosa. As cigarras estridulavam nas somnolentas frondes dos arvoredos, como um continuo gemido do crepusculo, que expirava, morrendo. O sol fugia ao longe, tropeçando pelo horisonte, a descer uma escadaria de purpura, que nem um rei cançado do seu esplendor. Os lavradores recolhiam-se á casa, côm a ferramenta ao hombro, cantarolando uma toada monotona, e crianças brincavam no eirado ouvindo as Trindades.

Entretanto, na modesta sala de jantar do cura de Monteli, a velha Salomé, com o queixo apoiado á mão, o olhar perdido ao acaso, meneiava a cabeça defronte do Dr. Colbalt, e parecia devéras desconsolada.

O medico tomava notas na sua carteira, endireitando os oculos de instante a instante.

— Elle não se queixa de nada?... perguntou depois de uma pausa a esfregar um dos dedos no labio inferior.

— Não, senhor doutor, não se queixa de nada!... E é isso o que eu estranho!...

— Não tem dôres de cabeça?... Vertigens, ataques nervosos?... insistiu aquelle.

— Se tem, não sei... respondeu a criada, porque elle se não queixa nunca... E' outra cousa que eu estranho!...

— Come com appetite?...

— Tão pouco como d'antes...

— Está mais expansivo?... Conversa?...

— Está na mesma... E isso tambem não me queixa de contrariar!...

— Dorme bem?...

— Ah! Quanto a isso, acho que até dorme de mais!... Ultimamente, mal tocam as Trindades, já o senhor vigario está procurando a cama!... Só n'isto mudou durante a ausencia do Sr. doutor... D'antes levava ás vezes acordado até que horas de madrugada; e agora, é anoitecer, e já ninguem o detém de pé!... Deu para isso desde aquella celebre noite em que o vieram buscar para ir á avenida de Blancs-Manteaux.

O medico tomou novas notas e perguntou

depois, sem desfitar o olhar de onde o tinha pregado :

— Elle anda muito durante o dia?... Fatiga-se?...

— Não sahe agora de casa senão para os seus deveres...

— Não passeia?...

— Agora, nunca. D'antes ainda o fazia algumas vezes, e quasi sempre demorava-se por ahi, margeando o rio ou percorrendo a serra; mas depois da ida ao castello d'Aurbiny, nunca mais fez d'esses passeios. Mal acaba o que tem de aviar ahi por fóra, volta logo para casa e, chegando a noite, deita-se, haja o que houver!...

— E dorme logo?...

— E' deitar-se e pegar logo no somno.

— E o somno é socegado?... é profundo?...

— Póde vir a casa abaixo, que elle não dá por isso! Só desperta na manhã seguinte, ao raiar do dia. E nunca vi procurar a cama com tamanha sofreguidão; até parece molestia, Deus me perdôe!

— Singular!... muito singular!... resmungou o doutor, sem deixar de coçar o labio.

— Nem sei o que me parece aquelle modo de dormir!... tornou a criada, com um suspiro, em que denunciava toda a sua tristeza pelo estado do amo. Tenho meus receios de que

seja praga, credo! Virgem Santissima! mas ha no mundo tanto bôca damnada, e o Sr. vigario tem sido, n'estes ultimos tempos, tão perseguido pelos padres que vieram de Paris!...

O medico intrrompeu-a :

— Elle não lhe tem contado nada a seu respeito, minha boa amiga?... perguntou.

— Qual ! nunca esteve commigo tão fechado como agora...

— E' singular !... resmungou Cobalt, apertando os labios. E' singular !... Os phenomenos que observe n'este enfermo, desmentem as minhas experiencias já feitas nos hospitaes !... E' um caso singularissimo de hysteria no homem !... Ah, meus collegas, meus collegas, que sustentam que a hysteria tem a séde no utero !... Queria que estivessem aqui e haviam de confessar que ella nada mais é do que uma nevrose encephalica !... Platão, com o seu systema de utero desesperado por conceber, com o seu utero que camna e faz cabriolas até ao cerebro, é um idiota, como todos os seus discipulos que nos enchem as academias !... No seculo dezenove comprehenderão todos o que hoje este publico de caturras não quer comprehender !... Estupidos ! Não percebem que o vasto mundo dos nervos é tão grande, tão complicado e tão extraordinario, como todo um

.....

mundo planetario !... Fallam em psychologia ; fallam em intellecto, e não fallam n'essa cousa que ainda não tem nome—a vida automata dos nervos—isso, cujo conjuncto presinto e vejo pelas suas phenomenaes manifestações ; isso, que ha de encher uma época no mundo dos sabios e produzir uma grande revolução scientifica ; e que no emtanto habita uma parte material de nosso corpo, tão importante e tão pouco conhecida e estudada até hoje por mim e pelos meus actuaes confrades !... Ah ! não poder eu viver d'aquí a cem annos !... ou não ter talento e genio para poder adivinhar o que os outros mais tarde descobrirão !... Maldita seja esta minha cabeça inutil, e maldita seja a medicina !... E maldita seja principalmente esta minha ausencia de Monteli, durante a qual tantos progressos fez o meu doente na sua desconhecida molestia !... Ah ! mas hei de chegar a um resultado ou enforco-me no primeiro lampeão ou na primeira arvore que encontrar pelo caminho !

E, voltando-se vivamente para a tia Salomé, a limpar, offegante, o suor da testa :

— E elle em que estado acorda ?...

— Ora, Sr. doutor... Cada vez mais acabrunhado e abatido... respondeu a boa velha, sarpantada de todo com o ar perplexo do medico,

e sem comprehender nada do que elle levára lá a mastigar entre dentes, tão consumido da sua vida. As doze horas de somno do senhor vigário, em vez de lhe darem novas forças e fazel-o rijo, a modo que o deixam mais prostrado... Acorda cansado, nem que se chegasse de uma viagem muito longa, ou que então largasse n'aquelle instante um serviço muito forte !... Levanta-se da cama quasi cambaleando ; faz as suas orações, fatigado como se passasse a noite em claro ; barbeia-se cahindo de somno, e depois assenta-se um bom tempo, descansando. Se eu não vier chamal-o para a missa, é capaz de ficar ahi todo o santo dia, a scismar !... Outras vezes dá para passear no quarto, d'aqui pr'alli ; d'aqui pr'alli, horas e horas esquecidas ! E falla sozinho, e gesticula, que é uma desgraça !... Por mais de uma vez tem quebrado os objectos que lhe cahem nas mãos !... Ainda outro dia... depois de resmungar muito, agarrou no jarro do lavatorio e despedaçou-o contra a parede !...

— Diabo ! fez o medico soltando uma palmada na perna. Diabo ! Esta minha ausencia foi um transtorno infernal ! A nevrose chegou a um ponto em que se torna quasi incuravel !... Ah ! mas, haja o que houver, carregoo amanhã mesmo para o novo hospital de alienados que

acabei de abrir, e vou fazer n'elle as minhas primeiras experiencias da applicação da agua fria por meio de duchas graduadas ! Está decidido ! E é bem possivel que eu, d'aqui a pouco tempo, esteja apresentando á Academia de Sciencias o meu novo livro sobre o grande mundo dos nervos !...

E voltando a ter com Salomé :

— Não veiu de Pariz ninguem visital-o, além dos devotos do milagre ?...

— Ninguem... respondeu ella. /

— Diga-me uma cousa, tiasinha... mas falle com franqueza, que é para bem do nosso doente !... Nunca descobriu no vigario qualquer inclinação por alguma mulher ?...

— Credo, senhor doutor !... exclamou Salomé, benzendo-se. Credo, pai santissimo ! Pois então o senhor vigario seria lá capaz de... ! Elle, que é um santo !... Valha-me a Senhora dos Afflictos, que até senti um embrulho no estomago !

— Não ha duvida ! Carrego-o amanhã mesmo para o hospital !... Vou d'aqui tratar do que me falta para poder leval-o !

Salomé, que tinha ido até á janella, voltou para segredar apressada, ao medico :

— Elle ahi vem !...

Cobalt poz-se logo em retirada, e disse precipitadamente á velha :

— Continúe a observal-o. Volto em breve. Segredo, hein?... E tome lá para o seu rapé!

Atirou-lhe uma moeda e fugiu; enquanto Salomé, indo abrir a porta, considerava de si para si :

— O vigario estará soffrendo da cabeça, mas este medico, pelos modos, não regula melhor que elle!

E abriu a porta a Angelo, que entrou da rua mais taciturno e mais somnambulo do que nunca.

A criada foi ter ao seu encontro e deu-lhe as boas noites.

O infeliz não respondeu.

— Coitado!... pensou ella, considerando-o da cabeça aos pés com um olhar de lastima. Como elle está hoje!... Nem deu pela minha presença!...

E tomou-lhe o braço, para perguntar-lhe, gritando, como se fallasse a um surdo: — O senhor vigario quer que eu vá buscar a sua refeição?...

E, como elle ainda d'esta vez não respondesse, a boa velha afastou-se lá para a cozinha, resmungando :

— E' melhor mesmo que o doutor o leve, para ver se o endireita!...

A intriga dos invejosos vingára finalmente.

Angelo era já pelos seus superiores considerado um louco; o arcebispo suspendeu-lhe as ordens por tempo indefinido e ameaçou de excommunhão todo aquelle que fosse a Monteli em romaria devota.

Entretanto, elle parecia indifferente e alheio a tudo isso e continuava escravo dos seus dolorosos enlevos, como se o seu espirito vivesse com effeito em um outro mundo, um mundo só d'elle conhecido; um mundo longe da terra e longe das suas duras melancolias religiosas.

E, cada vez mais taciturno e sombrio, seu vulto, quando agora vagava pelas estradas, já se não detinha aos gemidos dos desgraçados, nem ao riso alvar dos imbecis que escarneciam d'elle.

Salomé tinha razão: a cousa unica que o preocupava agora, era o somno. Angelo queria dormir tanto quanto possivel, para sonhar muito.

O delirio conquistára-o de todo. O sonho vencêra a vida real.

Angelo foi até ao seu quarto e parou junto á cama.

— Eis enfim o momento de dormir!... pensou elle. Dormir! — estranho modo de morrer!... Sonhar! — estranho modo de viver!...

E atirou o chapéo para o lado, desfez-se do capote e continuou a meditar :

— Sim, murmurou, sacudindo a cabeça, sim eu vivo nos meus sonhos e mentiria se dissesse que os não desejo !... Desejo-os ardentemente ; volto d'elles com a consciencia afflicta e dolorida ; mas durante as longas horas do dia, nada mais faço que chamar pela noite, para poder correr aos braços de Alzira !... Sonhar !... Será vida o sonho ?... E porque não ?... porque supôr que esta é a vida verdadeira e a outra o não é ?... Porque, se ambas têm a mesma razão de ser ?... as mesmas duvidas, as mesmas incertezas !... Não são ambas um mysterio ?... Saberei por acaso o que eu era antes de nascer e o que serei depois da morte ?... De onde vim ?... Para onde vou ?... Eis o mysterio !... A vida, qualquer que ella seja, não será sempre um ligeiro sonho que se esváe entre dous naças ? Sahir de um ventre de mulher, para entrar no ventre da terra !... Eis tudo o que se sabe !...

E começou a espacear pelo quarto, gesticulando.

— Sim ! Qual das duas vidas será a verdadeira ?... Qual das duas será mentira e sonho ?... Poderei affirmar que existo n'esta ?

E começou a apalpar as mãos e a examinar seus dedos magros e pallidos.

— Este meu corpo será com effeito meu, e será com effeito um corpo?... Elle com effeito existirá?... Eu o estarei vendo, ou tudo isto será illusão?... (E apertou com força, entre os dedos, a carne do seu braço.) Doe-me! (E percorreu o olhar em torno de si.) Todos estes objectos que me cercam, existirão com effeito?... Sim! Eu os vejo! eu os alpapo! Eu os sinto com o meu tacto!

Salomé, que entrára com a merenda, estacou a olhar para elle, desconsoladamente.

— Que estará o senhor vigario a fazer ás voltas com aquella cadeira?... resmungou ella, notando que Angelo tinha uma cadeira erguida nas mãos e examinava-a com summa attenção. Parece admirar uma raridade!...

— Sim, exclamou o parochó. Isto existe!

E arremessou a cadeira no chão.

— Mão! mão! resmungou a criada. Hoje está para quebrar as cousas!...

E foi ter com elle, carinhosamente, depois de largar sobre a mesa a bandeja da merenda.

— Por que não trata de comer alguma cousa e recolher-se, senhor vigario?... Olhe que já são quasi sete horas!...

Angelo despertou:

— Sete horas? Já?... Sim; sim, vou deitar-me! Preciso dormir! dormir muito!

— Mas ha de primeiro tomar a sopinha de leite com pão. Vamos! venha para a mesa! (E conduziu-o até lá, puxando-o pelo braço.) Assim! Agora beba um trago de vinho!

Angelo obedecia, como uma criança, sem dizer palavra.

— Bom; disse a criada, quando viu que não conseguia fazel-o comer mais nada. Agora póde recolher-se. Boa noite!

E sahiu soltando um fundo suspiro de lastima.

O presbytero continou perdido nas suas scismas.

— Sonhar!... Sonhar!... Estarei eu sonhando agora, para d'aqui a pouco acordar nos braços de Alzira?... não! mas isto existe!

E tomou o copo de cima da mesa.

— Tanto existe... proseguiu elle, que eu posso quebrar este objecto! destruil-o! (E despedaçou o copo contra a parede). Eu tenho um corpo que sente; tenho uma alma que dóe! Ah! mas na outra vida palpita-me tambem o sangue dentro das veias! na outra vida a minha boca beija; os meus olhos choram; a minha carne treme de prazer e de dôr! na outra vida governo os meus membros, dirijo os meus pensamentos, e piso a terra, e respiro o ar, e como, e bebo, e amo!

N'isto abriu-se surdamente a porta que dava para o interior da casa, e a veneranda figura do velho Ozeas desenhou-se contra a sombra.

Vinha abatido pela sua longa enfermidade; parecia muito mais velho e macilento. Afundaram-se-lhe as faces e cavaram-se-lhe os olhos, onde transparecia agora, em vez do brilho mystico que os illuminava d'antes, uma triste luz de mortal desesperança.

Immovel, de braços cruzados sobre o peito, quedou-se a observar em silencio o espectro do seu discipulo amado.

Angelo não deu por elle e continuou a monologar, gesticulando :

— Sim! sim! Porque acreditar que esta miseravel existencia de cura de aldeia é a vida real e a outra não, a outra que é tão superior?... Sim! sim! Ou ambas são vida, ou são ambas sonho!... A unica differença é que lá eu vivo e goso, e aqui... apenas choro e soffro... Ah! sonho por sonho, prefiro o outro! no outro sou feliz, sou livre, sou um homem como qualquer; não tenho senhor; não tenho Deus! Lá—eu amo—eu sou amado! Sim! sim! Prefiro a outra vida! Corramos aos braços de Alzira!

E encaminhou-se para o quarto, com avidez.

Mas frei Ozeas, que lentamente se aproximára do discípulo, fel-o estacar, interpondo se-lhe na passagem.

— Oh! meu pai?... exclamou o parochó.

— Angelo! disse o frade, abrindo os braços, enquanto as lagrimas lhe corriam pelas longas barbas brancas.

— Meu pai aqui!

— Sim! Venho em teu soccorro, meu filho!  
E Angelo atirou-se-lhe nos braços, soluçando.





## XXVII

### A CONFISSÃO

**P**ASSADO o abalo da primeira impressão, um constrangido silencio fez-se entre Angelo e Ozeas.

O presbytero tinha os olhos baixos, como um criminoso, e o outro acompanhava-lhe os menores movimentos, tremulando a cabeça.

— Sim, meu filho... disse o velho afinal, venho em teu socorro!... Dize-me como estás e dize-me o que sentes...

Angelo não ergueu os olhos.

— Eu?... Nada!... tartamudeou. Creio que estou bom...

— E eu tenho a certeza do contrario, meu pobre Angelo...

E Ozeas acrescentou a um gesto negativo do discipulo:

— Ah! Não tentes enganar-me!... Tens,

seja qual fôr, uma preocupação bem grave, que inutilmente procuras esconder aos meus olhos !... Ha alguns instantes que te observo, que acompanho todos os teus movimentos; cheguei mesmo á ouvir muitas palavras do teu monologo de louco ! Ah, sim ! tens uma dôrescondida, e eu hei de arrancar-t'a e destruil-a, custe o que custar !... Vamos ! E' melhor que falles com franqueza !

— Nada ! Não tenho nada !... insistiu o parochó, visivelmente perturbado.

— Negas ? !... Desconheço-te, Angelo !... Já não és o mesmo casto discipulo, que eu cerquei durante vinte annos com a dedicação dos meus desvellos e da minha fé !...

— Creia que se illude, meu pai !...

— Tu é que me queres illudir, Angelo. Ah ! mas não o conseguirás ! Não supponhas que vim aqui ás apalpadelas... Tenho-te acompanhado de longe, desde que a enfermidade me obrigou a separar-me de ti...

E, recuperando de subito o seu antigo ar energico : — Exijo que me confesses abertamente a causa d'este teu estado actual !

— Mas...

— Exijo !

— Mas que lhe hei eu de dizer ?...

— Falla-me por exemplo das consequencias

d'aquelle estranho sobresaltô que te accommetteu quando celebravas a tua primeira missa... Ainda não me dèste conta d'isso!...

Angelo estremeceu, balbuciando alguns sons inintelligiveis.

E Ozeas accrescentou : — Sim, nunca me confessaste que elle foi provocado por uma mulher que se achava na igreja...

O parochô estremeceu ainda.

— E por que tremes agora?... bradou o velho. Porque abaixas os olhos?... Porque empallideces ainda mais?... Porque as lagrimas estão a correr-te pelas faces?... Ah! eram bem fundados os meus receios de então!... são bem certas as minhas desconfianças de agora!...

— Desconfianças?... De que?...

— De que Alzira te preoccupa ainda!...

— Alzira já não existe...

— Sim, já não existe para o mundo... Quem sabe, porém, se ella não continuará a existir para a tua imaginação enferma e desvairada?...

O pobre moço tomou-lhe as mãos.

— Porque diz isso, meu pai?...

— Porque vejo e comprehendo que uma idéa fixa te rói o cerebro e devora-te a razão! Quero saber o que é! Falla!

Houve uma pausa.

Ozeas proseguiu, mudando de tom :

— E' a primeira vez que bato ao teu coração e elle não se abre de par em par!... Compreendendo : já te não possúo!... Já não és o mesmo que foste para mim!... Já não és o meu filho submisso e casto!... Perdi tudo! Paciencia! Nada mais me resta a fazer aqui!... Adeus.

Angelo prendeu-o nos braços.

— Perdôe! perdôe, meu pai!

— Então falla!

— Ah! se soubesse quanto eu soffro!...

— E, não obstante ainda ha pouco sustentavas o contrario! Bem vês que tenho razão!...

— Sim, mas, por amor de Deus, não exija que eu falle!...

— Au contrario, quero que me abras o teu coração com toda a confiança; quero que m'ò despejes em confissão, como o fazias d'antes!

— Mas é tão estranho o que se passa comigo!...

— Conta-me tudo!

— Sou um imperdoavel peccador!

— Maior serias se me não fallasses com sinceridade!...

— Sou um desgraçado!...

— Não tanto, como se eu não estivesse a teu lado, disposto a salvar-te!...

— Mas o meu crime é traiçoeiro... só se

apodera de mim durante a inconsciencia do sonho...

Ozeas fixou-o, e, concentrando a attenção, disse depois surdamente :

— Continúa...

— Vou dizer-lhe tudo com franquezal...

E Angelo olhou para os lados, e accrescentou, abafando a voz : — Vou contar-lhe tudo...

— Falla meu filho...

— A perturbação que eu senti no dia em que me ordenei, era com effeito causada por uma mulher...

— Alzira...

— Sim... confirmou o parochó, sacudindo lentamente a cabeça. Sim... Alzira... Soube logo que esse era o seu nome; em volta de mim na igreja todos o repetiam quando ella me fitava da tribuna...

— Eu notei. E depois ?...

— Só a tornei a ver n'aquella noite em que deixei Pariz... E no dia em que ella veio procurar-me aqui...

— Sei. Adiante.

— Sua imagem, porém, nunca mais me sahiu da memoria, até que, uma noite, sonhei que vinham buscar-me para soccorrer um moribundo...

— Não foi sonho, foi a realidade...

— A realidade ?!... exclamou Angelo, arregalando os olhos pasmos. Então é real que a estreitei nos meus braços ?... Então é real que a resuscitei com os meus beijos ?!...

— Isso é que já foi sonho, ou melhor, delírio !

— Meu Deus ! onde começa o sonho ?... onde termina a realidade ?... Alzira teria com effeito vindo buscar-me no dia seguinte ao seu enterro ?... (Ozeas redobrou de attenção). Eu ter-me-hia transformado em um cavalheiro e ella em formosa dama ?... Teríamos sahido por ahi afóra, montados em fogosos cavallos, que nos levaram a mundos desconhecidos para mim ?... Teria eu percorrido com ella todas essas paragens maravilhosas ?... Teria eu provado de todos os venenos do prazer e bebido de todos os vinhos do amor ?...

Ozeas apoderou-se do braço de Angelo.

— E ella continúa a voltar ?... exclamou, sobresaltado.

— Sim, sim, volta sempre ! Ainda não faltou uma só noite até hoje ! Mal adormeço ella vem logo e carrega commigo ! E' ella a pessoa com quem eu mais convivo n'este mundo !

— N'este, não ! no mundo da tua loucura !

— E porque acreditar que este é o verdadeiro e o outro não ! ?... Ambos me occupam

doze horas; ambos palpitam de sentimento e de verdade; ambos têm as suas consolações e os seus desgostos !...

— Mas, meu filho, não te lembras que cresceste a meu lado; que viveste sempre comigo ?...

— Também no outro mundo tenho reminiscencias de uma vida inteira. Lembro-me do collegio, das ferias passadas com parentes, dos affagos de meus pais... sim ! porque lá não sou um miseravel engeitado... tenho familia e tenho amigos... E' uma vida completa e perfeita ! Esta outra existencia obscura, de parocho de aldeia, apresenta-se-me então ao espirito como um sonho extravagante e ridiculo !...

— E' preciso que Alzira nunca mais te appareça ! bradou o velho.

— Ah ! disse Angelo. Creio que só com a morte deixarei de vel-a !... E, ainda assim, quem sabe ?... Quem sabe se Alzira não virá ter commigo, quando esse outro sonho me adormecer para sempre ?... E quem poderá affirmar que eu vivo ?..., quem me dirá que não sou, como ella, um pobre espirito errante, um espectro, uma sombra, condemnado a nunca repousar ?...

— Cala-te, louco ! Não a verás hoje !

— Ella virá logo que eu adormeça !...

— Hoje não dormirás !

— Ella me espera !...

— Desgraçado ! já não és senhor de tua vontade ?... Acaso negociaste tua alma ?...

— Não, meu pai, minha vontade é a sua... minha alma pertence a quem m'a confiou ; pertence a Deus !

— Pois então obedece-me ! Põe o teu capote e o teu chapéo ; toma um alvião e uma enxada, e acompanha-me !

— Onde vamos ?...

— Depois o saberás. Ajoelha-te e pede ao Creador que te proteja !

O discipulo obedeceu.

E o velho acrescentou, erguendo os braços e os olhos para o céo :

— O' meu Deus ! O' senhor misericordioso ! não nos desampareis n'esta terrivel excursão que vamos emprehender !...





## XXVIII

### CRUZ E CALVARIO

**Q**ZEAS muniu-se de uma lanterna furtaluz e fez-se acompanhar por Ângelo, que levava o alvião e a enxada.

Sahiram.

A noute era bonita e frouxamente illuminada por um luar de abril. A aldeia dormia já, e apenas algumas arvores rumorejavam, sonhando talvez, ainda tontas da quente caricia do ultimo sol que as suffocára com os seus beijos de fogo.

Cães ladravam, de pescoço estendido, provocando o céo. As estrellas bruxoleavam tristemente no azul da abobada mysteriosa. Não se ouvia o pio de uma ave nocturna.

E os dous religiosos lá iam pela estrada, silenciosamente, projectando longas sombras na areia dos caminhos.

Pareciam dous espectros filhos da noite.

Andaram durante algumas horas. Atravessaram a aldeia, sem dizer palavra. E afinal chegaram a um cemiterio, que já não pertencia a Monteli e sim a Blancs-Manteaux.

— E' aqui, meu filho... disse o velho, parando, extenuado de fadiga.

Angelo nada respondeu. Encostou-se ao sinistro muro da casa dos mortos e respirou, descansando.

— O que vimos aqui fazer?... perguntou depois.

— Entremos... deliberou o outro, procurando o lado mais baixo do muro para galgal-o.

E penetrou no cemiterio.

Era um bem triste logar aquelle, com a sua dura symetria de tumulos enfileirados branquejando ao luar. Canteiros de flores, mais funebres que as sepulturas, pareciam dizer na muda linguagem das perpetuas e das margaridas todo o segredo das dôres e das saudades que alli gemeram junto aos que fugiram para debaixo da terra.

Mas agora, nem o écho de um soluço, nem a scintillação de uma lagrima!...

Esquecimento e paz absoluta! A lagrima nasceu liquida para seccar depressa, e o soluço

não tem azas para acompanhar a memoria dos que morrem !

Ozeas e Angelo puzeram-se a andar vagarosamente por entre os mausoléos, até chegarem ao campo raso dos mortos anónimos, para os quaes só ha uma numerada cruz de ferro, fria como o coração do coveiro que os sepultou.

O cemiterio era grande, mas de aspecto miseravel. Um vasto campo, que se estendia, subindo em rampa, até parar de subito n'um formidavel despenhadeiro, onde nunca chegava a luz do sol, nem das estrellas.

O frade, ao chegar a certo tumulo, coberto por um pedaço de marmore, deu luz á sua lanterna, e alumiou a lapida.

— Lê!... disse ao parochó.

— Ah! exclamou Angelo, cambaleando.

Na lousa estava escripto simplesmente « Alzira. »

— Aqui jaz o que d'ella resta!... segredou o velho.

E, depois de um silencio, accrescentou : — Levanta a lapida.

— Profanar uma sepultura!... Eu?... protestou Angelo, recuando. Não! Nunca!

— Assim é preciso! Obedece!

— Meu pai!

— Obedece!

O presbytero hesitou ainda.

— Obedece, ou eu te amaldiçoarei para sempre ! insistiu Ozeas.

Angelo abaixou a cabeça e começou a levantar a lousa com o alvião.

Conseguiu-o no fim de algum esforço.

— Agora, tornou o velho, quando viu aberto o tumulo, tira com a enxada o que está lá dentro.

O parcho voltou o rosto, exclamando :

— Oh, não ! não, por amor de Deus !

Ozeas tomou a enxada e retirou com ella uma caveira de dentro da sepultura.

Limpou-a á sotaina e levou-a até aos olhos do discipulo, dizendo :

— Vê ! Vê bem !...

— Uma caveira !

— Sim ! Uma caveira ! E' tudo que resta da belleza da tua Alzira !... a terra comeu-lhe os olhos, o nariz, a bôca, as faces côr de rosa... Só ficaram os dentes, para se rirem de ti, louco !

Angelo tomou a caveira entre as mãos e ficou a contemplal-a, abstracto como o principe da duvida.

Ozeas chegou-se mais para elle e disse-lhe, avisinhando a bôca do seu ouvido e abafando a voz como quem conspira :

— Vê bem!... E' uma caveira vulgar!... Confunde-se com todas as outras!... Foram-se-lhe os encantos!... Foram-se os cabellos com os seus perfumes sensuaes; os labios com os seus sorrisos seductores; os olhos com as suas chammas de amor!...

— Meu Deus! Meu Deus! soluçou Angelo.

— Resta apenas o osso! insistiu Ozeas. E' tudo que d'ella resta n'este mundo!... O mais que supponhas que exista; o mais que vejas nos teus sonhos libertinos, é loucura! Comprehende bem, Angelo! — Loucura!

— Meu Deus! exclamou Angelo, deixando cahir a caveira dentro do tumulo, e sentindo fugir-lhe a luz dos olhos. Meu Deus, vazei-me!

E baqueou no chão, abraçando-se á lapida.

Ozeas precipitou-se sobre elle, para soccorrel-o.

— Angelo! chamou. Animo! animo, meu filho!

O parochó não deu acôrdo de si.

E o pobre velho apalpou-lhe o rosto e o coração.

— Perdeu os sentidos! disse afflicto. Valha-me Deus! Valha-me Deus! Como lhe hei de eu valer! Se eu tivesse ao menos uma pouca d'agua! A sua fronte escalda de febre!

E correu os olhos em torno, desesperado por ver sómente a morte em volta do seu desespero.

— Ah! exclamou com uma idéa. Na capella! Talvez encontre o guarda!...

E, procurando activar os seus cançados passos de ancião, afastou-se, deixando Angelo abraçado á louza de Alzira.

Angelo ergueu a cabeça no fim de algum tempo e recuou, ajoelhando-se na terra.

Todo elle tremia.

Aos seus olhos desvaçados um terrivel espectáculo se patenteava n'aquelle instante.

Alzira surgia lentamente da sepultura. Vinha toda de branco, no seu longo roupão funereo, em que elle a víra estendida no leito da morte, quando louco de amor, a estreitára nos braços. Tinha os cabellos soltos sobre as espadoas, os olhos reprehensivos e tristes, a bôca entreaberta por um sorriso amargo, mostrando a embaciada perola dos dentes.

— Ah! gritou o parochó, fitando-a.

E um singular dialogo travou-se entre os dous :

— Para que vieste profanar esta sepultura?... perguntou o branco espectro de Alzira, estendendo o braço.

Angelo, respondeu, sempre de joelhos e sem despregar os olhos d'ella :

— Para me convencer de que não és mais do que vil despojo! Para me convencer de que és pó e lodo!...

— E que lucraste com isso?...

— A razão, porque tu me enlouqueces... Tu és a minha loucura, seductor demonio!

— Loucura! E conheces, por acaso, alguma cousa no mundo que não seja delirio e loucura?... O que é a tua virtude senão loucura?... O que é a tua sciencia?... o que é a tua religião?... Tudo isso é a insania!... Tudo isso é a febre dos doidos!... é o desvairar dos loucos!...

Angelo arrastou-se para ella, exclamando supplicante :

— Então não me deixes viver outra vida senão esta em que eu te tenho ao meu lado, ao alcance dos meus labios!... Leva-me, como nas outras noites, para os teus palacios encantados; para as tuas grutas mysteriosas; leva-me para onde quizeres! Eu serei o teu pagem! o teu amante! o teu escravo!

— É, tarde! replicou Alzira, desviando-se, sem sahir de onde estava.

— Não! insistiu o parochó, não é tarde! Venha a minha espada de cavalleiro! Venha o meu feroso ginete de longas crinas fluctuantes! Arranca-me d'esta abominavel mortalha preta,

em que me envolveram desde o berço! Arrancá-me d'esta vida estúpida, e dá-me a outra ideal e sonhadora! Vamos! Quero ser de novo um aventureiro; quero as minhas paixões; quero o meu punhal! quero a formosa mulher que palpitava de amor nos meus braços! Vamos! Vamos, minha Alzira, minha adorada estrella, poesia da minha vida, encanto da minha alma! Vamos! attende-me!

— E' tarde!

— Ah! gemeu o misero, deixando cahir a cabeça entre as mãos, a soluçar.

— Ouve, desgraçado! tornou a sombra de Alzira, com uma voz triste e plangente. O amor que te votei era tão grande, que ninguem jámais amou tanto sobre a terra!... Tão grande, que eu consegui, das inviolaveis profundezas d'este mundo dos mortos, crear um novo modo de viver contigo! Dei-te a vida ideal do sonho, onde não terias nunca as tristes miserias d'essa outra vida em que vegetas!... Mas tu, insensato! acabas de destruir o que eu com tamanho amor creei para a tua felicidade!... Que lucraste em desfazer a nossa vida fantastica?... Que vantagens descobriste n'essa miseravel existencia que te resta agora, tão carregada de tedios e mesquinhas necessidades?.. Onde melhor poderíamos gozar a suprema ventura de nos

amarmos do que em um mundo ideal, inventado pelo nosso proprio amor?...

— Sim! sim! exclamou Angelo. Eu quero viver eternamente contigo!... Eu quero continuar a ser uma sombra! Eu quero sonhar!

— E' tarde! repetiu o espectro. Mira-te na tua obra!

E o seu rosto começou a fazer-se pallido, e mais pallido, até tornar-se côr de osso; e os seus olhos foram-se esfumando, a cobrirem-se de sombra, até que nada mais eram do que dous negros buracos apagados; e o seu nariz desapareceu; e os seus cabellos abandonaram o craneo amarelento e nú; e os seus labios sumiram-se, deixando a descoberto os dentes já sem brilho.

E a caveira resurgiu afinal, sorrindo para Angelo, pavorosamente.

E, por debaixo do alvo roupão mortuario, foi, pouco a pouco, fugindo a carne que o enchia. Desfizeram-se as voluptuosas curvas dos quadrís e do collo. A tunica engehou bamba como uma mortalha sobre um esqueleto.

E Angelo ouviu um sinistro cascalhar de ossos; e, soltando um grito, viu cair e sumir-se o desfeito espectro na aberta e tenebrosa bôca do sepulcro.

Debruçou-se sobre a cova, olhando lá para dentro.

Nada mais viu do que um punhado de lodo.

Ozeas acudira de carreira, e lançou-se para elle com os braços abertos.

— Que tens, meu filho? Que tens?... Falla ! exclamou, erguendo-o.

Angelo poz-se de pé, passou a mão pela fronte, e disse amargamente :

— Acabou-se tudo... Nunca mais, nunca mais a verei!...

— Por Deus que nunca mais ! confirmou o velho. Os céus ouviram minhas supplicas e acabam de restituir-te á razão !...

O parcho olhou em torno de si, como um allucinado que recuperasse n'aquelle instante o entendimento.

— Ah!... disse depois. Eu estava louco !... Sim... agora comprehendo... Era tudo desvario !... Era tudo illusão !...

E calou-se durante algum tempo.

— Sonhos!... sonhos !... proseguiu quasi em segredo, meneando a cabeça desconsoladamente. Sim... eu existo... eu sou o seminarista Angelo... o pupillo de frei Ozeas... a criança encontrada á porta do convento de São Francisco de Paula... Aquelle amor, toda aquelle felicidade, eram sonho, eram loucura!...

E apontando para dentro da sepultura:

— Isto aqui... é a realidade!... isto aqui é a vida!...

— Sim! confirmou o frade.

Angelo tomou-lhe as mãos, perguntando-lhe anciosamente:

— Então, nunca mais a verei?... nunca mais a estreitarei nos meus braços, peito a peito, labio a labio?...

— Não!

— Então, n'esta vida real, nunca mais terei um raio de amor, que aqueça minha alma?...

— Tens o amor de Deus!

— Deus?... E onde está elle, que nunca o vi, apesar de lhe ter dedicado a vida inteira?...

Ozeas ergueu o braço, apontando para o céu.

— Lá?... perguntou Angelo, como uma criança, apontando também. Mas lá é tão longe, tão longe... que minha voz, nem o meu entendimento alcançam!...

— Mas alcança tua alma!...

— Não! minha alma é irmã gêmea do meu corpo, e ambos são filhos da terra! Sou um homem!

Ozeas estremeceu ouvindo estas palavras e bradou com energia:

— Não és um homem, és um padre!

Angelo fitou-o, approximando o seu rosto do d'elle.

— E quem me tirou o direito de ser homem?... interrogou. Quem me obrigou a ser padre?... Qual barbara violencia foi essa de me trocarem um direito por uma responsabilidade?... Quem foi que commetteu este crime?!

E, segurando violentamente o braço de Ozeas, bramiu com os labios tremulos e os olhos arregalados sobre elle.

— Ah! ah! Foste tu, bem o sei!... Encontre-me pequenino, desamparado, sem ter nada no mundo, nem mãe ao menos!... e carregaste-me para a tua sombria furna, como a féra carrega com a mesquinha presa! Enceraste-me n'aquelle tenebroso convento, e ahí me deformaste a alma, que nem um saltimbanco ao corpo do engeitado que lhe cahe nas garras!

E, cruzando os braços, interrogou com uma voz terrivel, perfilado defronte de Ozeas :

E quem te deu o direito de deformar minha alma?! Quem te deu o direito de fazer de mim um padre?!

— As minhas sagradas convicções, as minhas crenças, respondeu o egresso.

Angelo sorriu ironicamente,

— Crenças... convicções... disse. E tudo

isso de que me serve agora?!... Eu quero viver! Eu quero o quinhão de vida a que tenho direito! Restitúe-me a minha mocidade, o calor do meu sangue, o meu talento! Entregá-me o que me roubaste, ladrão!

Ozeas deixou-se cahir de joelhos e abriu os braços, volvendo para o céu os olhos lacrimosos.

— O' meu Deus! supplicou. O' meu Deus! piedade para elle! Soccorrei-o! Illuminae-o com a vossa divina graça!...

— E' tarde!... rouquejou Angelo. A sombra de Alzira bem o disse!... E' tarde, roubador de crianças, salteador d'almas! Já nada tenho a perder, porque me roubaste até a ultima illusão! Nada mais me resta a fazer n'este mundo de nojentas miserias! Sê maldito! Adeus!

E lançou-se de carreira para o abysmo onde terminava o cemiterio.

Mas Ozeas alcançou-o e prendeu-o nos braços.

— Meu filho! meu filho! Attende-me, por amor de Deus!

— Não sou teu filho, não sou nada! sou um padre! respondia Angelo, debatendo-se para arrancar-se dos braços d'elle. Deixei de ser um vivo entre os mortos! Sou um morto entre os vivos!

— Que vais fazer, Angelo!

— Completar n'aquelle abysmo a tua obra, bandido!

— Não! gritou Ozeas, fazendo um supremo esforço para desviar o filho do precipicio. Não te matarás!

E engalfinhados n'uma tremenda luta, rolaram até á sepultura de Alzira.

— Não has de morrer!

— Pois morrerás tu! exclamou o parochó, offegante, pondo-lhé o joelho sobre o peito.

E arrancou uma cruz da terra.

— Vês?... disse, bramindo-a com o braço erguido. E' com a propria arma da tua religião que te vou ferir!

E cravou-lh'a na garganta.

— Ah! gemeu Ozeas. Perdoae-lhe, Senhor!

E vendo que Angelo galgava a rampa do precipicio, tentou ainda arrastar-se para lá, inutilmente. Gorgulhava-lhe forte o sangue da ferida.

— Angelo! meu filho! Attende! vagiu agonisando. Não procures a morte!

— Não é a morte, o somno eterno! respondeu o parochó. Eu quero sonhar!...

E de um salto precipitou-se no abysmo.

# INDICE

---

PROLOGO . . . . .	XIII
I. A CELLA MYSTERIOSA. . . . .	I
II. FREI OZEAS E O ENGEITADO . . . . .	9
III. VIRGINDADE NO HOMEM . . . . .	21
IV. SUCCESSO DE ANGELO . . . . .	33
V. UM HOMEM PURO DISCUTIDO POR MULHERES IMPURAS . . . . .	41
VI. FRAGIL COUSA É O GELO. . . . .	51
VII. FULMINAÇÃO. . . . .	61
VIII. UM OLHAR DE MULHER. . . . .	71
IX. ACCEDO: . . . . .	79
X. ANGELO AMEAÇADO . . . . .	89
XI. O MARQUEZ DE FLORANS NAS TEIAS DE UMA ARANHA . . . . .	99
XII. AH, MULHERES! MULHERES! . . . . .	109
XIII. ERA O AMOR!. . . . .	121
XIV. DUAS VEZES ENGEITADO . . . . .	129
XV. MUNDO, DIABO E CARNE. . . . .	137
XVI. EMMURCHEÇER DE UMA FLÓR. . . . .	145
XVII. MAL MYSTERIOSO . . . . .	155
XVIII. PRIMEIRO BEIJO . . . . .	171
XIX. POR FÓRA D'HORAS. . . . .	179
XX. ENTRE A VIDA E O SONHO . . . . .	187

---

XXI. O MUNDO DOS MORTOS. . . . .	207
XXII. ELLA ! SEMPRE ELLA !	221
XXIII. MISERIAS DO CORAÇÃO . . . . .	233
XXIV. O' LOUCO ! O' LOUCO !	249
XXV. LUTA DE ANGELO COM A PROPRIA SOMBRA.	267
XXVI. A DUVIDA. . . . .	285
XXVII. A CONFISSÃO	299
XXVIII. CRUZ E CALVARIO.	307











